

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Marcos Paulo de Castro Mello

O Bar, o Estádio e as Mulheres: uma etnografia do Catanga Futebol Clube

JUIZ DE FORA

2021

Marcos Paulo de Castro Mello

O Bar, o Estádio e as Mulheres: uma etnografia do Catanga Futebol Clube

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Luzimar Paulo Pereira

JUIZ DE FORA

2021

de Castro Mello, Marcos Paulo.

O Bar, o Estádio e as Mulheres : uma etnografia do Catanga Futebol Clube / Marcos Paulo de Castro Mello. -- 2021.

114 p.

Orientador: Luzimar Paulo Pereira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2021.

1. Mapeamento social. 2. Sociabilidade agonística. 3. Conflito. 4. Fama. I. Pereira, Luzimar Paulo, orient. II. Título.

MARCOS PAULO DE CASTRO MELLO

**O BAR, O ESTÁDIO E AS MULHERES: UMA ETNOGRAFIA DO
CATANGA FUTEBOL CLUBE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Dissertação defendida e aprovada em 30 de junho de 2021.



Prof. Dr. Luzimar Paulo Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profª. Drª. Cristina Dias da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Fundação Getúlio Vargas/Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares, amigos e colegas que me acompanharam durante o desenvolvimento desta pesquisa. Foi um percurso muito difícil, por vezes tortuoso, mas de muito aprendizado. Em especial, agradeço a minha mãe, Ana, pelo seu amor e apoio incondicional. Ao Geraldo, por colocar a felicidade das pessoas ao seu redor como prioridade. Ao meu pai, Marcos, por me dar a certeza de ter com quem contar em qualquer circunstância. Ao meu irmão André e minha cunhada Layza, pela grande amizade que construímos e cultivamos mesmo a distância. À minha “boadrasta” Lucimar, pelo carinho e por ser exemplo de dedicação em tudo que se propõe a fazer. À Selminha e a sua capacidade de tornar cada momento especial, com muitos sorrisos. Muito obrigado!

Agradeço também a hospitalidade e cumplicidade da Família Motta e agregados: Valéria, Rogério, Lucas, Matheus, Taelle, Gabi, Vó Teresa. Vocês tornaram a minha vida em Passa Quatro muito mais feliz. Agradecimento especial para Edinho, além de ter me recebido em sua casa e contribuído significativamente para este trabalho com bastante entusiasmo, se tornou também um grande amigo.

Agradeço à Casa de Cultura de Passa Quatro e ao seu funcionário Fábio Motta pelas dicas sobre diversos materiais históricos que foram de suma importância para este trabalho.

Para manter-me firme frente a vida, só foi possível pela presença de muitos amigos, agradeço o meu grande camarada Raphael Rompinelli por tantos perrengues que passamos juntos e estendo aos nomes que faltarem nessa lista, carregue todos vocês sempre comigo.

Não posso deixar de expressar a minha eterna gratidão e respeito ao meu orientador Luzimar Paulo Pereira por ter embarcado nessa jornada comigo. Muito obrigado pela paciência, pela dedicação e pelas valiosas conversas que tivemos.

Agradeço aos professores Cristina Dias da Silva, por quem nutro profunda admiração desde o período de graduação, e Bernardo Buarque de Hollanda, pelas contribuições e ensinamentos que foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que possibilitou o início e parte do desenvolvimento desta pesquisa.

Gostaria de agradecer também a Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição que me acolheu por tantos anos, assim como o Programa de Pós Graduação em Ciências

Sociais. com seus mestres, doutores e demais funcionários que possibilitaram a continuidade dessa caminhada.

Agradeço imensamente a todos os catanguenses que, de uma forma ou de outra, foram todos fundamentais para a realização desta pesquisa. Me faltam palavras para expressar o tanto que todos vocês fizeram por mim. Nada disso teria sido possível sem a presença e participação de cada um de vocês. Vocês sabem quem são.

Finalmente, à Bruna, a quem dedico profundo agradecimento. Obrigado por ser inspiração, por permanecer o tempo todo ao meu lado, sempre me fazendo acreditar que eu era capaz. A dedicatória desta dissertação é apenas uma singela maneira de reconhecer e agradecer pelo seu apoio permanente.

RESUMO

O presente trabalho buscou abordar o futebol como um fenômeno social, encarando-o enquanto parte de um processo social mais amplo, por um contínuo acontecer que envolve uma dinâmica complexa mobilizada por aqueles que com ele se envolvem nos estádios, nas ruas, nos bares, nos blocos de carnaval, considerando-o a partir de rituais conectados à vida cotidiana. Para este empreendimento, realizamos uma etnografia com jogadores, dirigentes e torcedores do Catanga Futebol Clube, time de futebol amador de Passa Quatro, região sul mineira. O trabalho de campo nos permitiu compreender como, ao voltarmos nosso olhar para o Catanga Futebol Clube, também lançávamos luz para o bairro em que viviam, seus significados, relações e dinâmicas específicas que ali se desenrolavam. Nesse sentido, foi possível compreender como esta coletividade participava ativamente de uma dinâmica que envolvia operações de mapeamento, em que estes sujeitos mantiam-se sempre atentos às ações e acontecimentos, sob os contornos de uma sociabilidade agonística que reforçava uma conflitividade latente, cujos embates de reputação orientavam aspectos desses personagens em narrativas sociais. Assim, enquanto representantes de uma localidade marginalizada na cidade, a equipe de futebol se tornou fonte de respeitabilidade e uma oportunidade de demonstrar o valor daquele lugar, através do qual o bairro era ressignificado pelo futebol através dos conflitos da torcida.

Palavras-chave: mapeamento social, sociabilidade agonística, conflito, fama.

ABSTRACT

The present work sought to approach football as a social phenomenon, facing it as part of a broader social process, through a continuum that involves a dynamic mobilized by those who are involved with it in the stadiums, in the streets, in the bars, in carnival, considering it from rituals linked to everyday life. For this project, we carried out an ethnography with players, directors and fans of Catanga Futebol Clube, an amateur soccer team from Passa Quatro, in the southern region of Minas Gerais. The work of meaning in their soccer fields illuminates how, when we returned to Catanga Clube, we also launched specific relationships and dynamics that unfolded there for the neighborhood in which they lived. In this sense, it was possible to understand how this activity actively participated in a dynamic that involved the study operations, in which these subjects were always attentive to actions and events, under the aspects of an agonistic sociability that reinforced a late conflict in the contours of orientations events guide aspects of these characters in social narratives. Thus, as representatives of a marginal locality, the football team became a source of respectability and an opportunity to demonstrate the value of this region, through which the neighborhood was re-signified through the conflicts of the fans.

Keywords: social mapping, agonistic sociability, conflict, fame.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O BAIRRO DO CATANGA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEXTUAIS.....	22
2.1	O processo de modernização do futebol no Brasil: um breve histórico.....	22
2.2	As casas populares.....	35
2.3	Estruturas e pessoas: solidariedade e tensões no Catanga.....	40
2.4	A dinâmica das competições.....	47
2.4.1	A Liga Desportiva Caxambuense.....	48
2.4.2	O campeonato municipal de futebol amador de Passa Quatro.....	51
3	PENSANDO O FUTEBOL E A CIDADE: PEDAÇOS, TRAJETOS E SÍMBOLOS.....	56
3.1	Inserção no trabalho de campo: bar, avenida e estádio.....	57
3.2	O trajeto do futebol.....	61
3.2.1	No Estádio.....	68
3.2.2	A “casa” do Catanga.....	70
3.2.3	De volta ao bar.....	74
3.3	Marcas e símbolos.....	76
3.4	Cânticos e gritos de guerra: elementos não visuais.....	83
3.5	Quando os jogadores “viram música”.....	87
4	O JOGO DE CINTURA E A BEBIDA: A QUESTÃO DO CONTROLE.....	90
4.1	O dible: o confronto dentro do campo.....	93
4.2	Lutando contra a fama fora de campo.....	96
4.3	A “torcedora problema”.....	99
4.4	Produzindo a diferença: o caráter dissociativo do futebol.....	107
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
	REFERÊNCIAS.....	112

1 INTRODUÇÃO

[...] E é também, neste “futebol verdade” das pequenas cidades, sem cifras e salários astronômicos, sem compra e venda, sem passes fabulosos, que se respira o verdadeiro futebol: o futebol-arte, futebol-ação, futebol-vida. A multidão vibra, xinga, delira, chora, briga e empurra o seu time. E, empurrando os times, lutando no anonimato, para o seu crescimento, os nossos heróis: os dirigentes de futebol. Homens do povo, operários, comerciantes, empresários, médicos, motoristas, uma mescla de profissões, de credo, de cor de pele a lutar pelo ideal tão simples de fazer seu time jogar bola com arte. Através dos tempos, Passa Quatro, nossa terra, teve muitos... Sofreram pelos seus times, lutaram pela aquisição de suas camisas (que alegria ao ver seu time entrar em campo, todo uniformizado!) brigaram, viveram, enfim, o futebol (Dona Ângela Marcondes, 1997).

O momento crucial que culminou no meu interesse em pesquisar o futebol em Passa Quatro foi no dia 2 de março de 2019, durante os desfiles dos blocos de carnaval. Era uma segunda-feira, a rua na frente da Igreja Matriz estava tomada por foliões. Algumas pessoas de camisetas brancas pediam passagem, anunciando que o Bloco da Feira iria começar. Os presentes começaram a se aglomerar nas calçadas para prestigiar o evento. O bloco iniciou seu trajeto seguindo a cadência da bateria, percorreram poucos metros quando um dos integrantes que estava na dianteira gesticulou para que todos parassem por um instante. Posicionados de maneira intencional, na frente de um dos bares mais conhecidos da cidade, começam a bradar a seguinte frase: “Ei! Fabinho¹, vai toma no cu! ”.

Na sequência, algumas pessoas de camisetas vermelhas e pretas saíram exaltadas do bar e foram confrontar parte do bloco logo no fim da rua, mas foram contidos por outras pessoas que acompanhavam o desfile. Um dos foliões do Bloco da Feira se juntou ao grupo em que eu estava presente e se apresentou como primo do dono do bar: “Fabinho tá puto comigo, me viu com o pessoal que xingou ele”. Curioso com o ocorrido, perguntei como era a relação entre eles e o rapaz não hesitou “ele é como um irmão para mim, a gente cresceu junto, mas sabe como é, é coisa de futebol”. Prosseguiu explicando a sua conexão com o bairro: “eu sou Feira desde pequeno, sempre joguei futebol pelo time deles”. Caminhando para o fim da nossa conversa, me contou que também torcia pelo Clube de Regatas do Flamengo e cogitava assistir ao jogo de estreia do time no campeonato Libertadores da América de 2019, dois dias após o fim do carnaval na cidade, no bar do primo.

¹ Todos os nomes da dissertação são fictícios.

Nesse contexto, despertou-me a atenção à maneira como se constrói essa rivalidade carnavalesca que se unia ao universo futebolístico, evidenciando como o futebol produzia questões importantes no modo como se instituem as relações sociais na cidade.

No presente trabalho busquei abordar o futebol como um fenômeno social importante, encarando-o enquanto parte de um processo social mais amplo, um contínuo acontecer que envolve uma dinâmica complexa mobilizada por aqueles que com ele se envolvem seja nos estádios, nas ruas, nos bares, nos blocos de carnaval e nas suas atividades cotidianas. Articulado às inúmeras instâncias da vida social, o futebol tem o potencial de revelar um panorama de personagens diversos e, conseqüentemente, os códigos de seus comportamentos.

Para pensar o futebol enquanto um processo social, eu me inspiro em Victor Turner (2005), para quem o simbolismo ritual implica a realização de comportamentos prescritos, um rito — pensa o autor — não estaria desvinculado da vida social cotidiana. Seu papel no processo social seria o de instituir um momento no qual aquela sociedade colocaria em suspenso seu fluxo cotidiano para pensar a si mesma por formulações simbólicas.

Descobri que não conseguiria analisar símbolos rituais sem estudá-los numa série temporal em relação com outros “eventos”, pois os símbolos estão essencialmente envolvidos com o processo social. Vim a conceber os desempenhos do ritual como sendo fases distintas no processo social, através dos quais grupos se ajustavam a mudanças internas e se adaptavam ao seu ambiente externo. Desse ponto de vista, o símbolo ritual transforma-se em um fator de ação social, em uma força positiva em um campo de atividade (TURNER, 2005, p.49).

Nesse sentido, o antropólogo britânico propõe pensar a sociedade humana de maneira processual, ou seja, considerando a capacidade que os indivíduos e as coletividades têm de se colocar fora de modelos e padrões de comportamentos estabelecidos para poderem pensar a si mesmos. Turner (2008) sugere uma busca por processos onde, a partir da ação simbólica, padrões e modelos anteriores são sujeitos a críticas, abrindo assim a possibilidade de novas formas de descrever e interpretar a experiência sociocultural (TURNER, 2008, p.13).

Essa abordagem nos permite considerar o futebol a partir de rituais dentro de um processo social mais amplo, em que está conectado a vida cotidiana. A prática se institui, portanto, como uma linguagem, ou idioma, por meio do qual sociedades específicas podem falar de e pensar a si mesmas. O entendimento do futebol como parte de um processo social

mais amplo nos dá a oportunidade de escutar e aprender a língua do outro, seja este de um bairro da periferia de uma cidade do interior do sul de Minas Gerais. Com o futebol, surge um universo de preferências, ideias, intrigas, diversão e expressões diversas através de arranjos, contatos e trocas culturais muito particulares. É em torno disso que busco tentar entender a clivagem desse cotidiano, a dinâmica social e como o futebol vem moldado essas relações.

O antropólogo Clifford Geertz (1989) sugere repensar a prática etnográfica a partir do conceito de semiótica de cultura.

O conceito de cultura que defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (GEERTZ, 1989, p.4).

Dialogando com a Sociologia de Max Weber, segundo a qual o homem vive e percebe o mundo como dotado de sentido que ele mesmo criou, Geertz marca o sociólogo alemão de maneira etnográfica, onde o modelo analítico compreendido como “tipo ideal” seria uma espécie de categoria distante, uma ferramenta que o antropólogo tem a sua disposição quando entra em campo e está operando nesse primeiro momento, ainda nos seus próprios termos de análise enquanto pesquisador e não a dos nativos. Para o autor norte-americano, o pensamento seria uma ação social e por isso seria possível de ser analisado, trazendo sua concretude em um dos seus elementos que são os símbolos. Assim, todo o programa proposto é o método hermenêutico pelo qual se leva a sério o símbolo, é nele que se tem acesso ao ponto de vista do nativo, ou seja, se entende e compreende como os indivíduos pensam e veem o mundo. Nesses termos, o símbolo seria o vínculo material do pensamento que se constitui na linguagem, ocorrendo em praça pública, portanto é empírico. Com isso, a cultura é pensada como um texto em que o antropólogo deve interpretar, de modo que ao estudar a cultura, se estuda as trocas de símbolos e quais são os efeitos que esses símbolos têm para a vida social.

Para operacionalizar sua proposta, Geertz (1989) faz uma etnografia sobre a “Briga de Galos em Bali”, aonde a partir da sua perspectiva, busca aproximar a prática do antropólogo com a prática do nativo, ou seja, tanto o antropólogo, como também os nativos, fazem o tempo todo analogias simbólicas com a própria briga de galos e outros aspectos da vida balinesa, de modo que ambos conhecem através de símbolos, das analogias simbólicas.

Supõe-se que a briga de galos está comunicando algo, expressando uma ideia, em que os balineses compartilham o código galo que, segundo o autor, é a metáfora do homem e a extensão de sua masculinidade, expressão da criatividade masculina. É a partir da coleta de evidências do antropólogo que a briga de galos se torna uma fonte empírica privilegiada para a compreensão da sociedade balinesa, com ela se fala também em status, hierarquia, humanidade e animalidade.

A linguagem do moralismo cotidiano pelo menos é eivada, no lado masculino, de imagens de galos. Sabung, a palavra correspondente a galo (que aparece em inscrições antigas como 922 d.C.) é usada de forma metafísica com o significado de “herói”, “guerreiro”, “campeão”, “homem de valor”, “candidato político”, “solteiro”, “dandi”, “Dom Juan” ou “cara durão” (GEERTZ, 1989, p.189).

Isto posto, o galo seria a metáfora do homem, uma extensão da masculinidade onde os balineses se referem ao “pênis”, ao “herói”, “guerreiro”, entre outros, da mesma maneira que se referem ao galo, formando um idioma do galo na vida cotidiana balinesa, portanto o galo aparece em diferentes contextos e trazendo significados distintos. Dessa forma a cultura seria esse conjunto de textos interligados, entrelaçando uns nos outros, formando um conjunto de significados. O significado do elemento de um texto vai ser achado em outro texto de uma mesma cultura, isto é, a cultura fazendo metáforas dentro dela mesma. Assim, pensar a cultura como uma reunião de textos seria se debruçar em um “reenfoque metafórico”, tratando questões mais gerais a partir do substancial, realizando análises abstratas a partir de pequenos acontecimentos e gestos do local para o global, do minúsculo para o maiúsculo, dando assim inteligibilidade aos acontecimentos pequenos, em outros termos, dizer alguma coisa sobre algo.

Inspirado também nessa perspectiva de Geertz, a proposta de se entender como o futebol se torna o idioma por meio do qual se pode falar de vários aspectos da vida social, implica não perder de vista o entendimento do futebol como um fato plural e multifacetado em sua diversidade. Assim, o futebol fala da vida dos moradores e torcedores do Catanga do mesmo modo que a briga de galos fala dos balineses, isto é, a partir de vários idiomas possíveis.

Pensando o futebol como um fenômeno social em um contexto majoritariamente urbano, Toledo (1996) ressalta: “Inscreve-se na cidade através do futebol e de suas torcidas,

uma variada gama de emoções, preferências clubísticas, adesão a grupos, que traduzem no nível social determinadas regras, padrões de comportamento, que transcendem os limites das partidas e jogos em si” (TOLEDO, 1996, p.12). Desse modo, o futebol corresponde a um fenômeno que passa pela ordem do vivido e do falado e não está restrito ao momento em que a bola rola especificamente, por ocasião das partidas, mas também em outros momentos e espaços, como na sede e trajetos diversos.

Cada partida de futebol era uma possibilidade de se conceber uma diversidade de narrativas e para compreendê-las, era preciso olhar para além do jogo propriamente dito. Segundo Arlei Damo (2006), o jogo de futebol é um “evento que enseja significação, mas é suficientemente aberto para comportar uma pluralidade delas” (DAMO, 2006, p.35). Para traduzi-los é preciso estar atento as ações que permeiam esse universo futebolístico.

Os significados das práticas futebolísticas estão, em grande medida, encravados na própria ação. É preciso traduzi-los. Nesse caso, não se pode falar em futebol e nem em futebóis, mas em elementos menores como dribles, passes, gols, chutes, clubes, torcidas, torcidas organizadas, atletas, um determinado atleta, enfim, é preciso retalhar a floresta (DAMO, 2006, p. 35).

Arlei Damo (2020) sugere empregar o termo “futebois”, a partir do qual se pode compreender a prática futebolística agrupada em cinco matrizes (matriz bricolada, espetacularizada, comunitária, escolar e o futebol feminino); cada uma delas marcadas por especificidades que precisam ser consideradas no percurso investigativo sobre o futebol.

Antes de argumentar que o futebol é popular por ser passível de improvisação, seria mais sensato supor o inverso, sendo o improviso uma estratégia universal, própria da engenhosidade humana, de tal modo que os balineses adaptam as rinhãs de galo, os norte-americanos, basquete e beisebol, os samoanos, rúgbi, e nós, assim como os ingleses e os argentinos, bricolamos o futebol (DAMO, 2020, p.311).

A diversidade entre as práticas futebolísticas realça diferenças entre as matrizes que são da ordem do simbólico, melhor dizendo, que não são produzidas espontaneamente. Converter um time de futebol em um símbolo vivo de uma comunidade requer um certo envolvimento que se coaduna com o torcedor se reconhecer enquanto membro de uma coletividade. Inspirado em Durkheim (2000) de *As formas Elementares da Vida Religiosa*, Arlei Damo (2020) argumenta que, no futebol, a “força que se percebe na multidão é vivida subjetivamente, a partir da sobreposição do “eu” ao “nós” (DAMO, 2020, p.312). Dessa forma, o esporte nos permite levantar questões importantes sobre identidades e alteridades.

Para se tornar símbolo, é preciso ter um envolvimento, pois é nesse sentido que se compreende o símbolo enquanto potência de pertencimento.

Para podermos reconstituir as práticas do torcer — o que implica perguntar por quem, como, onde, com quem e para quem — é preciso alargar nosso horizonte compreensivo acerca dos significados do pertencimento, seja ele por uma equipe que representa um clube ou um Estado-nação (DAMO, 2020, p.322).

Como sugere Spiaggiari (2020), compreender o futebol em sua complexidade significa percebê-lo enquanto um fenômeno articulador de diversos elementos simbólicos a partir do encontro de práticas e princípios que não estão necessariamente no domínio esportivo, mas em um universo heterogêneo de práticas vivenciadas em diferentes contextos, diante de agenciamentos locais, particulares e criativos que vão muito além da estrutura do futebol hegemônico do universo profissional.

Cabe à etnografia enfatizar o caráter relacional de algumas esquematizações dualizadas, destacando as congruências, as permeabilidades e os cruzamentos das polarizações conceituais que persistem nos estudos antropológicos sobre futebol — como jogo e esporte, seriedade e lucidez, amadorismo e profissionalismo, cotidiano e ritual (SPIAGGIARI, 2020, p.351).

Dessa forma, considero importante trazer a discussão sobre futebol amador e futebol profissional, futebol hegemônico e não hegemônico, porque a bricolagem será uma perspectiva central que irá perpassar todo o trabalho.

No primeiro capítulo da sua tese de doutorado, Arlei Damo (2005) se propõe a discutir sobre a diversidade da prática futebolística a partir de diferentes matrizes. Esse debate é importante porque assim como no caso do Catanga, diversas modalidades são agenciadas, organizadas seguindo e até mesmo adaptando regras do futebol profissional, trazendo consigo uma diversidade de significados e formas. Nesse contexto, mesmo com o monopólio do futebol codificado pela FIFA e seus associados, isso não impediu o surgimento de outras modalidades de futebol ao redor do mundo, muitas vezes adaptando as regras “oficiais”.

O Domínio FIFA-IB detém, portanto, o monopólio do mercado futebolístico, ou seja, do futebol praticado e apreciado em forma de espetáculo, como um bem simbólico com valor econômico, embora existam muitos futebóis para além da versão monopolizada (DAMO, 2005, p.35).

Nessa perspectiva, o futebol espetáculo está inserido na categorização que o autor denominou como “matriz espetacularizada”. É uma matriz centralizada pela FIFA-IB (Fédération Internationale de Football Association – Internacional Board), uma organização global que controla e dita as normas das relações entre os times, o mercado de jogadores e as regras do jogo de futebol, isso significa que todos os times vinculados ao sistema da federação e suas afiliadas, praticam e seguem um conjunto de regras padronizadas. Outra característica destacada pelo autor é a distinção clara entre quem assiste e quem pratica o futebol na matriz do futebol profissional, uma divisão social do trabalho em torno de competências e interesses. Assim, existe uma trama de interesses do público, dos dirigentes, dos críticos e patrocinadores que influenciam diretamente na dedicação e remuneração dos profissionais envolvidos com o futebol dentro e fora de campo. Portanto, para fazer a mediação para o contexto do Catanga, é preciso considerar a eficácia e o nível de exigência entre diferentes modalidades futebolísticas.

Paralelo a essa matriz está o que o autor definiu como futebol bricolado, ou “matriz bricolada”. O termo bricolagem foi uma opção de Arlei Damo (2006) para não passar a ideia de improviso ou incompletude, pois no jogo bricolado, joga-se com o que tem, nos mais diversos espaços e sua duração, organização e regras são gestadas pelos próprios praticantes e abrem a possibilidade de adaptações e diferentes interpretações em torno das regras praticadas pela FIFA-IB. Enquanto que a divisão social do trabalho passa também por arranjos situacionais, sem a especialização por posição do universo profissional, onde cada jogador é preparado para jogar em determinada posição dentro de campo. Entre essas duas matrizes, a espetacularizada e a bricolada, encontra-se a que mais se encaixa e ajuda a compreender o contexto do Catanga, identificada por Damo (2006) como “matriz comunitária”:

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo do lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema FIFA-IB. Talvez o que melhor caracterize o futebol intermediário – em boa parte do Brasil, ao menos em São Paulo em direção ao sul é chamado “futebol de várzea” — é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala (DAMO, 2006, p.15).

Apesar dessa proposta de classificação apontar para uma diversidade da prática do futebol, o autor destaca que não se trata de uma categoria estanque, e como Rosângela Pimenta (2009) sugere, essa tipificação deixa de abranger dimensões importantes como a relação entre torcedores e times.

Por ser uma prática esportiva bastante difundida, traz consigo a dificuldade de se encontrar uma definição que abarque todas as suas especificidades. De todo modo, visando preencher algumas dessas lacunas com seu trabalho empírico sobre futebol amador em dois espaços sociais distintos, urbano e rural, Pimenta (2009) destaca aspectos essenciais do futebol amador, o dividindo entre duas dimensões: estrutural e da prática do jogo. A dimensão estrutural do futebol amador se caracteriza por integrar o modelo organizacional do futebol profissional com sede, presidente, torcidas organizadas, diretoria e patrocinadores. Outro aspecto destacado é a presença bastante recorrente de mais de uma equipe do clube, como time principal e time b, assim como a divisão inicial representada pelos mais jovens que são separados por idade (sub 12, sub 14 e assim por diante).

Os times de futebol amador possuem, quase sempre, duas equipes chamadas de primeiro e segundo quadros (ou quadro A e quadro B, respectivamente), o primeiro quadro formado por jogadores considerados os melhores do time, e o segundo quadro aquele grupo considerado “menos” experiente, “menos” técnico, “mais” velho — divisão que remete àquela que ocorre no futebol profissional entre o time principal (profissional) e as divisões de base (juniores, juvenil, infantil e fraldinha) (PIMENTA, 2009, p.32).

E não é somente na organização estrutural que times amadores se espelham no futebol profissional, a autora reforça que as regras para a prática do futebol amador também seguem essa linha.

As regras para a prática do futebol amador seguem as regras do *football association*, ou seja, os campeonatos guiam-se pelas mesmas regras do futebol profissional, com algumas adaptações a situações próprias do futebol amador. Para o cumprimento das regras será indispensável a presença de árbitros, pelo menos um, mas certamente em jogos de maior importância (como, por exemplo, semifinais e finais) haverá um trio de arbitragem, e que eles sejam preferencialmente árbitros federados (PIMENTA, 2009, p.33).

Para este empreendimento, realizamos uma etnografia acompanhando jogadores, dirigentes e torcedores do Catanga Futebol Clube, time de futebol amador de Passa Quatro, região sul mineira, a partir dos circuitos do futebol, ou seja, pontos específicos da cidade que não tem continuidade espacial, porém dotados de sentido e constituindo unidade analítica onde os indivíduos não somente reconhecem mas também realizam atividades em comum durante as competições de futebol na cidade (MAGNANI, 2014, p.2-3).

Entre o final de 2018 até o início de 2019, realizei quatro viagens a Passa Quatro — MG com mais ou menos uma semana de duração cada uma delas. No início, o objetivo era

conhecer a cidade natal da minha namorada, região repleta de montanhas e cachoeiras. Fui convidado e muito bem recebido pelos seus familiares, a família Motta. Durante nossas refeições na mesa de madeira da cozinha, o tema que mais se destacou foi o futebol. Seus pais e irmãos, assim como a minha própria namorada e eu, éramos todos torcedores do Clube de Regatas Flamengo. Essa identificação direcionou a conversa para jogadores que vestiram a camisa do time carioca no passado e os atuais jogadores do elenco flamenguista, jogos e títulos marcantes, a preparação para assistir às partidas na televisão acompanhado de cerveja e petiscos diversos, os amigos que se reuniam, entre outras diversas variações da linguagem² daqueles que se envolvem com o futebol. Além disso, ao dizer ter o costume de jogar futebol nas quadras alugadas de Juiz de Fora - MG, fui convidado para participar de uma “pelada”³ no campinho do colégio particular da cidade aos finais de semana.

Embora o tema do futebol tenha ajudado na minha aproximação com meus anfitriões a partir de um compartilhamento do ato de torcer pelo Flamengo, o futebol em Passa Quatro como tema de pesquisa àquela altura ainda não era cogitado. Como dito anteriormente, foi somente durante o desfile de carnaval e a discussão entre foliões do Catanga e da Feira, assim como a relação entre Fabinho e seu primo, diretamente envolvidos no ocorrido, que fez com que toda a minha atenção se voltasse para o futebol na cidade mineira, mais especificamente no bairro do Catanga.

É importante ressaltar a importância dos códigos familiares e de vizinhança e como eles abriram caminho para que eu tivesse acesso a interlocutores e locais diversos na cidade. Em todos os momentos, eu estava acompanhado de algum integrante da família Motta (mesmo quando meus acompanhantes não eram diretamente reconhecidos por outros interlocutores, utilizamos a referência de Valéria Motta, minha sogra). Raros eram os questionamentos em relação à pesquisa. Ao me apresentar e dizer ter interesse em algumas questões associadas aos bairros da cidade e ao futebol, essa informação se mostrava suficiente para iniciar as conversas calorosas com os passaquatrenses, uma vez que eu era associado a uma figura conhecida da cidade. Portanto, o acolhimento da família Motta foi,

² Ao analisar a cobertura do jornalismo esportivo no Brasil, Toledo (2002) atribui a utilização das estatísticas nas transmissões como um aspecto relevante que agregou historicidade e possibilitou comentaristas, locutores e torcedores a terem acesso, através dos números, à uma *linguagem comum* que expandiu as discussões sobre as partidas e os atletas de futebol (TOLEDO, 2002, p. 177-178).

³ Termo utilizado a uma prática do futebol que se caracteriza pela organização espontânea, realizada entre amigos ou vizinhos e moradores de um mesmo bairro que gestam e alteram as regras do Football Association no que diz respeito ao número de jogadores, utilização de uniformes, materiais esportivos e a ausência de árbitros (PIMENTA, 2009, p.17). De acordo com Arlei Damo (2006), se trata de uma “matriz bricolada”, joga-se com o que têm à disposição, nos mais distintos espaços, adequando regras e recursos materiais (DAMO, 2006, p. 9).

sem dúvida, um fator crucial para o desenvolvimento e a minha inserção no campo de pesquisa.

Durante uma refeição no local onde eu estava hospedado, a namorada de um dos filhos dos Motta me fez uma visita. Tive a oportunidade de contar um pouco sobre o meu objeto de pesquisa, naquele momento ainda muito incipiente. Aparentemente animada com o tema, ela se ofereceu para marcar um jantar para eu poder conhecer o seu pai Edinho, árbitro profissional de futebol. Edinho me contou haver sido escalado pela Federação Mineira de Futebol (FMF) para apitar os jogos da Liga Desportiva Caxambuense (LDC) de 2019, campeonato em que o Catanga Futebol Clube e o São Jorge Futebol Clube, times de Passa Quatro, iriam disputar no primeiro semestre de 2019. Desse modo, consegui acesso às tabelas dos jogos, fotos oficiais dos times que a LDC compartilhava com os árbitros via grupos no celular. Edinho também me explicou um pouco sobre regras de arbitragem e o manuseio das súmulas⁴, assim como me narrou episódios em que teve que sair correndo do estádio perseguido por torcedores furiosos com o resultado da partida.

Perguntando diretamente sobre a rivalidade, tema estabelecido por mim como fio condutor para acessar e desenvolver a pesquisa de campo, Edinho me contou que no bairro onde mora atualmente, a Feira, já existiram muitos times de futebol que participaram do campeonato municipal da cidade. A maioria deles tinha rivalidade com o Catanga. Por ser morador, disse também ter muitas amizades com torcedores e jogadores do time que atualmente que vem representando o seu bairro nas competições municipais, o São Jorge. Devido a sua profissão, evitava manifestar de maneira pública sua torcida por qualquer time da cidade, inclusive de ir aos jogos em seus momentos de folga, hábito este reforçado por uma regrada própria Federação Mineira de Futebol (FMF) que não escala os árbitros para trabalharem em jogos dos times da sua cidade natal. Por fim, me disse não recordar da origem dos times e dos seus fundadores, tanto da Feira quanto do Catanga, mas se comprometeu em compartilhar o contato de algumas pessoas envolvidas com futebol e me apresentar um jogador do Catanga que é seu amigo pessoal. Sobre a origem do bairro, mencionou se recordar apenas da história da enchente da década de 50, onde vários moradores do bairro da Feira perderam suas casas, por isso se mudaram para o bairro do Catanga para recomeçarem suas vidas. Saí desta conversa bastante animado com as novas possibilidades e aberturas para dar seguimento a pesquisa e igualmente curioso sobre a parte histórica dessa trama esportiva e suas origens.

⁴ Documento em que os árbitros utilizam para fazer registros dos acontecimentos da partida.

A observação se iniciou efetivamente no dia 17 de março de 2019, dia da estreia do Catanga na Liga Desportiva Caxambuense (LDC) até o encerramento de sua participação no dia 14 de julho, após eliminação da equipe durante a segunda fase da competição. Com o fim de sua participação na LDC, toda a atenção da equipe se voltou para a próxima competição, a mais aguardada do ano, o Campeonato de Futebol Amador de Passa Quatro, que se iniciou no dia 4 de agosto, com a estréia do time marcada para o dia 18 do mesmo mês. Nesse campeonato em especial, o Catanga obteve uma campanha de sucesso, chegando até a final e se consagrando campeão no dia 11 de novembro. Dessa forma, lançamos nosso olhar para a construção de relações entre um time de futebol amador e a vida no bairro, acompanhando diversos aspectos da vida cotidiana que nos ajudam a compreender a construção e a manutenção do vínculo entre o ato de torcer e o bairro em vivem enquanto algo que não é natural, mas constantemente negociado.

Isso não foi tudo, também tive a oportunidade de participar de festas e confraternizações nas casas de Laura e Didi, as irmãs que são mães de jogadores tanto do Catanga quanto do Catania, além de tias e irmãs de outros jogadores. Foram eventos de extrema importância para consolidar relações que estava construindo com meus interlocutores e conversar com outros torcedores do bairro sobre o Catanga.

Essas aproximações me proporcionaram a possibilidade de participar do desfile de carnaval de 2020, observando todo o percurso que se inicia na frente da sede do clube e se estende até o centro da cidade, passando pelo Estádio Municipal e caminhando em direção à igreja matriz da cidade.

Para complementar o trabalho, entrevistas foram realizadas na ausência das competições e períodos festivos, com a intenção de confirmar, confrontar e até mesmo compreender determinados dados coletados e foram cruciais no desenvolvimento desta pesquisa.

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado **Bairro do Catanga: aspectos históricos e contextuais**, propomos um exercício histórico e contextual sobre a origem do bairro, a historicidade sobre a chegada do futebol no Brasil e como o seu processo de modernização trouxe questões importantes: o grande número de entidades estaduais e como esse processo culminou não somente na criação de ligas e campeonatos fora dos holofotes do futebol espetáculo, mas no diálogo possível entre futebol amador e profissional em nível organizacional. Como no caso do Catanga, que apesar de não se pretender se tornar um

time profissional, se espelha, em partes, no organograma do universo profissional como sua loja virtual onde vendem produtos do clube e oferecem o programa de sócio torcedor. Apesar disso, permanece uma lógica de ajuda e não a de mercado, onde o Catanga se coloca como clube não profissional justamente porque está dominado por vínculos de parentesco, amizade e vizinhança.

No capítulo seguinte, intitulado **Pensando o Futebol e a Cidade**, discorremos sobre como o futebol para jogadores e torcedores do Catanga era algo maior do que um momento de divertimento e extensão do lazer. Naquele contexto, a prática esportiva e o ato de torcer implicavam na ampliação da dinâmica social, pois era jogando e torcendo pelo seu time do “coração” que circulavam, se relacionando com diversas pessoas e espaços da cidade. Assim, compreendi como se forma a relação entre bairro e futebol, lançando um olhar para os trajetos por campos, bares e avenidas, onde modos distintos de se relacionar e práticas específicas eram mobilizadas em torno do futebol para repensar e formular também a cidade em que viviam.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado **O jogo de cintura e a bebida: a questão do controle**, destacamos sobre a maneira como o bairro e o time são estigmatizados, a consciência sobre isso e como eles tentam ressignificar essa reputação. O controle é um elemento essencial para se compreender como eles refletem internamente sobre a sua própria imagem no contexto do cotidiano.

2 O BAIRRO DO CATANGA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEXTUAIS

2.1 O processo de modernização do futebol no Brasil: um breve histórico

Visando contextualizar e situar de qual prática do futebol estou falando neste trabalho, trago algumas reflexões em torno da bibliografia de autores que se dedicaram em pensar o futebol desde a sua chegada no Brasil, enquanto um jogo praticado pela elite brasileira, caminhando para o interesse em distinguir a prática profissional de outra prática dita “amadora”.

Em seu trabalho intitulado *A Metamorfose do Futebol*, Marcelo Proni (2000) traz uma abordagem sobre o processo de “modernização”⁵ do futebol brasileiro, perpassando o debate da institucionalização, democratização, marketing, futebol-empresa e legislações em território nacional. Entre seus argumentos iniciais, o autor destaca as principais características do futebol brasileiro no que se denominou como “fase preliminar”, momento que abarca o contexto histórico do surgimento das primeiras equipes e a criação de torneios amadores, onde a prática futebolística naquele período se configurou em um modelo elitista. O autor destaca diferentes versões sobre a chegada do futebol ao Brasil, introduzido na década de 1870 por padres e alunos de um colégio na cidade Itu, no interior de São Paulo, e também por marinheiros britânicos e funcionários de companhias inglesas em diferentes regiões do país.

Nesse contexto, segundo Neto (2002), estava em alta um debate sobre consolidação de um sistema educacional consistente no Brasil, que naquele período era restrito, em sua grande maioria, a colégios religiosos que formavam as elites brasileiras. A educação física se tornou pauta e figuras públicas como Rui Barbosa passaram a defender a introdução de exercícios “[...] de maneira que todos os músculos funcionassem “harmoniosamente”, enquanto as lições morais do espírito esportivo seriam absorvidas por meio de jogos divertidos e recreativos (NETO, 2002, p.14). Segundo Anatol Rosenfeld (2013), apesar da defesa sobre a importância dos exercícios físicos nas escolas primárias, a fala do então relator da comissão estatal de ensino teve pouca adesão. Desse modo, na ausência de uma

⁵ O conceito de “modernização” é utilizado pelo autor como foco para pensar sobre “[...] a incorporação do “moderno”, ou seja, o modo como foram internalizados os paradigmas mais avançados de organização da atividade futebolística, em diferentes épocas (PRONI, 2000, p.14).

iniciativa por parte do Estado, coube aos imigrantes e brasileiros que estudaram na Europa aproximarem o esporte a uma organização dos clubes, junção que permitiria associar o futebol a um sentido moderno (ROSENFELD, 2013, p.76). Porém, antes de chegar a essa organização que estimulava a competitividade, o futebol teve seu primeiro momento no Brasil nos ambientes escolares da Igreja Católica.

“[...] no Brasil foram justamente os colégios que muito cedo se tornaram as forjas de futebolistas: em escolas como os colégios militares, o Ginásio Nacional, o Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo-Brasileiro, o futebol era quase uma matéria obrigatória. A Igreja Católica, fator de enorme importância, parece não ter levantado nenhuma objeção. Deve-se até salientar que numerosos padres deram o impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o padre Manuel Gonzales, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru, para que seus alunos do Colégio Vicente de Paula (Petrópolis) pudessem dedicar-se ao esporte. Com essa bola “peluda”, jogavam naquela escola equipes de trinta a quarenta alunos, entre eles os padres de batinas arregaçadas, distribuindo golpes possantes e exigindo igualmente chutes poderosos, mesmo que ocasionalmente estes alcançassem a canela” (ROSENFELD, 2013, p.78).

Essa associação entre espaço escolar e os jogos praticados na educação física ocorreu anos antes na Inglaterra e influenciou diretamente essa relação no Brasil enquanto uma educação moral. A perspectiva dialoga com a proposta teórica de Eric Dunning e Nibert Elias (1992). Os autores pensam as práticas desportivas na Grã-Bretanha do século XIX e XX, a partir de uma teoria do processo de civilização, compreendendo a formação do Estado Moderno em conjunto com a formação de uma consciência. A consciência emergiria a partir de uma organização social que exerce um controle aos impulsos de violência através de regras sociais que coadunam com uma sensibilidade e julgamento moral, fazendo com que a violência seja entendida como algo incompatível com a ideia de “civilizado”. Para os autores, o surgimento do esporte como um confronto físico está diretamente relacionado com a política a partir de um desenvolvimento global da sociedade.

[...] os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras que ambas as partes respeitavam (DUNNING; ELIAS, 1992, p.49).

Essa ideia implica que ocorreu uma moderação da violência no momento de lazer, e nesse quadro inclui-se o esporte, em um contexto datado na Inglaterra do século XVIII, em uma tentativa de recuperar a confiança entre grupos adversários depois de uma

experiência de revolução, com o objetivo específico de defender a adoção do regime parlamentar. Dessa forma, segundo os autores, o regime parlamentar apresentava exigências específicas, dentre elas, o nível de tensões existentes no seu interior e a capacidade de conservação de seus membros (DUNNING; ELIAS, 1992, p.50).

Isso significa dizer que o processo civilizador encontraria desvios ao longo do percurso, como no caso da experiência com revoluções e guerras, ou seja, comportamentos sociais relacionados a violência sendo analisados ao longo do tempo. Não se explorará profundamente a perspectiva dos autores nesse trabalho. O que é importante destacar é que, não por acaso, esses valores e julgamentos morais chegaram ao Brasil com futebol enquanto projetos de modernidade.

No início do século XIX, de acordo com Giulianotti (2010), ocorreram focos de revoltas incipientes que provocaram uma noção de decadência das escolas públicas na Inglaterra. Algumas escolas particulares passaram a se mobilizar e introduziram os jogos na educação de jovens ricos da nação enquanto uma educação moral.

Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de mens sana in corpore sano. Os novos “cavaleiros cristãos” deveriam manter a ordem política e econômica no lar e, mais tarde, dar sustentação à expansão do império no exterior (HARGREAVES, 1986:39 apud GIULIANOTTI, 2010, p.18).

Nesse período, as regras dos jogos praticados no âmbito escolar inglês eram aplicadas e supervisionadas pelos professores e como não existia uma padronização, surgiram divergências em como cada esporte era praticado nas diferentes instituições. Esse cenário mudou em 1863 quando alunos de uma instituição inglesa decidiram fundar uma associação com o objetivo de formular um conjunto de regras.

Os alunos de Harrow tomaram a iniciativa de imprimir as regras enquanto criaram a *Associação de Futebol (FA)*, deixando os de Rugby formularem o código do jogo a que deram seu nome, em que os pontapés e uso das mãos ainda são permitidos. Graças ao zelo missionário de C. W. Alcock, veterano de Harrow e secretário da FA durante vinte e cinco anos, o “jogo do drible” foi introduzido em toda a Grã-Bretanha (GIULIANOTTI, 2010, p.19).

O futebol teve tamanha adesão no Reino Unido que, segundo Giulianotti (2010), a FA se tornou a entidade de maior importância, na qual todos os clubes e instituições de menor porte se filiariam, concentrando o poder em suas mãos ao ponto de garantirem a padronização das regras do jogo para todos os seus membros. A prática futebolística passou

a ser um objeto de grande investimento por clubes ansiosos por títulos que colocaram quantias consideráveis com o interesse em obter e manter os melhores jogadores a tal ponto, que a FA ficou em uma posição onde não conseguia mais impor um limite de gastos aos seus filiados, reconhecendo assim os jogadores profissionais em julho de 1885. De maneira geral, o autor atribui a expansão de maneira global do futebol à Grã-Bretanha e apesar de sua liderança política e administrativa, pouco se fez para manter tal posição. Com isso, em 1904, sete nações europeias fundaram a Federação Internacional de Futebol (Fédération Internationale de Football Association – FIFA).

A relação entre o Reino Unido e a FIFA se manteve conflituosa por anos, até o momento de total reformulação onde a preponderância administrativa é transferida do Reino Unido para o continente europeu, constituindo um novo organograma de hierarquia de autoridades e uma escalada para uma política mundial. Ocorreu, portanto, a ascensão da FIFA que constituiu uma dominação no cenário futebolístico e delegou aos seus membros, autoridade no âmbito nacional.

Para facilitar a administração e a organização das competições, a Fifa sancionou a formação de confederações continentais de futebol para funcionarem como níveis médios de controle entre o nacional e o global. Essas confederações deram poder a nações menores em matéria de futebol, como as da África e da Ásia, com direitos de voto em um nível global (GIULIANOTTI, 2010, p.46).

É exatamente diante dessa nova organização do futebol que se torna possível trazer para a discussão a configuração futebolística no Brasil por conta de uma gama de federações estaduais, resultado de uma dificuldade de maior integração territorial, como veremos mais adiante. Por agora, é importante retomarmos a caminhada do futebol brasileiro até o profissionalismo e suas implicações.

Segundo Neto (2002), o colégio jesuítico São Luís, da cidade de Itu, se constituiu também como um modelo da introdução do futebol no Brasil, praticado por alunos da elite paulistana, paulista e demais regiões, atraídos por sistema de ensino que tinha uma estrutura considerada referência para a América Latina no século XIX. A essa altura, ainda não se praticava o chamado *Football Association (FA)* no Brasil e conseqüentemente um conjunto de regras que padronizava a prática do futebol. Com isso o esporte era visto nesse primeiro momento enquanto uma ferramenta pedagógica.

Apesar de haverem trazido da Europa as primeiras autênticas bolas de futebol, estimulado pela organização de times e concebido uma premiação,

não era objetivo dos educadores jesuítas promover o futebol competitivo. Enxergando no jogo bretão apenas uma ferramenta de apoio pedagógico, autorizavam sua prática em ocasiões determinadas, sem estimular a rivalidade entre os alunos e sem qualquer preocupação em divulgar a realização das partidas. Quanto aos colégios de outras ordens religiosas, vale dizer que neles o espírito competitivo estava ainda mais longe de se desenvolver. (NETO, 2002, p.23).

Nesse primeiro momento da prática do futebol no Brasil, indícios e registros históricos apontam para um esporte limitado ao espaço escolar para a elite brasileira, evitando a competitividade entre os participantes e estimulando um exercício corporal que, para os jesuítas, impulsionava condições físicas e morais. A partir do contato com o esporte, os ex-alunos do Colégio São Luís de Itu se tornam parte do conjunto de divulgadores do futebol e de seus regulamentos em território nacional, sendo responsáveis, inclusive, pela fundação da Associação Atlética Mackenzie, encarregados de formar a primeira equipe brasileira: “A primeira equipe predominantemente brasileira foi formada na Universidade Mackenzie, em 1898, por jovens das camadas superiores, na maioria filhos de fazendeiros que buscavam seus títulos de juristas” (PRONI, 2000, p.99).

Como vimos anteriormente, esse movimento de divulgação que transcende o espaço escolar é semelhante ao que ocorreu em outros contextos, fora do país: “Na Inglaterra, foram ex-alunos, ou *oldboys*, provenientes dos internatos, colégios e faculdades, os grandes divulgadores do futebol e os responsáveis pela elaboração dos primeiros regulamentos nacionais” (NETO, 2002, p.23). Esse é o caso de Charles Miller, filho brasileiro do cônsul britânico de São Paulo, educado na Inglaterra e teve o seu primeiro contato com o futebol no colégio, e ao retornar ao Brasil, trouxe consigo um conjunto de itens relacionados ao esporte “[...] um livro de regras do *association football*, uma camisa do Banister School e outra do ST. Mary, duas bolas, uma bomba para enchê-la e um par de chuteiras” (NETO, 2002, p.28–29). Enquanto um *oldboy* inglês, Miller é apontado como um dos responsáveis por levar o futebol para outros espaços e atingir outro público de praticantes, fazendo do futebol essencialmente colegial, sair do ambiente escolar para os clubes da juventude paulistana como o São Paulo Athletic Club.

Em relação ao Rio de Janeiro, um dos personagens na propagação do esporte foi Oscar Cox “[...] filho de brasileiro de família inglesa abastada que havia estudado na Suíça -, que introduziu a modalidade no Paissandu Cricket Club e foi um dos responsáveis pela fundação do Fluminense Foot-ball Club, em 1902 (PRONI, 2000, p.98). Segundo o autor, no contexto

de recente transição do Império para República, não por acaso, as duas principais cidades⁶ alinhavam a prática do recém chegado futebol ao privilégio de uma elite dominante que delimitava o esporte a espaços específicos como clubes de regatas, críquete, turfe.

Apesar da mudança de ares e da introdução de um caráter competitivo a partir de um conjunto de regras, Neto (2002) destaca que não houve grandes distinções sociais em relação aos praticantes em um momento marcado pela transição para uma sociedade burguesa: “Se nos colégios estudavam os filhos da elite brasileira, nos clubes jogavam os membros das colônias de imigrantes mais “nobres” e aqueles mesmos filhos da elite brasileira” (NETO, 2002, p.30).

Para a antropóloga Simoni Guedes (1998), essas associações clubísticas operavam com inflexibilidade quanto aos critérios de inclusão dos seus membros, realçando ainda mais diferenças sociais, de classe, de nacionalidade e de cor como o caso dos clubes que surgiram na virada do século, entre eles o Fluminense Football Club e o Botafogo de Football e Regatas (GUEDES, 1996, p.106–107).

Como observa Bernardo Buarque de Holanda (2003), a introdução do futebol no Brasil inseriu novos personagens ao cenário do país, em sua maioria estudantes de medicina e direito que estavam vinculados às ideais positivistas da ciência e trouxeram consigo também, a valorização de adestramento, disciplina e culto ao corpo (HOLANDA, 2003, p.29). A incorporação do futebol pelas camadas abastadas do país caracterizava, segundo Proni (2000), a absorção de valores liberais provenientes de hábitos culturais de países europeus, sobretudo Inglaterra e França, sendo compreendido como um aspecto de mudança a partir de um “lazer civilizado” e uma maneira de participar daquilo que era percebido como “moderno” mesmo distante dessas matrizes referenciais, portanto incitava em sua prática a ideia de prestígio. Rosenfeld (2013) salienta a importância de acontecimentos sociais como a libertação definitiva dos escravos em 1888, a Proclamação da República no ano seguinte, o início do processo de industrialização e o desenvolvimento de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo enquanto fatores que contribuíram para impulsionar a prática do futebol no Brasil (ROSENFELD, 2013, p.76).

⁶ Tanto no período em questão quanto no processo de “modernização” do esporte no país até os dias de hoje, a prática do futebol não se resumiu somente a essas duas cidades (Rio de Janeiro e São Paulo), porém, como esse trabalho não se propõe a esgotar o tema, mas apenas fazer uma digressão com o objetivo de contextualizar a formação de ligas, organização de campeonatos e gestão do futebol no Brasil para apresentar um panorama que auxilie a uma melhor compreensão dos próximos capítulos. formação de ligas, organização de campeonatos e gestão do futebol no Brasil para apresentar um panorama que auxilie a uma melhor compreensão dos próximos capítulos.

Com o passar do tempo, os clubes elitizados tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo criaram suas respectivas ligas de futebol e posteriormente organizaram as primeiras competições oficiais dessas associações esportivas visando conferir um caráter restrito e uma distinção social entre os clubes que começaram a surgir com a propagação do esporte pelo Brasil. Além disso, Proni (2000) destaca que a criação dessas ligas visando a preservação do caráter elitista dos clubes e seus praticantes não foram não o único objetivo desse movimento, àquela altura o futebol vinha acompanhando uma tendência internacional de organização de torneios enquanto uma referência moderna de seletividade daqueles que pertenciam as ligas esportivas desde a fundação do *Football Association* (FA) na Europa.

Mesmo diante do caráter elitista das ligas, como foi o caso da criação da Liga Paulista de Futebol (LPF) em São Paulo em 1901 e a Liga Metropolitana de Foot Ball (LMF) no Rio de Janeiro em 1905, o futebol foi pouco a pouco sendo cada vez mais praticado pelas classes populares. Paralelamente aos clubes ricos, equipes de fábricas de subúrbios e em bairros proletários foram sendo criadas. Dois casos ilustram bem essa questão. O primeiro deles, destacado por Neto (2002), trata do Ipiranga Futebol Clube, time de origem varzeana que se filiou a LPF, gerando diversos conflitos entre as demais equipes da Liga Paulista, como o São Paulo Athletic Club comandado por Charles Miller que decidiu retirar a agremiação da associação como forma de represália. O segundo caso é abordado por Simoni Guedes (2002) e diz respeito ao The Bangu Athletic Club que mais tarde se tornaria o Bangu Futebol Clube, time de fábrica que competiu com clubes grandes no futebol carioca.

É neste contexto que é fundado um dos primeiros clubes de futebol do Rio de Janeiro, operando uma íntima relação entre fábrica e futebol, o The Bangu Athletic Club, criado em 1904 pelos mestres ingleses da tecelagem Companhia Progresso Industrial do Brasil, com o apoio da empresa. Neste momento, os operários da Bangu também se apresentam como atores no processo através do qual começam a se estabelecer as bases de uma apropriação brasileira de um esporte originalmente inglês (GUEDES, 1996, p. 107).

A prática do futebol começa a se popularizar e se difundir enquanto um novo elemento no meio urbano. Posteriormente a prática passa a ser conhecida como “futebol de várzea”, em um momento de grande resistência em relação aos times populares, aqueles de fora dos clubes esportivos. Segundo Neto (2002), tanto os primeiros jornalistas esportivos quanto os primeiros dirigentes faziam uma distinção entre “grande futebol” praticado pelas elites e o “pequeno futebol”, dos times de várzea praticado por operários, imigrantes, negros e

estudantes dos bairros populares (NETO, 2002: 60). Nesse contexto, Marcelo Proni (2000) ressalta que mesmo superando os limites locais e expandindo suas participações para os torneios que comportavam uma participação mais ampla, as equipes populares e times de fábrica ainda se viam afastados da participação política e organizacional da liga concentrada nos clubes de elite, conceituando o que o autor denominou como “modelo amador elitista”.

Conforme o futebol ia ganhando força em território nacional, exigia-se ainda mais organização institucional para manter o controle político, visto que os interesses financeiros também cresciam com a expansão do esporte. Foi diante dessa necessidade que entre 1914 e 1916 surgiu a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) “[...] com o objetivo de unificar as associações esportivas, formar seleções nacionais e comandar a participação de equipes brasileiras em torneios internacionais (PRONI, 2002, p.104). Quanto mais espectadores interessados em assistir às partidas, mais dinheiro de bilheteria era arrecadado, porém, ainda existia o entrave entre os clubes elitistas compostos por brancos de “boas famílias” e os times de classes populares.

A CBD estava alinhada aos interesses das agremiações elitistas e contribuía para adiar o processo de profissionalização, porém, como observa Caldas (1994), tal retardação colocava os presidentes dos clubes, grupo constituído por políticos profissionais, ao impasse entre terem que optar por perderem o apoio político da elite que buscava impedir a profissionalização ou então se aproximarem dos seus eleitores caso se posicionassem em favor da profissionalização. Predominava entre as classes abastadas que compunham as agremiações, a ideia de que poderiam se manter somente com as vendas dos ingressos das partidas destinadas ao público seletivo da “boa sociedade” como a única fonte de arrecadação, sem possibilidade repasse para os jogadores. Por conta disso, não mediram esforços para sabotar qualquer tentativa de modificar a administração vigente do futebol naquele período. O que se via era um discurso oficial de que o futebol ainda era amador, mas, na prática, já ocorria pagamento a alguns poucos jogadores, embora estes permanecessem em condições de subemprego.

O futebol era conhecido oficialmente como uma atividade esportiva para amadores. Do ponto de vista jurídico isso era uma farsa. Era esconder uma realidade e a falta de ética profissional por trás da formalidade da lei e de suas imperfeições. Era este o quadro do futebol brasileiro até início dos anos 30 (CALDAS, 1994, p.44).

Na década de vinte, o sucesso de outras equipes no futebol carioca como o Vasco da Gama e o São Cristóvão, ambos com jogadores negros e brancos pobres, mestiços e semi

analfabetos que foram campeões do campeonato carioca, além de provocar o descontentamento dos clubes de elite, demonstrou o fim de uma hegemonia dos mesmos em campo. Segundo Proni (2000), denúncias de que jogadores do Vasco estariam recebendo dinheiro para jogar contradizia a proposta do amadorismo, modelo vigente na época. Assim, a Associação Metropolitana de Esportes Athléticos (AMEA), fundada em 1924 para substituir a Liga Metropolitana de Foot Ball (LMF), removeu o clube carioca do seu grupo de membros e abriu uma sindicância para fiscalizar a vida profissional e social dos atletas.

É importante destacar que o Vasco da Gama colocou em xeque o modelo amador elitista quando apostou como novidade na “[...] presença de jogadores ditos “desclassificados”, a liberação dos atletas de qualquer obrigação no emprego, uma preparação em regime de “internato” para as partidas e o pagamento do “bicho” (prêmio por vitória de acordo com a importância da partida) (PRONI, 2000, p.109).

De acordo com Rosenfeld (2013), a caminhada para a profissionalização do futebol no Brasil se consolidou a partir de uma trajetória que unia o jogo como um espetáculo de massas. Isso significava que o futebol aumentava de maneira expressiva sua popularidade, atrelando importância e sobrevivência dos clubes ao desempenho em campo das suas equipes. Dessa maneira, o caso do Bangu e tantos outros times que contavam com jogadores negros, mestiços e brancos pobres que conquistaram seus espaços essencialmente com vitórias em campo, chegando inclusive a primeira divisão, foram golpes duros para as elites que se empenhavam em defender o caráter amador, empreendimento este que se mostrava irrealista principalmente pela forma em como o esporte estava se estruturando. “Levar em consideração a “classe” dos jogadores — mesmo que fosse num sentido puramente esportivo — tornou-se afinal um empreendimento quixotesco” (ROSENFELD, 2013, p.84).

Não podia demorar para que o falso “amadorismo” com seu efeito extremamente corruptor, trouxesse consigo um estado latente de exasperação em inúmeros jogadores, que se viam como “cavalos de corrida” alimentados com pouco “milho” (dinheiro) ao passo que as “cavaliças”, centros de uma indústria de diversão cada vez mais poderosa, ganhava somas gigantescas (ROSENFELD, 2013, p.87).

Embora os dirigentes tivessem interesse em manter o caráter amador e, em simultâneo, ganharem dinheiro com a expansão do futebol no Brasil, acontecimentos específicos foram os golpes decisivos que fizeram com que o modelo vigente amador perdesse força e se tornasse ainda mais questionável como: a adoção do profissionalismo em países europeus,

a organização da Copa do Mundo de Futebol que só autorizava a participação de jogadores que aderissem ao novo regime contratual, a saída de jogadores de destaque para clubes estrangeiros atraídos por contratos robustos e por fim, a Legislação Social e Trabalhista de Vargas que colocava o jogador de futebol na lista de profissões. Em reação a essa tendência que se mostrava inevitável, grandes clubes cariocas passaram a se movimentar à favor da profissionalização, intensificando ainda mais disputas políticas entre clubes e federações.

Um caso de disputa política entre as entidades destacado por Caldas (1994) foi o de Rivadávia Meyer, presidente do Flamengo e da AMEA na época, que se mostrava contrário a profissionalização, entoando o discurso de que todos os recursos arrecadados com as partidas deveriam ser do clube por ser a instituição que proveem as condições para os jogadores, aqueles que não deveriam ter direito algum, somente o de entrarem em campo (CALDAS, 1994, p.45). Porém, um ano após sua fala, sob forte pressão de outros clubes cariocas, o dirigente cedeu:

No Rio de Janeiro, o movimento de criação de uma liga profissional foi liderado pelo Sr. Oscar de Costa, presidente do Fluminense (curiosamente, o clube mais tradicional da época), que se opunha à direção política da AMEA, presidida pelo Sr. Rivadávia Meyer, do Flamengo. Depois de muita discussão Fluminense, América, Vasco, Bangu criaram a LCF, Liga Carioca de Futebol, em histórica assembleia de 23 de janeiro de 1933 (PRONI, 2000, p.113).

Seguindo os mesmos passos do que ocorreu no Rio de Janeiro, dois meses depois foi adotado oficialmente o futebol profissional em São Paulo e assim surgiu uma nova configuração a partir das duas principais entidades estaduais que permitiriam aos seus times filiados possuírem equipes Profissionais e Amadores competindo em divisões distintas. Uma vez estabelecida essa nova dimensão social com o profissionalismo no futebol, se intensificou a relação entre política e futebol, com isso, em 1941 surgiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão que ficaria responsável pela elaboração de normas e fiscalização, podendo intervir em questões administrativas das federações estaduais e da própria CBD, órgão que até então era o responsável por desempenhar as mesmas funções.

A intervenção do Estado Novo no futebol brasileiro deixou evidente uma preocupação em estabelecer uma política nacional para o esporte, porém, no meio desse processo cabe destacar aqui que a nova entidade, pela primeira vez, diferenciou formalmente esporte amador e esporte profissional.

Na década de quarenta, portanto, o Estado brasileiro não só providenciou uma legislação “moderna” e destinada ao desenvolvimento do esporte como

ofereceu uma infra-estrutura mais apropriada às exigências do futebol profissional — pelo menos no Rio e em São Paulo. Mas, ao mesmo tempo, muitos políticos e ocupantes de cargos de governo (em seus três níveis) procuraram tirar proveitos eleitoreiros da dependência que se alimentou e da tutela que se tratou de impor à CBD e às demais entidades esportivas privadas (PRONI, 2000, p.126).

Com o fim do Estado Novo, tanto a CBD quanto as outras federações passaram a ter mais autonomia e caminhando para a década de 50, encontraram outro obstáculo, a dificuldade de organizar competições que promovessem uma maior integração das equipes em território nacional devido as grandes distâncias e o custo dos deslocamentos. À medida que o número de equipes profissionais ao redor do país aumentava, as ligas metropolitanas foram dando lugar as federações estaduais e fortalecendo uma configuração regionalizada, expandindo competições locais entre equipes da mesma cidade para outras partes do estado e até mesmo interestaduais.

E esse aspecto é relevante para desdobramentos posteriores (inclusive quanto ao calendário dos torneios), porque à medida que se foram configurando os campeonatos em âmbito estadual e se ampliou o espectro de equipes filiadas a federações estaduais, fortaleceu-se esse traço estrutural que distingue o futebol brasileiro: sua regionalidade (PRONI, 2000: 129).

As competições estavam, portanto, estruturadas por dimensões locais e metropolitanas, divididas entre torneios estaduais e interestaduais. Desse modo, como observa Francischini (2009), a ideia de um Campeonato Nacional na década de 70 estimulou um projeto de integração que aproximaria futebol e política, aliança cujo objetivo seria projetar uma ideia de nação arquitetada pelo governo militar a partir do esporte (FRANCISCHINI, 2009: 168). Porém, a criação do Campeonato Nacional de Clubes em 1971 não ocasionou em mudanças significativas na estrutura administrativa das equipes, não houve modificações nas hierarquias regionais e divisões de acesso. Como o objetivo dos dirigentes dos clubes e das federações eram ampliar tanto suas receitas quanto suas alianças políticas, a competição nacional veio para se juntar aos campeonatos estaduais e não para tomar os seus lugares (PRONI, 2000: 144).

É notável os usos diferenciados de critérios utilizados pela CBD para definir quais clubes participariam da competição nacional. Os critérios eram diversos dependendo de qual estado estava em negociação com a entidade para garantir um de seus times como representante, alternando entre convites diretos, exigência de renda a partir do desempenho financeiro do clube, possuir um grande estádio, desempenho que vinculava os campeonatos regionais ao Nacional visto que as equipes garantiam suas vagas a partir de suas colocações

nas competições estaduais, seletivas e critérios técnicos organizando o campeonato com mais de uma divisão por conta da demanda, entre outros. Se tornava cada vez mais evidente as trocas de favores entre federações e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), e as barganhas, segundo Francischini (2009), extrapolavam o âmbito da política esportiva para as esferas institucionais.

O Campeonato Nacional pretensamente representava o “moderno” no futebol brasileiro, algo que se afinava aos campeonatos nacionais jogados pela Europa e contrastava com o conservadorismo dos dirigentes locais e seus respectivos campeonatos estaduais. No entanto, essa dicotomia não se verificava, visto que as relações tradicionais e os clientelismos foram mantidos, e na concepção do novo Campeonato Nacional transparecia o continuísmo das práticas já há muito adotadas, tal como revelam os inúmeros exemplos dados neste capítulo (FRANCISCHINI, 2009, p.180)

Relações políticas que também foram observadas por Marcelo Proni (2000):

Sem dúvida, o exemplo mais nítido da utilização política do futebol brasileiro seria dado na segunda metade dos setenta pela atuação do então presidente da CBD, o almirante Heleno Nunes, que acumulava também a presidência da ARENA (partido político governista) no Rio de Janeiro. É sabido que os clubes que participavam do campeonato organizado pela CBD eram selecionados a partir de critérios políticos, ou seja, pela influência de deputados que reivindicavam um convite para as equipes de sua região eleitoral. Assim, o número de participantes foi aumentando até atingir 94 times, em 1979, para que as principais cidades do país fossem representadas naquele que se tornara “o maior” campeonato de clubes do planeta. Note-se que, nessa década, estádios grandiosos foram construídos por governos estaduais, principalmente no nordeste, para permitir o desenvolvimento da modalidade e viabilizar a inclusão de um representante no Campeonato Nacional (PRONI, 2000, p.145).

A partir das referências citadas anteriormente, percebemos novamente que mudanças foram implementadas para dar uma resposta as constantes pressões políticas, porém, sem uma mudança significativa na administração esportiva. Isso significa dizer que a arrecadação dos clubes permanecia estagnada, dependentes das bilheterias, mensalidade de associados e da venda de jogadores. Ao mesmo assim, por conta das exigências da CBD em relação ao aumento de gastos para garantirem uma vaga no nacional, não restava outra alternativa se não recorrer aos bancos. O conflito de interesses deixava as relações entre clubes e a entidade cada vez mais complicada, até que em 1979, a CBD sai de cena sendo fragmentada em diversas confederações esportivas e no caso do futebol, surge a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Embora esse movimento possibilitasse mais

autonomia para as modalidades esportivas, a entidade recém criada também se viu sujeita às alianças políticas e pouco diferiu de sua antecessora.

Já no início dos anos 80 houve uma recessão econômica que fez o que a situação dos clubes brasileiros que já estavam fragilizados economicamente se configurasse em uma crise diante de uma estrutura profissional. Desse modo, o modelo de marketing esportivo passou a ser visto com bons olhos, dado que poderia representar uma fonte de receita mais segura. Por conta disso, Proni (2000) destaca que na década de 90, olhando para a Europa principalmente, o marketing esportivo passou a ser visto como uma solução e uma maneira de garantir receitas mais seguras. Dessa forma a adoção de uma mentalidade empresarial na gestão dos clubes e federações, configurando o fim da tutela estatal e a dependência de fundos públicos (PRONI, 2000, p.147). Essa mudança não refletiu necessariamente na extinção de ajuda financeira da entidade para com as federações, mas sinalizou que as mudanças deveriam ser discutidas no Congresso ao invés de serem impostas pelo Governo Federal.

Em suma, ocorreram uma série de mudanças na administração do futebol na década de 90 a partir de contratos de parceria entre clubes e empresas. Neste novo cenário de profissionalização, Pozzi (1999) realça que o marketing esportivo se destaca por ser o responsável pela valorização da marca dos clubes e na conversão dos torcedores em consumidores dos produtos do clube. A concepção de “consumidores” poderia ser ampliada também para telespectadores, investidores e a mídia. Assim sendo, as principais fontes de receita dos clubes brasileiros passariam a ser de direitos de transmissão televisivos, venda de jogadores, bilheteria, patrocínios e licenciamentos. (POZZI, 1999, p.61-63).

Essa guinada transformou os principais campeonatos em produtos e a resposta foi positiva no que diz respeito a um aumento considerável de receita por conta da valorização publicitária e visibilidade na televisão com as transmissões. Por outro lado, ressalta Proni (2000), passar a tratar torcedores como clientes implicava em uma decisão “de cima para baixo”, que beneficiaria aqueles que tivessem mais renda, condicionando muitos deles a terem de optar por qual partida poderiam prestigiar, ao invés de terem sua presença mais frequente nos estádios. Além dos torcedores, existia uma grande diferenciação entre os times considerados de elite e outros times no cenário do futebol brasileiro, visto que se tratava de uma heterogeneidade estrutural que não seria compatível dependendo do quão permissivo seria a atuação de novos investidores que pudessem consolidar práticas monopolistas.

Mesmo com o intenso debate sobre a adoção do modelo de “futebol empresa” no Brasil que se iniciou na década de 90 e se estende até os dias de hoje, a adoção total de um modelo de organização esportiva empresarial ainda não se concretizou. Presentemente, os clubes profissionais, principalmente os da primeira e segunda divisão do futebol nacional, permanecem como associações sem fins lucrativos e o debate sobre o modelo de futebol-empresa, sobretudo e já atuante implementado na Europa, continua em voga.

2.2 As Casas Populares

A cidade onde foi realizada a pesquisa recebe o nome de Passa Quatro. Situada na região das Terras Altas da Serra da Mantiqueira e historicamente localizada por expedições bandeirantes paulistas em meados do século XVII, suas trilhas fazem divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo, representando o principal acesso à região sul mineira através da famosa Garganta do Embaú, ponto localizado no Vale do Paraíba que liga os municípios de Passa Quatro — MG e Cruzeiro — SP. Devido ao fato da estrada, hoje conhecida como Caminho Velho da Estrada Real, cruzar quatro vezes o rio local, tanto a cidade como o referido rio recebera a denominação de Passa Quatro. Em 1888, via Lei 3.657 de 1º de setembro, Passa Quatro se separa de Pouso Alto e se emancipa como município, marcando a data como feriado em comemoração ao aniversário da cidade. Segundo o IBGE, sua população é estimada em 16.344 pessoas (IBGE, 2020).

Curiosamente, os dois bairros destacados pela rivalidade no desfile dos blocos de carnaval e no futebol, em Passa Quatro, estão diretamente vinculados a um episódio trágico. O primeiro deles, um dos mais antigos da cidade, o bairro Santa Terezinha, se localizava em um lugar que, no passado, era um vasto pasto que, com a expansão do comércio de gado, se transformou em um enorme curral, passagem obrigatória de manadas vindas da região. Por se tratar de um ponto de intensa negociação de gado, o local que recebia o nome de sua protetora, passou a ser conhecido como *Feira*. Após a decadência do comércio de gado, a prefeitura traçou um loteamento que contribuiu para o processo de urbanização do bairro, através do surgimento de instalações de rede de água e esgoto, calçamento e iluminação das ruas, além da criação de quadras esportivas e estradas. Mesmo com o fim dessa atividade pecuária, a Feira continuou com intensa atividade comercial devido aos seus armazéns, comércio de secos e molhados, bares, botequins, confecções, padarias, açougues, armarinhos, quitandas e mercados até os dias de hoje.

Na noite do 22 de dezembro de 1956, a cidade de Passa Quatro foi acometida por uma

tempestade de verão provocando o transbordamento do Rio Mato Dentro que perpassa os bairros Barrinha, Boa Vista, São Francisco e o Santa Terezinha. A inundação invadiu casas e arrastou tudo que encontrou pela frente, provocando a morte de 32 pessoas e deixando 80 feridos. Uma das ações mais destacadas pelas autoridades públicas foi o projeto de lei onde se declarava o caráter emergencial para a desapropriação de terrenos no bairro Rio das Pedras visando construir um conjunto habitacional para os desabrigados (SALES, 2011). Pedro Mossri (1995), na condição de secretário da prefeitura da cidade, produziu uma apostila intitulada “Ligeiras anotações sobre os bairros da cidade de Passa Quatro”. De acordo com a sua descrição, a prefeitura realizou a indenização das vítimas a partir dos seguintes critérios: aqueles que tinham a escritura do lote e uma moradia já construída poderiam cedê-los para a prefeitura em troca de uma moradia na Rua Chicó Melo, no Bairro Rio das Pedras; Aqueles que tinham somente o terreno, sem nenhuma construção, poderiam receber uma indenização em uma troca dos lotes com o poder público municipal. Surgiu assim o Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, conhecido popularmente como “Casas populares”.

Anos depois, nas imediações das Casas Populares, nasceu o tradicional Catanga Futebol Clube, time de futebol de tantos títulos. Hoje em dia, por onde quer que se passe na cidade, o bairro também é denominado como “*Bairro do Catanga*”. Portanto, o bairro do Catanga surgiu após a tragédia de 1956 e é importante destacar que parte dos primeiros moradores residiam anteriormente no bairro da Feira, o seu grande rival no carnaval e no futebol, e viram no Catanga uma possibilidade de recomeço.

Figura 1 - Registro da tragédia da tromba d’água de 1956.



Fonte: Facebook de Fabio Mota⁷.

⁷ Disponível em <

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=408582929218201&set=a.408582889218205&type=3&theater>>.
Acesso em: 14/03/2019.

Figura 2 — Vítimas da tragédia no centro da cidade.



Fonte: Facebook de Fabio Mota⁸.

A apostila de Mossri (1995) também menciona a origem do nome do time de futebol. Segundo o texto, “Catanga” é uma referência a um conflito ocorrido na África na década de 60, desencadeado pela insurgência da província de Katanga na tentativa de separação da República Democrática do Congo⁹. Por inspiração desse acontecimento histórico, o clube de futebol, que surgiu nas imediações das casas populares, recebera esse nome na década de setenta. Assim, diz Mossri, “Catanga era, para muitos, palavra que significava violência, briga” (MOSSRI, 1995, p.34). Nesse contexto, surgiu a “confusão” de associar as Casas Populares ao clube de futebol do Catanga.

A despeito da narrativa oficial impressa na apostila de Mossri, entre os torcedores do Catanga Futebol Clube existe outra versão sobre a origem do nome do clube. Segundo esta versão, o nome tem origem na iniciativa de um antigo morador em reunir jogadores que residiam no local para formar um time de futebol masculino. A tarefa se mostrou complicada devido à dificuldade em encontrar homens disponíveis. Assim, formou-se um “*catado*”,

⁸ Disponível em <
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=408582952551532&set=a.408582889218205&type=3&theater>>.
Acesso em: 14/03/2019.

⁹ Como o documento em questão foi redigido em 1995, nele é mencionado o país africano como República do Zaire, denominação vigente no período entre 1971 a 1997.

“*catando*” todos aqueles aptos para entrarem em campo. Posteriormente, décadas depois, esse time se tornaria o Catanga.

Figura 3 – registro do “Catado”



Fonte: Carlos Britto.

Figura 4 – registro do “Catado”



Fonte: Carlos Britto.

Figura 5 – registro do “Catado”



Fonte: Carlos Britto.

Figura 6 – registro do “Catado”



Fonte: Carlos Britto.

A partir dos registros de Carlos Britto (1997), em seu livro artesanal “75 anos de Futebol em Passa Quatro”, encontramos registros de quatro times com o nome de Catado. Não se sabe ao certo se estes times eram de fato pertencentes ao bairro. Três deles datam de antes da enchente de 1956 e o outro, de dez anos depois, em 1966.

2.3 Estruturas e pessoas: solidariedade e tensões no Catanga

Nesse capítulo de contextualização, é importante descrever como o clube se organizava e quem eram os atores em questão. A organização do Catanga Futebol Clube passava pelas decisões de sua diretoria, composta por Fabinho, único membro que não mora no bairro e além de dirigente, também era um dos patrocinadores; Dário, atual capitão e meio campista do time principal; Higor, irmão de Dário e zagueiro que em determinadas partidas dividia a braçadeira de capitão; completando o grupo dos dirigentes, Beto, técnico e massagista do Catanga.

Mesmo não sendo morador do bairro, Fabinho chegou a posição de presidente do clube através de convite dos outros membros da diretoria. Levou-se em conta ser uma figura conhecida em Passa Quatro, dono de um dos bares mais frequentados na zona turística da cidade e potencial articulador de contatos. Ao assumir a função, se tornou um dos patrocinadores do clube, mobilizou contatos com torcedores organizados do Rio de Janeiro para fazer faixas e bandeiras, adaptou canções e gritos de guerras da torcida e nos dias de jogos ocupava muitas vezes a posição de “puxador”, aquele que toma a iniciativa das canções no ato de torcer.

Como observa Bauler (2004), ao estudar o futebol amador na Vila Campos do Cristal, em Porto Alegre, a condição de presidente é a representação política do clube, capaz de estabelecer articulação com políticos locais e outras instâncias de poder sempre visando as necessidades e interesses da agremiação (BAULER, 2004, p.95).

Dário e Higor conseguiram seus espaços pela prática do futebol enquanto jogadores, se destacando em outros times durante a adolescência até receberam a oportunidade de jogar pelo time principal do Catanga. A liderança em campo fez com que, após falecimentos e aposentadorias de membros mais antigos, surgisse a oportunidade dos irmãos ocuparem a posição na direção.

Beto é filho de Zeca, ex jogador e dono do bar que é a sede do Catanga Futebol Clube. Torcedor assíduo do time, Zeca sempre desejou que seu filho participasse de alguma forma da organização do time, mesmo que não fosse dentro do campo. "Pode ser como roupeiro, assistente técnico, qualquer coisa", dizia, o importante era fazer parte de alguma forma. Pressionado pelo pai, Beto jogou pelo time principal por um ano, até assumir a posição de técnico, massagista e principal incentivador do time, fazendo as reuniões da diretoria na sua própria residência.

Apesar da composição da diretoria, o clube também contava com a *ajuda* seus torcedores. Nesse sentido, o conceito de *ajuda*, num primeiro momento, nos mostra que as decisões do clube não eram tomadas somente pela diretoria. O clube também se abria para os seus torcedores, não sem antes resultar em disputas e tensões diversas. É o caso de Laura, mãe de dois jogadores do time principal do Catanga e torcedora assídua que para a edição do Carnaval de 2020, ajudou na organização do bloco de carnaval, sugerindo desenhos e cores na disposição da confecção da camiseta, assim como ficou encarregada de receber pedidos de encomendas e recebimento de pagamentos dos interessados em adquirir o adereço nos valores de 25 reais (versão adulta) e 15 reais (versão infantil). Após o desfile de carnaval efetivamente, quando foi decidido pela organização da prefeitura que naquela edição em especial não haveria troféu ou vencedores do desfile, alguns foliões do Catanga expressaram suas frustrações culpando a organização do bloco feita pelos torcedores.

Figura 7: Anúncio das camisetas do Bloco do Catanga de 2020 onde o mascote segura o troféu de campeão municipal de 2019.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Facebook¹⁰.

Outra *ajuda* oriunda dos torcedores se realizava por meio do programa de sócio torcedor, a partir da cobrança do valor mensal de 10 reais que garantia descontos diversos

¹⁰ Disponível em < <https://www.facebook.com/Catanatico/photos/a.827781077301606/2684779064935122>>. Acesso em: 07/10/2020.

nos seus produtos, uma vaga no ônibus que transportava os jogadores em jogos fora de Passa Quatro e no valor dos ingressos de cada partida. No entanto, existia uma dificuldade de cobrar os sócios torcedores a pagarem todo mês o programa e com a pandemia, o problema se agravou. Ainda assim, a diretoria do clube fez postagens em suas redes sociais (Instagram e Facebook) com fotos da carteirinha de diferentes sócios torcedores para impulsionar a participação. O Catanga dispunha, ainda, de uma loja virtual, onde disponibilizava seus produtos através de anúncios também em suas redes sociais, com fotos das camisas oficiais do time de futebol e do bloco de carnaval, jaquetas e bonés.

Figura 8: Modelo da carteirinha de sócio torcedor.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Facebook¹¹

Figura 8: anúncio da venda dos bonés na loja virtual do clube.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Instagram¹²

Contava também com parcerias de patrocinadores locais, sendo eles pequenos comércios, fábricas de alimentos e bebidas, empresas de pequeno e médio porte,

¹¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/Catanatico/photos/a.827781077301606/1973829076030128/>>. Acesso em: 07/10/2020.

¹² Disponível em < <https://www.instagram.com/p/BojjL5BAi74/>>. Acesso em: 07/10/2020.

estabelecimentos esportivos e meios de comunicação como rádio, todos eles com seus logos estampados na camisa oficial do time de futebol de campo, aquela onde os jogadores utilizam durante as partidas. A parceria entre clube e patrocinadores ocorreu porque os membros da diretoria, como me relatou Dário, bateram de porta em porta propondo o acordo.

Figura 9: Fotos recortadas dos uniformes do Catanga Futebol Clube.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Instagram¹³.

Outro eixo de análise é a hierarquia interna do clube, esta se organiza de cima para baixo, de maneira verticalizada, do time principal masculino para os times considerados de categoria de base do próprio Catanga. A marca dessa hierarquia é o uniforme. Nesse sentido, é definido quem é o dono do uniforme e a relação de hierarquia é sobre quem empresta para quem. Todos os uniformes são propriedade do clube e têm como objetivo principal, antes de serem disponibilizados para venda, serem utilizadas por todas as equipes das diversas modalidades que representam a agremiação. De todo modo, sua utilização passa por uma hierarquia estabelecida, dando prioridade de uso ao time de futebol de campo masculino. A modalidade de campo, mais especificamente, era dividida em dois times. O time de representação central, o Catanga Futebol Clube, considerado o mais experiente e contava com os jogadores considerados mais habilidosos para competir, enquanto o time B, denominado Catanguinha era composto por meninos do bairro em categoria juvenil e infantil, participando dos campeonatos organizados por modalidades restritas à idade. Nesse contexto, era o time principal quem *emprestava* os uniformes para as suas outras equipes.

¹³ Disponível em < <https://www.instagram.com/p/BglPuDhlcSh/>>. Acesso em: 07/10/2020.

No período de ausência de campeonatos oficiais, como não existe um treinamento ou uma atividade fixa, ou periódica, pré estabelecido, a direção do Catanga busca organizar amistosos para preparar o time para as competições. É nesses amistosos que se abre a possibilidade para novos jogadores serem testados. Ocorria uma seleção entre os próprios jogadores do bairro que eram agregados aos mais experientes, com jovens jogadores que chegavam a equipe por diferentes critérios, seja por relações familiares, de amizade (geralmente estabelecidas por figuras influentes na direção), ou pelo destaque em times de outros bairros.

No entanto, seja morador ou jogador de outras localidades, ingressar ao time do Catanga não era garantia de ter a oportunidade de entrar em campo necessariamente quando chegasse as competições oficiais com a LDC ou o Municipal. No time titular, existe uma hierarquia estabelecida entre os jogadores considerados como peças centrais. Os “intocáveis” têm o reconhecimento tanto da equipe quanto da diretoria e, principalmente, da torcida. Restava aos jogadores que ainda procuravam seu espaço disputarem uma vaga nas posições ainda acessíveis nos amistosos. Não raro a disputa pela escalação no time titular gerou rompimentos e resultou no surgimento de outras equipes no bairro. Esse foi o caso do Catania, equipe composta por jogadores de diferentes bairros, onde a sua maioria era do próprio Catanga, inclusive muitos ex jogadores da equipe principal. O Catania se configura como uma fissura devido a um fluxo que não deu conta de abarcar todos os jogadores, fortalecendo um modelo de circulação. Outros times foram criados para disputar a segunda divisão do municipal, e uma dessas equipes tinha ninguém menos do que Dário, capitão da equipe principal e membro da direção do Catanga, como técnico.

A escolha do time que inicia a partida passa, em grande medida, por Higor e Dário, após conversas antes das partidas, quando todos do elenco confirmam disponibilidade a cada final de semana no grupo de WhatsApp, formando assim uma lista de presença. Com os nomes dos jogadores disponíveis para a partida em questão, é considerada a posição onde cada um dos atletas prefere jogar, não sendo incomum ocorrer um desequilíbrio onde se tem mais atletas do que o necessário em determinadas posições, e carência em outras. A escolha dos atletas, além das preferências táticas e afetivas, passa também pela aprovação da torcida. Excluir determinado jogador do time titular pode não apenas ser passível de manifestações na arquibancada como pode interferir nas relações na vizinhança, fazendo com que familiares, cônjuges e amigos deixem de acompanhar o time como forma de protesto.

Portanto, mais do que a condição de bom jogador, para jogar no Catanga, é preciso ser aceito a partir do fortalecimento de múltiplas relações.

Não existe treinamento prévio do time para qualquer competição, cabe aos próprios jogadores “se cuidarem” em relação à forma física. Ainda assim, existe uma cobrança da própria torcida em relação ao desempenho de cada jogador, como ouvi relatos durante as partidas de um torcedor que criticava o capitão do Catanga por ter “ganhado uns quilos a mais” ao longo dos anos e por conta disso não conseguia mais fazer a mesma quantidade de gols que fazia no passado, prejudicando diretamente seu desempenho em campo.

Embora no caso do Catanga os jogadores não treinem passes ou chutes antes do jogo, a organização técnica em campo do time passa em grande medida pelos jogadores experientes e que exercem uma posição de liderança no grupo. Dário sempre tenta “*dar uns toques*” sobre posicionamento e questões táticas para os demais jogadores, por outro lado, os torcedores na arquibancada sempre esperam pela vitória e reagem durante toda a partida, caso uma jogada não saia como o esperado, existe uma grande possibilidade de uma cobrança se traduzir em gritos de descontentamento direcionados ao gramado.

No primeiro momento, portanto, a diretoria do clube se abre primeiramente para os torcedores, mediados por Laura a partir de vínculos de parentesco e amizade. Quando a conquista do desfile de carnaval não se concretiza, coloca-se em questão se esta abertura teria sido a melhor decisão, mesmo que a organização do Catanga não tenha sido um critério da prefeitura para definir a questão da premiação, mas sim as músicas cantadas durante o percurso. Como a prefeitura estabeleceu que, por regra, nenhum bloco de carnaval poderia cantar nenhuma música que mencionasse o bloco rival, o descumprimento da regra pelo Catanga fez com que ficasse definido que naquele ano não teria um vencedor do desfile.

Em um segundo momento, o clube se abre para os comerciantes locais, alguns sendo do próprio bairro, outros de fora. De todo modo, passavam pela ideia de *ajuda*, que apontava para um interesse econômico como uma abertura de dentro para fora. Seguindo nessa mesma direção vem tanto o programa de sócio torcedor quanto a loja virtual, lógicas que perpassam a modernização do futebol profissional com o intuito de fazer com que os torcedores também se tornem consumidores. Desse modo, mesmo adotando essa medida, prevalece a lógica da *ajuda* e não a do mercado, como no caso das camisas de carnaval da loja vendidas por Laura. Eu mesmo cheguei a comprar uma camisa como sugestão da própria torcedora para poder participar do desfile de 2020. Faltando poucos minutos para

iniciar a saída do bloco, Laura presenteou conhecidos que se juntaram ao bloco para que estes também pudessem participar.

Diferente do que se observa no universo profissional, no futebol de várzea, “a divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária” (DAMO, 2006, p.15). Isso significa que, embora o Catanga enquanto um time de futebol amador contasse com dirigentes, técnico, massagista, estes muitas vezes se misturavam com outras atribuições. Como dito anteriormente, no time do Catanga, Higor é o técnico e exerce a função sem remuneração. Durante as partidas também atua como massagista entrando em campo carregando uma espécie de bolsa com garrafas de água para prestar uma assistência primária caso algum jogador sofra uma falta e sinta alguma dor. Fora do estádio é um dos membros da diretoria e também trabalha no bar da família que é a sede do clube de futebol. Outros membros da direção também são jogadores do clube e conciliavam suas funções durante às duas competições, também sem remuneração.

A necessidade de transformar o torcedor também em consumidor esta presente nesse debate entre futebol profissional e amador. No caso do Catanga, isso se torna evidente através de sua loja virtual onde vendem camisas, bonés, canecas, além da possibilidade se tornar um sócio torcedor. Porém, é importante ressaltar que no âmbito profissional, segundo Toledo (2002), o programa de sócio-torcedor surgiu como uma nova modalidade do torcer que marcaria a transição entre o torcedor para “consumidor esportivo” em um contexto onde estava em debate a proibição formal das torcidas organizadas em São Paulo e a ampliação do debate sobre violência nos estádios brasileiros, configurando uma atribuição bastante genérica do papel do torcedor que valorizava uma lógica de máximo consumo e modernização (TOLEDO, 2002, p.242–243). Segundo o autor, essa lógica de consumo incidia os torcedores na obrigatoriedade de contribuir financeiramente com o clube em troca de um tratamento especial a partir de brindes, entrada e espaços separados dos demais torcedores, ingressos e preços privilegiados e carteirinha com foto. Embora essa campanha visasse uma “parceria” comercial, existia uma intencionalidade de inibição da violência a partir de um cadastramento dos torcedores, algo que segundo o autor, não teve adesão de muitas torcidas organizadas que optaram por manter uma participação mais coletivizada (TOLEDO, 2002, p.245).

No caso do Catanga, existem outras experiências menos institucionalizadas. A venda de produtos do clube, que se apresenta em um primeiro momento alinhada a uma perspectiva mercadológica, se revela de outra forma quando vivenciada no domínio do cotidiano.

Através da sociabilidade, notamos como estes produtos são muito mais do que simples mercadorias à venda. A relação entre os torcedores e o clube, como é no Catanga, revela mais um suporte, a *ajuda* ao clube que passa pela ideia de solidariedade em relação à comunidade em que vivem.

O primeiro ponto a se considerar é a própria formação da direção, em que Beto se tornou técnico a pedido de seu pai Zeca, ex jogador que fundou a sede do clube, além dos irmãos Dário e Higor que após antigos companheiros de equipe se tornarem veteranos e deixaram um espaço preenchido por eles. Formada a nova gestão, o Catanga dependia também da solidariedade do bairro para se manter, algo constantemente negociado e que também resultava em conflitos. Nesse sentido, o clube se abriu para dentro e para fora, de maneira horizontal. Primeiro para os seus torcedores e depois para os patrocinadores que estampam suas marcas no uniforme do clube. O uniforme, por sua vez, é a marca da hierarquia interna do clube demonstrando uma ordem de preferências entre a equipe principal e o Catanguinha, porém, essa hierarquia não poderia deixar de fora também a preferência da sua torcida. Caso um jogador mude de time, deixe de ser escalado ou até mesmo seja excluído da equipe, podem se formar fissuras com o surgimento de novas equipes e rompimentos de relações no bairro, por isto, se leva em consideração não somente a habilidade do atleta com a bola, mas de quem é ele parente e amigo.

Portanto, toda essa organização do Catanga não é profissional devido ao clube ser atravessado e dominado pela lógica de vizinhança, parentesco e de amizade. Apesar de se espelhar e até mesmo adotar medidas consideradas “modernas” do futebol profissional, adapta tudo isso a sua maneira, ou seja, a bricolagem do futebol (DAMO, 2020).

Dito isso, podemos falar da existência de diferentes “futebóis” sendo praticados de diferentes maneiras e elucidam uma diversidade cultural e social a partir da sua prática e reconhecimento social. Isso nos permite dizer que dispositivos e comportamentos passam por critérios bem definidos e apesar de todas as possibilidades de adaptações, existia um limite. Veremos adiante que determinadas regras monopolizadas da prática do jogo, dentro de campo, permaneceram.

2.4 A dinâmica das competições

Realizado aos finais de semana, os campeonatos nos quais observei a participação do Catanga aconteciam sempre no Estádio Municipal de Passa Quatro, seguindo algumas regras da FIFA-IB contando, inclusive, com árbitros associados a Federação Mineira de

Futebol. Apesar disso, a organização dos eventos da Liga Desportiva Caxambuense (LDC) e o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, respectivamente organizados pela LDC e a secretária de esportes de Passa Quatro, expressavam certa autonomia para criar seu próprio regulamento definindo o número de equipes participantes, qual seria o formato, como seriam as punições de jogadores, suspensões, desclassificação de equipes em determinados descumprimentos de regras e até o tempo de suspensão no acúmulo de cartões amarelos e expulsões com o cartão vermelho. Essas competições também não contavam com a presença da polícia Militar e de uma ambulância, requisitos obrigatórios para as competições profissionais em território nacional, exceto no caso do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro onde, após uma briga no campo envolvendo o time do Catanga, a secretaria de esportes da cidade decidiu contratar seguranças para ficarem na beira do gramado.

Por outro lado, a relativa autonomia em questão não significa que os organizadores não seguem determinadas regras padronizadas pela FIFA-IB, como impedimento e demais infrações como pênaltis, cobranças de faltas, aplicação cartões amarelos e vermelhos, número mínimo de atletas em cada equipe presentes na partida, possibilidade de fazer três substituições para cada equipe por partida, duração de noventa minutos divididos entre dois tempos com vinte minutos de intervalo. As regras do jogo eram aplicadas pela autoridade do trio de arbitragem contratado pela organização vinculado e formado por cursos disponibilizados por órgãos estaduais que seguem à risca as normas da prática do futebol espetáculo. Essa seria a relação entre o local e o global, para ser futebol, é preciso seguir certas regras, esse seria o limite da bricolagem.

2.4.1. A Liga Desportiva Caxambuense

O primeiro campeonato que gostaria de destacar é a Liga Desportiva Caxambuense (LDC) e para isso, discorrerei inicialmente sobre seu contexto histórico. Segundo Couto (2003), foi fundada em 1915 a Liga Mineira de Esportes Atlético, responsável pela organização da primeira competição oficial de futebol da capital mineira. Naquela ocasião, participaram cinco times. Atlético, América, Yale, Higiênicos e Cristóvão Colombo. O Atlético sagrou-se campeão mineiro, feito que repetiu na edição de 1927. Após isso, o bi campeão mineiro passou a recrutar novos atletas oferecendo "bolsas de estudo" e salários, marcando assim uma transição do futebol mineiro de caráter amador para o que se entende como organização profissional (COUTO, 2003:45). Pouco tempo depois, a entidade

esportiva mineira se fundiu com Ligas Municipais (Ligas) e Associações Desportivas (Clubes), formando assim a Federação Mineira de Futebol (FMF), determinando regulamentos e diretrizes para todos os seus integrantes e filiados¹⁴.

Com objetivo de organizar um campeonato estadual que abarcasse também o interior do estado, a FMF dividiu o território mineiro em entidades regionais, regulamentando assim, a fundação da Liga Desportiva Caxambuense (LDC) (fato amplamente noticiado pelo jornal A NOITE, em abril de 1944¹⁵), com a jurisdição de São Lourenço, Soledade, Cambuquira, Lambari, Passa Quatro, Pouso Alto e outras cidades da região sul mineira. A cidade de Caxambu ganhou uma entidade esportiva cuja finalidade seria promover um campeonato regional com o objeto de ampliar a prática esportiva nessas localidades. Além disso, a criação da Liga assumia um discurso que se relacionava a prática esportiva a princípios morais e de patriotismo a partir da iniciativa do poder público estadual e federal.

Sua excia [Governador do Estado de Minas Gerais] com o plano em plena execução, plantando no extenso território mineiro marcas impagáveis da fecunda administração, demonstrou que no seu governo a mocidade tem um lugar de destaque e que ela está colocada em primeiro plano, como elemento de grandeza e de progresso de um Estado (A NOITE, p. 13, 16 de abril de 1944).

Embora a LDC não tenha se tornado uma entidade voltada para as competições profissionais, o contexto histórico em que foi fundada perpassava por um impulso para a profissionalização do futebol como foi discutido anteriormente.

A edição de 2019 da LDC ocorreu entre 17 de março até 14 de julho. Acompanhei o torneio até o dia 9 de junho, quando do primeiro jogo das quartas de finais pela 11ª rodada da competição e o último jogo do Catanga em Passa Quatro, na posição de mandante da partida.

¹⁴ Estatuto da Federação Mineira de Futebol. Disponível em <http://www.fmf.com.br/arquivos/Estatuto_FMF.pdf>. Acesso em 5 de outubro de 2020.

¹⁵ Publicação do jornal A NOITE. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=26240&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 05/10/2020.

Figura 10: anúncio do primeiro jogo das quartas de final em Passa Quatro.



Fonte: Liga Desportiva Caxambuense.

A competição foi organizada em três grupos. Os grupos A e o B foram compostos por cinco times e o grupo C por apenas quatro, configurando em um total de quatorze times. Por iniciativa da secretaria de esporte de Passa Quatro, ficou acordado que o campeão e o vice-campeão do campeonato municipal de 2018 poderiam participar da Liga, visto que não houve acordo em montar um único time com os melhores da cidade, representando uma espécie de seleção de Passa Quatro como já havia acontecido em edições anteriores. Assim, Passa Quatro foi representada pelo atual campeão municipal de 2018, o São Jorge Futebol Clube, time da Feira, e o Catanga Futebol Clube. Ambos receberam apoio da Secretária de Esportes para os deslocamentos em jogos fora da cidade como ônibus, motorista, combustível e alimentação. Além deles, as cidades de Cruzília, Itanhandu, Caxambu, Pouso Alto, Varginha, São Lourenço, Baependi, Madre de Deus, Carmo de Minas, Andrelândia, Soledade de Minas e Conceição do Rio Verde também participaram, porém, comum único time como representante por cidade. Todas as equipes pagam taxas de inscrição, porém, em contrapartida, têm direito ao dinheiro arrecadado na bilheteria de cada partida realizada em seu município, “em casa”, quando ficavam na condição de mandante.

O Catanga conseguiu apenas uma vitória nos seis jogos que disputou pela primeira fase da Liga Desportiva Caxambuense e só se classificou para as quartas de finais devido à desistência do time da cidade de Varginha, o Registânea. A equipe não compareceu para uma das últimas partidas da 1ª fase e por conta do regulamento da competição, a ausência de qualquer agremiação resulta em desclassificação automática do torneio.

Figura 11: tabela de classificação final da primeira fase da Liga Desportiva Caxambuense.

 TABELA DE CLASSIFICAÇÃO 											
LIGA DESPORTIVA CAXAMBUENSE - CHAVE A											
EQUIPES	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	PP	%	CLA
YPIRANGA (CRUZÍLIA)	12	06	03	03	00	08	04	04	-06	66,67	1º
CATANGA (PASSA QUATRO)	06	05	01	03	01	05	03	02	-09	40,00	2º
CRUZEIRO (POUSO ALTO)	06	06	01	03	02	08	10	-02	-12	33,33	3º
C A C (CRVERDE)	04	05	01	01	03	07	11	-04	-11	26,67	4º
REGISTÂNEA (VARGINHA)	00	00	00	00	00	00	00	00	00	0,00	5º
LIGA DESPORTIVA CAXAMBUENSE - CHAVE B											
EQUIPES	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	PP	%	CLA
ATLÉTICO (SÃO LOURENÇO)	15	08	04	03	01	13	07	06	-09	62,50	1º
SÃO JORGE (PASSA QUATRO)	11	07	03	02	02	09	06	03	-10	52,38	2º
AMÉRICA (BAEPENDI)	09	07	03	00	04	10	13	-03	-12	42,86	3º
SANTA HELENA (CAXAMBU)	08	07	02	02	03	08	11	-03	-13	38,10	4º
INDUSTRIAL (ITANHANDU)	07	07	02	01	04	09	12	-03	-14	33,33	5º
LIGA DESPORTIVA CAXAMBUENSE - CHAVE C											
EQUIPES	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	PP	%	CLA
SOLEDADE DE MINAS	12	05	04	00	01	12	04	08	-03	80,00	1º
CARMO DE MINAS	09	05	03	00	02	07	07	00	-06	60,00	2º
ANDRELÂNDIA	05	05	01	02	02	05	06	-01	-10	33,33	3º
ITANIL (MADRE DE DEUS)	02	05	00	02	03	03	10	-07	-13	13,33	4º

Fonte: Liga Desportiva Caxambuense.

Avançaram oito times para a fase seguinte, as quartas de final. Essa etapa era organizada em dois jogos, um jogo na cidade de cada um. O Catanga enfrentou o Soledade de Minas. O primeiro jogo foi em Passa Quatro e o mandante conseguiu sair com a vitória por 1x0. Já na segunda e decisiva partida, o time passaquatrense não conseguiu segurar a vantagem e perdeu por 3x1, eliminado do torneio por um agregado de 3x2, somando às duas partidas.

Com a eliminação do campeonato no dia 16 de julho de 2019, toda a direção e os jogadores do clube passaram a se organizar para o início do Campeonato de Futebol Amador de Passa Quatro 2019, no dia 4 de agosto. A estreia do time seria no dia 18 do mesmo mês.

2.4.2. O Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro

A segunda competição, o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, é uma das grandes atrações esportivas da cidade, mobilizando diversos atores de diferentes lugares da cidade para o mesmo espaço, o Estádio Municipal. A competição é organizada pela Secretaria de Esportes de Passa Quatro, contando com seguranças contratados, três árbitros por partida em sistema de escala e controle da bilheteria do Estádio Municipal, local onde é realizada todas as partidas, cobrando um ingresso no valor de um real na primeira fase da competição e dois reais, na segunda.

Dentre as competições disputadas pelos times passaquatrenses ao longo do ano, o título de campeão da cidade é o mais prestigiado. Segundo Dário, “é preciso ganhar pelo menos uma vez na vida o municipal”, e por vezes, essa fala parece ter ecoado, fazendo com que jogadores de bairros distintos optassem por unir forças e se juntarem ao grupo do Catanga, o clube que mais vezes levantou a taça de campeão da cidade. Apesar desse histórico vencedor ao longo dos anos, o time não vencida a competição desde 2017. Desse modo, a equipe se organizou taticamente para a competição, com o intuito de minimizar os erros cometidos durante a campanha na LDC meses antes. Como Dário havia me dito, “o time não se preocupou em se reforçar nas posições mais carentes, chegou um momento que tínhamos quatro atacantes e poucas opções nas outras posições”. Para o Municipal, o Catanga se reforçou com novos jogadores, inclusive dois deles vieram do grande rival, o São Jorge.

A edição de 2019 foi organizada em duas divisões, contabilizando um total de dez times. O Catanga estava na primeira divisão com outros times tradicionais da cidade, como Papo Seco, Catania¹⁶, Pinheirinhos e o São Jorge (time do bairro da feira). Em relação à segunda divisão, o bairro do Catanga também tinha dois times participando da 2ª divisão, o Catanguinha e o Atlas, competindo também com Miami Drink, Sapé Madri, União e Feira. É importante ressaltar que o bairro do Catanga tinha quatro times na competição: Catanga, Catanguinha, Atlas e Catania. As presenças das equipes do bairro se tornaram um termômetro para cada jogo, despertando o interesse dos torcedores e dos próprios moradores.

Acompanhei o campeonato sempre ao lado de três torcedoras: Laura, Didi e Paula¹⁷, três irmãs moradoras do bairro e torcedoras assíduas do time do Catanga. Lila é mãe do lateral direito titular e mãe adotiva do atacante do time do Catanga. Já Didi tinha dois filhos jogando pelo Catania, o time recém-criado do bairro e morava com a sua irmã mais nova, Paula. Do mesmo modo, o irmão das três também jogava pelo Catania com os dois sobrinhos.

A dinâmica da torcida catanguense se tornou um pouco diferente em relação ao Campeonato Municipal. Durante a LDC, a torcida era praticamente única no estádio e isso era compreensível devido à distância que os demais times, que vinham de fora do município,

¹⁶ Time formado amigos de diferentes bairros como Pinheirinhos, Pé do Morro, Quilombo e a sua maioria do próprio Catanga.

¹⁷ Paula, Didi e Laura são figuras muito importantes para time e para o bairro, falarei delas com mais destaque no último capítulo do trabalho.

de locais distantes, precisavam percorrer, dificultando a presença de torcidas adversárias. Além disso, era um campeonato novo que ainda não tinha muito reconhecimento dos torcedores da cidade. O Catanga também sentiu a presença reduzida da sua torcida quando os jogos eram fora dos limites de Passa Quatro. Quando se trata de dois times da mesma cidade, como é o caso das partidas do campeonato municipal, a disputa por espaços entre torcidas rivais tanto na cidade quanto no Estádio Municipal tende a ser mais presente e isso foi observado com a realização dos dois campeonatos em sequência.

Outro fator importante era que a confiança em relação ao desempenho do time estava renovada, visto que se tratava de outro campeonato. Não se tratava qualquer campeonato, mas sim uns dos mais tradicionais da cidade, representando um recomeço para a equipe que foi bastante criticada no torneio anterior e que manteve, em sua maioria, grande parte do elenco para a segunda competição.

O campeonato municipal tinha uma dinâmica interessante para o público da cidade, onde os jogos eram organizados aos domingos entre diferentes representantes de cada bairro da cidade. Durante a primeira fase, conhecida como fase de grupos, as partidas eram organizadas na parte da tarde. Às 13 horas jogavam os times pertencentes a segunda divisão da competição e às 15 horas jogavam os times da primeira divisão. Dificilmente as partidas começavam nos horários combinados e os atrasos variavam entre 10 a 30 minutos por partida. O calor era um problema frequente e a arquibancada do estádio, a única parte coberta, era um espaço de intensas disputas e fronteiras.

Por fim, embora seja um campeonato em que não tive a oportunidade de acompanhar diretamente, acredito ser importante trazer sua contextualização pela proposta da sua organização e como, ao longo de sua realização, estimulou uma rivalidade esportiva muito presente até os dias de hoje.

A relação entre bairro e práticas desportivas em Passa Quatro remete a lembrança de uma das competições mais antigas da cidade, os Jogos de Verão de Passa Quatro. Na década de 40, quatro lideranças de bairros distintos da cidade se reuniram para criar o referido evento: o médico conhecido na cidade como Dr. Décio representando a Feira, Leta do Catanga, Dircinho Greca do Centro da cidade e Manoel Leite do bairro Pinheirinhos.

O campeonato envolvia diversas modalidades como vôlei de quadra e de areia, futebol de salão e de campo, handebol, atletismo, xadrez, truco, entre outros, articulado entre os bairros da cidade, no qual cada um já tinha definido previamente suas cores de

representação: o Catanga com cor vermelha, a Feira com o azul, Pinheirinhos verde, Papo Seco branco e o Centro de laranja.

A principal regra para poder se inscrever nos *Jogos* era que o participante fosse morador do bairro pelo qual desejasse competir, sendo necessário, inclusive, portar um comprovante no ato de inscrição para atestar sua residência. No decorrer da competição, era exibido um grande painel que computava os pontos de todas as modalidades disputadas em uma espécie de ranking para ser feito a contagem da pontuação, após cada disputa, de modo que os participantes tivessem a possibilidade de conferir a pontuação geral e, em simultâneo, manter um clima de rivalidade esportiva. A entrega das premiações em medalhas e faixas eram feitas no cinema da cidade na época, em uma mesa que ficava em cima do palco, fazendo com que os vencedores subissem até lá e fossem vistos por todos.

Com o passar dos anos, os organizadores passaram a enfrentar dificuldades com a organização do evento por falta de atletas para compor as diferentes modalidades e a competição que ocorria anualmente deixou de acontecer por alguns anos. Após um período de declínio, a prefeitura decidiu assumir esse compromisso e passou a organizá-lo, alterando sua realização para o período do inverno, visando evitar problemas com as chuvas da época do verão alagarem parte do ginásio. Desse modo, surgiu uma segunda versão desse mesmo evento esportivo, os *Jogos de Inverno*, seguindo o mesmo formato.

Figura 12: Tabela dos Jogos de Verão de 2016.

MODALIDADE		PONTUAÇÃO GERAL				
		CATANGA	CENTRO SÃO GERALDO COPACABANA	FEIRA	PINHEIRINHOS	TRONQUEIRAS PÉ DO MORRO
1	FUTSAL SUB 11	08	02	06	10	04
2	FUTSAL SUB 13	04	06	08	02	10
3	FUTSAL SUB 15	06	—	10	04	08
4	FUTSAL SUB 17	10	06	08	02	04
5	FUTSAL AMADOR	08	04	10	06	02
6	FUTSAL MASTER	06	—	10	08	—
7	FUTSAL FEMININO	10	04	08	06	02
8	BASQUETE MASCULINO	06	10	08	—	—
9	VOLEI FEMININO	04	08	10	06	02
10	VOLEI MASCULINO	04	02	08	06	10
11	VOLEI ADAPTADO MISTO	X	X	X	X	X
12	VOLEI AREIA FEMININO	04	06	08	10	—
13	VOLEI AREIA MASCULINO	04	02	08	10	06
14	CORRIDA 10KM FEMININO	08	10	06	—	06
15	CORRIDA 10KM MASCULINO	04	06	08	02	10
16	REVEZAMENTO 4X400 SUB 11 FEMININO	10	—	—	—	—
17	REVEZAMENTO 4X400 SUB 11 MASCULINO	08	—	10	—	—
18	REVEZAMENTO 4X400 SUB 13 FEMININO	10	—	—	—	—
19	REVEZAMENTO 4X400 SUB 13 MASCULINO	10	08	06	—	—
20	REVEZAMENTO 4X400 ADULTO FEMININO	10	08	—	—	—
21	REVEZAMENTO 4X400 ADULTO MASCULINO	10	06	08	—	04
22	HANDEBOL FEMININO	10	—	08	—	—
23	HANDEBOL MASCULINO	10	06	08	04	—
24	FUTEVOLEI	06	04	08	10	02
25	SKATE	08	10	—	—	—
26	TRUÇO	10	04	06	—	08
27	SINUCA	10	06	08	04	—
28	MTB Feminino	10	—	08	—	—
29	MTB Masculino	10	04	06	08	—
TOTAL		218	122	192	98	78

Fonte: Paula.

A última edição da competição foi em 2018, dado que em 2019, segundo o secretário de esportes da cidade, o poder público optou por não realizar o evento novamente por conta da dificuldade em relação ao número suficiente de atletas por modalidade. Por se tratar de um evento que demandava uma grande mobilização de atletas devido as suas diversas modalidades, além da disparidade da dimensão territorial de cada bairro. Na tentativa de solucionar esse problema, foi aceito a fusão de diferentes bairros em uma única equipe. Os esforços eram constantes, não raro ouviam-se narrativas de participantes de uma modalidade convidados para completar a equipe de outros esportes. Um dos moradores da cidade sentado próximo durante nossa conversa e parecia ser conhecido do secretário, comentou que durante a sua adolescência, quando ainda participava dos jogos, compareceu ao evento para jogar futsal e após a partida foi abordado pelo time de vôlei para que ajudasse a completá-lo. Esse acontecimento evidenciava uma regra importante do campeonato, caso o número de jogadores não estivesse exato, o time não poderia competir e seria computada a derrota automática.

Além disso, havia também a preocupação com a questão da violência, onde algumas vezes a rivalidade era tão intensa ao ponto das torcidas ficarem “incontroláveis” durante as disputas no ginásio. O ginásio é um espaço fechado com apenas duas saídas, sendo o portão principal e uma porta lateral, dificultando uma logística que garantisse uma intervenção dos seguranças contratados pela Prefeitura.

Durante a dinâmica das competições descritas, é importante destacar como o campeonato municipal era muito mais valorizado do que qualquer outra competição, mesmo ao ser comparado com competições de maior visibilidade e que tinha, inclusive, premiação em dinheiro como era a LDC. Ser o campeão da vida em que residiam sempre foi o objetivo principal e esse dado mostrava pela primeira aquilo que descreverei melhor no capítulo a seguir, uma inversão de expectativa.

3 Pensando o Futebol e a Cidade: PEDAÇOS, TRAJETOS E SÍMBOLOS

Quando se falava em futebol no bairro Rio das Pedras, logo se pensava no Catanga Futebol Clube. Catanga denominava não apenas o time de futebol, mas o bloco de carnaval local e o próprio bairro, de modo que até agora, por onde quer que se passe na cidade, o bairro é reconhecido como “bairro do Catanga”. Assim, time de futebol e bairro se mostravam como esferas intensamente vinculadas, o que dificultava traçar uma linha divisória entre um e outro. Como pretendo demonstrar no texto que se segue, era através do futebol que esse clube amador ganhava destaque no bairro e, em simultâneo, criava elos de interação com o restante da cidade a partir de laços de pertencimento.

Catanga é um bairro de periferia, fica em um dos extremos da cidade e faz divisa com a zona rural. É notável a associação entre periferia e desordem social, no que se refere a ideia de violência. Diversos foram os “avisos” para eu tomar cuidado quando fosse circular no bairro. Era preciso “ter contato com algum morador”, “estar atento ao horário” e “não dar bobeira por lá”, afinal, “o povo do Catanga é tudo encrenqueiro”. Muitas dessas falas vinham de pessoas que não frequentavam o bairro, mas evocavam narrativas a partir de seus torcedores de futebol, ou seja, de quando estes eram vistos torcendo pelo time do bairro, formando um circuito de estigma.

Nesse capítulo buscarei apontar como o futebol, para os jogadores e torcedores do Catanga, era percebido para além de um momento de divertimento e extensão do lazer. Naquele contexto, a prática esportiva e o ato de torcer implicavam na ampliação da dinâmica social, pois era jogando e torcendo pelo seu time do “coração” que circulavam, se relacionando com diversas pessoas e espaços da cidade. Assim, procurei compreender como se forma a relação entre bairro e futebol, lançando um olhar para os trajetos por campos, bares e avenidas, onde modos distintos de se relacionar e práticas específicas eram mobilizadas em torno do Futebol para repensar e formular também a cidade em que viviam.

Desse modo, me aproximo do conceito de “pedaço” elaborado por Magnani (1992, 2003) que foi desenvolvido a partir de suas pesquisas sobre cultura popular e modalidades de lazer em bairros periféricos na cidade de São Paulo. O conceito contribui para pensar a relação entre o time de futebol e o bairro por relacionar componentes da ordem espacial que correspondem ao simbólico. Ou seja, o território do Catanga sendo bem demarcado e constituindo espaços de passagens e encontros definidos pelas atividades do time de futebol

e opera como referência de ordenamento a partir dos códigos de pertencimento clubístico, ordenando e classificando aqueles que são do pedaço do Catanga, “Pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os "bandidos" da vila, de alguma forma, acatam” (MAGNANI, 2003, p.116).

Enquanto que o caminhar junto até o estádio, se colocar em movimento coletivamente para além dos limites do bairro, ligando diferentes pontos da cidade. A esse deslocamento mobilizo o conceito de “trajeto” “[...] que abre o pedaço para fora, para o espaço em âmbito do público” (MAGNANI, 1992, p.199). Forma-se um trajeto entre bar, arquibancada e bar novamente. Esses deslocamentos expandem as narrativas desses torcedores de futebol demonstrando uma maneira específica de circular por determinados espaços na cidade. Como observa Enrico Spaggiari (2015), se trata da produção do espaço urbano que inverte o fluxo do centro da cidade em direção as periferias, fazendo com que a cidade seja construída a partir da região periférica em direção as regiões centrais da cidade (SPAGGIARI, 2015:59-60). Essa perspectiva nos possibilita pensar, com os torcedores, os espaços públicos que revelam uma cidade em sua diversidade e não como algo já definido, a partir da inversão de fluxo.

3.1 Inserção no trabalho de campo: Bar, Avenida e Estádio

Informado por Edinho sobre o campeonato da Liga Desportiva Caxambuense (LDC) que se iniciaria no dia 17/03, consegui o contato de Fabinho, presidente do Catanga, com um conhecido em comum, mandei mensagem pelo WhatsApp me apresentando e fui convidado a me juntar com parte da torcida que havia marcado de se encontrar em um bar no bairro. Era dia de jogo. O time iria estreiar na LDC de 2019, importante campeonato amador regional, onde diversos times do sul de Minas Gerais competem pelo troféu de campeão e uma premiação em dinheiro.

Chegando no local, encontrei Fabinho com um aglomerado de torcedores que bebiam em pé na calçada em frente ao bar. Fui apresentado para parte deles que rodeavam meu anfitrião e convidado a participar da conversa enquanto esperávamos a chegada dos demais torcedores com o intuito de reunir o maior número possível para apoiar o time e *invadir* o estádio. Nesse sentido, o trajeto é uma invasão da cidade e isso não é feito naturalmente. A invasão é uma ideia de luta e para isso, como veremos mais adiante, são mobilizados símbolos agressivos, de briga justamente porque passam pela lógica do futebol

entre perder e ganhar. Forma-se um movimento da periferia conquistando o centro da cidade: é preciso brigar por isso em um trajeto de baixo para o alto. Essa inversão de hierarquia demonstra uma experiência coletiva e, ao mesmo tempo, agonística para marcar posição e a invasão.

A espera era marcada pela presença de bebida alcoólica; ocorria uma verdadeira comunhão de copos, alternando entre garrafas de vinho, cervejas e cachaça que serviam pouco mais de quatro copos plásticos que eram partilhados por um contingente de vinte pessoas. Mesmo com uma latinha de cerveja que me foi dada por Fabinho em mãos, me foi oferecido de maneira recorrente um gole dos copos dos outros torcedores com os mais diversos tipos de bebidas alcoólicas.

Faltando poucos minutos para o início do jogo, começou a organização para dar início o deslocamento pelo trajeto do bar até o Estádio Municipal da cidade, no bairro ao lado, separado por uma ponte e uma caminhada de poucos metros em uma das avenidas da cidade. Durante o percurso, o objetivo era cantar, o mais alto possível, canções e gritos de guerra em coro com o apoio da bateria que estabelecia a cadência.

Era a primeira vez que o time participava deste campeonato tradicional do sul de Minas Gerais, então os torcedores decidiram fazer o mesmo formato de concentração do qual estavam habituados, porém, as expectativas para os resultados das partidas não foram as mesmas. Fabinho me disse que o time não pensava em ser campeão do torneio, apenas a classificação para a segunda fase da competição já seria algo inédito e satisfatório. O que realmente importava para a temporada daquele ano era ser campeão municipal e de preferência com uma vitória sobre o seu grande rival, o time da Feira, o São Jorge. Essa perspectiva se traduziu no número de torcedores presentes naquela ocasião: abaixo das expectativas do dirigente. Dizia: "queria que você visse a galera durante o municipal, vem muito mais gente, o bicho pega! ”

A LDC é um campeonato de maior visibilidade por envolver times de outras cidades da região. Algumas das equipes participantes contavam no seu elenco com jogadores profissionais do futebol de salão e de campo, como era o caso do time de Cruzília, onde esses atletas aproveitavam o período de recesso dos campeonatos profissionais para participarem dos torneios amadores do segundo semestre do ano, muitas vezes recebendo um pagamento por cada jogo em que atuavam. A situação do time passaquatrense era bem diferente. Os jogadores só recebiam, como auxílio, alimentação e o ônibus exclusivamente para deslocamentos fora de Passa Quatro. Mesmo com todos esses elementos, a Liga

Desportiva Caxambuense (LDC) recebia menos atenção do que o Campeonato Municipal que contava com a disputa entre os times amadores da cidade.

Voltando ao jogo de estreia, já a postos na arquibancada, se iniciou um segundo momento das canções, dessa vez contando também com a presença dos jogadores do time que estavam se aquecendo no gramado, que interagiam batendo palmas enquanto faziam alongamentos e o aquecimento simulando cobranças de falta, passes e chutes diversos ao gol. Após o aquecimento no campo, os jogadores correram até a grade de proteção que faz a divisória entre gramado e arquibancada, deram as mãos e saudaram os torcedores presentes com um gesto de peça de teatro, abaixando o tronco em direção ao solo como uma reverência ao público presente, gesto esse que era feito no início e também no fim do espetáculo.

Figura 13: Saudação do time ao final da partida.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Instagram¹⁸

Após essa reverência, os jogadores se prepararam para tirar a foto oficial da partida, registrada pelos membros da arbitragem e torcedores do próprio clube para divulgação da foto nas redes sociais do Catanga.

¹⁸ Disponível em: < https://www.instagram.com/p/B61CyqDjT_O/>. Acesso em 02/04/2021.

Figura 14: Elenco do Catanga F.C. na primeira rodada da Liga Desportiva Caxambuense.



Fonte: Edinho.

Figura 15: Capitães dos times e o corpo de arbitragem.



Fonte: Edinho.

O primeiro tempo da partida foi bem interessante para time passaquatrense. A equipe abriu o placar e deixou os torcedores bastante otimistas. Durante a comemoração foi possível observar que alguns torcedores se penduraram na grade para comemorar “junto” com os jogadores e saudá-los. Já no segundo tempo, as coisas foram bem diferentes. O time fez algumas substituições por conta do desgaste físico de alguns jogadores e acabou sofrendo dois gols e perdendo a partida. No espaço de tempo entre o empate e o gol da virada do time visitante, os ânimos ficaram bastante exaltados. Tinha uma grande circulação

de latinhas de cerveja na arquibancada, a maioria delas foi “patrocinada” por Fabinho e distribuída para alguns torcedores que solicitavam. Eu estava incluso nesse grupo, visto que era considerado um convidado. A maioria das partidas contava com a presença de um rapaz que recolhia as latinhas e por ser uma figura conhecida, a maioria dos presentes sempre reservava suas latinhas vazias com o intuito de facilitar o recolhimento. Para adquirir o maior número possível, o rapaz passava diversas vezes durante a partida e os torcedores sempre arremessavam as latas, de maneira cordial, em sua direção. Durante o segundo tempo da partida, como a torcida estava bastante frustrada com o resultado parcial, ocorreram diversos arremessos na grade de proteção maneira mais enérgica como forma de protesto ao desempenho do time.

Com o apito final, a frustração foi geral. Torcedores passaram a se apressar para sair do estádio. Entre eles estava Fabinho, visivelmente exaltado, pegando uma latinha que já estava no chão para jogar na grade e passando por mim sem trocar nenhuma palavra, se dirigindo diretamente para a saída.

3.2 O trajeto do Futebol

O pertencimento ao clube de futebol e a dedicação para acompanhar o time nas competições ganhavam expressão e forma a partir da configuração de um trajeto específico, consolidado em uma maneira particular de se deslocar pela cidade. Este modo de se organizar não era aleatório e tinha sua primeira parada no Bar do Zeca, considerado como a sede do Catanga Futebol Clube. Enquanto sede, é mais que um ponto de encontro, mas um espaço que se constitui pela identificação e referência da organização que estabelece relação entre aspectos físicos e simbólicos.

Figura 16: Fachada do Bar do Zeca, considerado também como sede do Catanga Futebol Clube.



Fonte: Google street view.

O Bar fica localizado na rua principal que atravessa todo o bairro, sendo uma das primeiras residências, logo ao transpor a ponte que demarca a entrada àquela região da cidade. É um estabelecimento de característica popular por conta da fachada, mobília com o balcão, mesas e caixas de engradados de cerveja espalhados pelo local, sem a presença de cardápio e garçons, onde seus clientes buscavam suas próprias bebidas. Sua organização espacial dispõe de uma televisão presa na parede, de maneira a ficar o mais visível possível, transmitindo os principais jogos do futebol profissional nos canais pagos durante a semana. Durante essas transmissões dos diversos times do cenário nacional, se tornava um estabelecimento de convívio que não era pautado pela filiação ao Catanga mas também de torcedores outros, mobilizados pelo consumo de bebidas alcoólicas e a transmissão das partidas inclusive de canais pagos (Pay-per-view). Contava também com uma mesa de bilhar e outras mesas que davam lugar aos jogos de truco, ampliando a convivência no espaço característico de passagens e encontros no bairro. Toledo (2002) salienta que os bares se configuram em espaços que possibilitam uma convivência continuada e mais recorrente sobre o esporte, reforçando a “simbiose” entre estes espaços e a sociabilidade em torno do futebol (TOLEDO, 2002:260).

Nas prateleiras ao lado do televisor, se encontravam os troféus que o Catanga conquistou ao longo dos anos, com foto de times de gerações passadas e ex jogadores que já vestiram sua camisa. Junto a eles tinha a foto do time do Clube de Regatas Flamengo que foi campeão do Campeonato Brasileiro de 2009, com flâmulas, faixas e recortes de jornais que exaltavam tal feito. Essa disposição do espaço já dava o tom da filiação do proprietário e dos seus frequentadores, demarcando o espaço em torno de preferências clubísticas. Além de demarcar espacialmente, a exposição estética das fotografias, pôsteres e troféus comunicam uma memória contada visualmente, destacando acontecimentos e feitos importantes no imaginário dos torcedores pertencentes ao bar.

A partir de observações etnográficas, Toledo (1996) analisou duas Torcidas Organizadas paulistanas, a Camisa 12 corintiana e a Tricolor Independente são-paulina, e destacou a importância das sedes enquanto espaços de memória coletiva:

De modo geral, todos acabam compartilhando um conhecimento comum, fundamental para o grupo, tanto pela exposição das fotografias quanto pelo saber oral transmitido pelas pessoas que vivenciaram alguns dos jogos considerados importantes (TOLEDO, 1996, p.40).

É na sede enquanto espaço de memória coletiva que os torcedores e moradores se reconhecem, alimentam e atualizam rivalidades que se perpetuam ao longo tempo e dão continuidade ao ato de torcer. Não por acaso é o local que onde se inicia e marca o fim da partida de futebol, passagem obrigatória.

É o conhecimento dessa história de rivalidades, dos sucessos e fracassos progressos, que confere maior dramaticidade a uma partida, carregando de simbolismo essa guerra teatralizada entre dois times-nações. Se, por um lado, uma disputa singular ganha maior valor quando existe um passado de confrontos, por outro, é o momento presente que atualiza a tradição e lhe garante continuidade (PRONI, 2002, p.131).

Não obstante, os elementos encontrados no bar evocam preferências de torcedores que se identificam e dedicam sua torcida para mais de um clube, considerados por Flávio de Campos e Toledo (2013) como “torcedores mistos”, pertencentes a bifiliação clubística¹⁹. Os torcedores passaquatroenses torcem para o Catanga Futebol clube e para os grandes times

¹⁹ Atentar para o fenômeno da bifiliação clubística, e também para os fenômenos que a amparam, tais como os regionalismos, o familismo, a representação política e o comprometimento local do torcer mais para a cidade do que propriamente para um time, enfim, pode trazer uma visada mais perspectivante para as análises sobre o comportamento torcedor (CAMPOS; TOLEDO; 2013:133).

do Estado do Rio de Janeiro, sendo o Clube de Regatas Flamengo o de maior predileção, servindo inclusive de inspiração para a adaptação dos gritos de guerra e símbolos do time do sul de minas.

Durante uma de nossas conversas no bar, Fabinho me disse também ser flamenguista. Ele destacava as referências do time carioca na camisa do Bloco de Carnaval do Catanga, onde muitas das canções seriam de sua autoria, tendo como referência adaptações das músicas de torcidas organizadas do Flamengo. Grande parte dos torcedores do Catanga eram flamenguistas, mas não era incomum encontrarmos torcedores de outros times cariocas como Vasco e Fluminense. A rivalidade entre os times cariocas não parecia ser um problema, dizia Fabinho: “Aqui [no Catanga] a maioria é flamenguista mesmo, inclusive o nosso uniforme tem uma frase da torcida do Flamengo e ninguém deixa de usar por causa disso”. A frase do Flamengo em questão, estampada na parte de trás da camisa, se refere a uma música intitulada “Essa loucura nunca se acabará”, cantada pelos torcedores dentro do estádio nos dias de jogo: “Vamos Flamengo eu tô aqui, e te sigo a todo lado, e não importa onde jogue eu vou te apoiar. Vamos Flamengo não podemos perder nunca. Vamos Flamengo vamos ganhar sempre. E essa loucura que eu sinto por ti nunca se acabará!”²⁰

Figura 17: Camisa do bloco de carnaval do Catanga.



Fonte: Foto do Facebook do Catanga Futebol Clube.

²⁰ Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/flamengo/1323124>>. Acesso em: 11/02/2019.

Figura 18: Camisa do bloco de carnaval do Catanga.



Fonte: Foto do Facebook do Catanga Futebol Clube²¹.

Contudo, como observa Pimenta (2009), mesmo diante da bifilação, existe uma diferença entre torcer para um time de futebol amador e um time de futebol profissional, uma distinção que se torna mais evidente pela forma de torcer e a interação entre jogadores e torcedores. No universo do futebol amador, não existe uma relação de anonimato, todos se conhecem e se reconhecem por serem vizinhos, amigos, parentes e colegas de bar (PIMENTA, 2009, p.169). Para os torcedores do Catanga especificamente, nos dias de jogo, como dito anteriormente, a sede era passagem obrigatória, primeiro destino logo ao saírem de suas moradias. Assim o local emerge enquanto um território de representação física e simbólica. Um espaço onde sociabilidade do bairro se misturava com as atividades do time de futebol a partir de relações familiares, de amizade e de vizinhança.

Porém, é importante observar que nos dias de jogo, a configuração dos espaços se modifica e eles passam a ser organizados de outras maneiras, reordenando lógicas e práticas cotidianas, começando pela sede. Para ser do pedaço do Catanga, não bastava apenas ser morador do bairro, estar inserido em relações familiares e de vizinhança. Era preciso uma combinação de relações a partir de uma intensa negociação que se dava a cada evento esportivo.

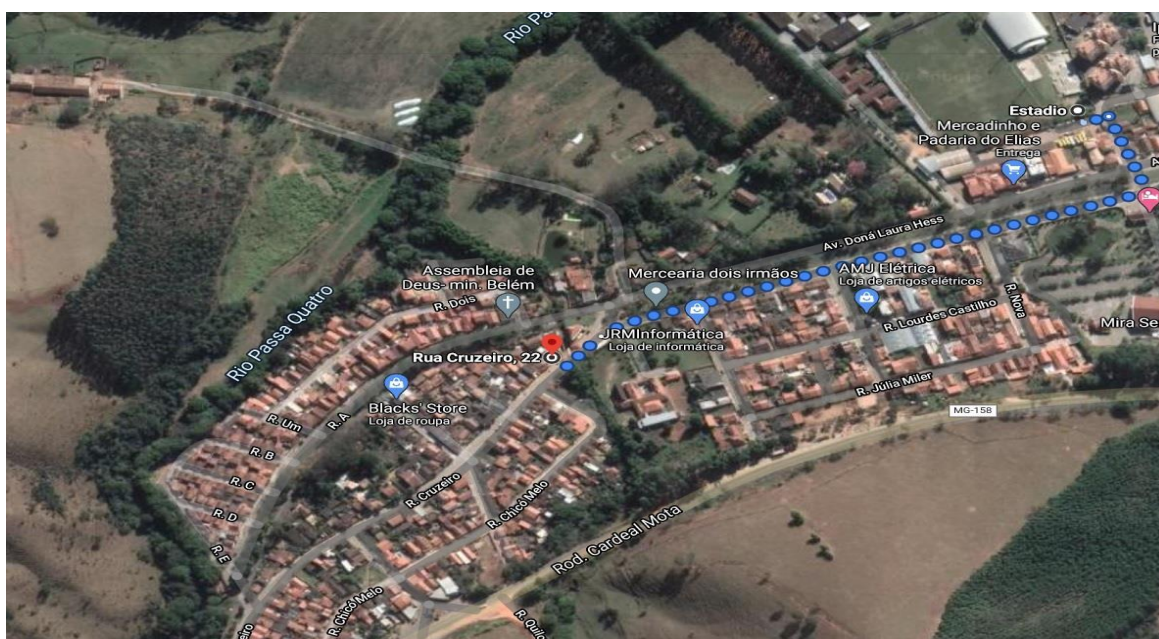
²¹ Disponível em

<<https://www.facebook.com/Catanatico/photos/a.1157284107684633/2055264621219906/?type=3&theater>>.
Acesso em: 11/03/2019.

Os jogos que tive a oportunidade de acompanhar foram todos organizados aos domingos, no período da tarde, com o horário marcado para início às 15 horas. Era combinado no WhatsApp que reunia diretoria, torcedores, jogadores e moradores do bairro, a concentração uma hora antes do horário da partida e o uniforme de qual ano que a torcida iria utilizar para a ocasião. Chegando perto do horário, gradualmente os torcedores se aglomeravam em frente à entrada da sede e emplacavam conversas na beira da calçada. Alguns vinham de outras partes da cidade com seus automóveis e bicicletas e rapidamente se integravam. Contudo, se deslocavam de ruas adjacentes do bairro até o bar a pé. No local, prevalecia um ambiente tipicamente de *pedaço* onde todos se conheciam, fazendo referência a um território físico e socialmente demarcado por regras e acontecimentos que eram constitutivos de relações na vida no bairro do Catanga. Faltando poucos minutos para o início da partida, esses torcedores se deslocavam até o estádio, ou melhor dizendo, era o *pedaço* que se deslocava para outros espaços urbanos porque os torcedores caminhavam em grupo para locais onde era possível se encontrarem com torcedores de outros pedaços, mantendo o conflito latente.

O trajeto até o local da partida no bairro ao lado é separado por uma ponte e uma caminhada de poucos metros por uma avenida que consiste no principal acesso dessa região ao centro da cidade. Esse deslocamento era tradicional para torcida, realizado ao longo dos anos durante a competição mais importante para eles, o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro.

Figura 19: Trajeto da saída do bairro do Catanga até o Estádio Municipal.



Fonte: Foto simulando o trajeto com auxílio da plataforma do Google Maps.

Durante o percurso, o objetivo era cantar o mais alto possível canções e gritos de guerra que eram destacadas por iniciativa de algum torcedor que se colocava na condição de “puxador”. Ao iniciar a canção, a bateria estabelecia a cadência e os torcedores acompanhavam o batuque, cantando em coro. Por diversas vezes foi debatido entre os torcedores que encabeçavam o grupo: “vamos puxar as mais antigas para todos cantarem”. Era exigido um certo grau de comprometimento dos torcedores nas canções, principalmente porque a torcida era vista tanto pelas pessoas que passavam na avenida quanto por aqueles que saíam de suas casas especialmente para observar a performance.

Fabinho trouxe a experiência de já ter feito parte de uma das torcidas organizadas do Clube de Regatas Flamengo e assumiu essa posição, *puxando* as canções que eram, em sua grande maioria, de sua autoria a partir de adaptações de músicas conhecidas no imaginário social da maioria presente, como descreverei ao final deste capítulo. Enquanto puxador, sempre se posicionava na dianteira, ao lado dos torcedores que manuseavam a bateria e as bandeiras. Na sequência vinham os demais torcedores que, sem uma demarcação fixa, alternavam entre conversas paralelas, gritos de guerra e batidas de palma. Por vezes, os torcedores recuavam de suas posições para cobrar mais empenho dos demais.

Foto 20: Percurso do bar até o Estádio Municipal de Passa Quatro.



Fonte: Acervo do autor.

3.2.1. No Estádio

O Estádio Municipal de Passa Quatro foi inaugurado no dia 17 de agosto de 1973, e localizado no bairro São Geraldo. O passado do local é marcado pela famosa mina de água que deu origem a água mineral da cidade e a luxuosa Fazenda do Sobrado, considerada por Mossri (1995) como a primeira construção do bairro com registro de escrituras lavradas antes de 1850. No início do século XX, a propriedade foi comprada pela Família Hess, de origem Suíça. Os proprietários europeus se estabeleceram na cidade com a criação de gado de raça e a comercialização de laticínios. Foi essa propriedade que, em 10 de outubro de 1912, abrigou expedições de instituições científicas de todo o mundo e a comitiva presidencial com a presença do Presidente da República Hermes da Fonseca, o vice-presidente Wenceslau Brás e outros políticos do período da República Velha para acompanhar o eclipse solar que poderia ser observado em sua totalidade na região sul mineira. Segundo Barbosa, Barboza e Damasceno (2012), naquele contexto histórico, os eclipses totais eram considerados fenômenos de grande importância pela possibilidade de registro fotográfico da coroa solar, contemplando também estudos sobre a atmosfera terrestre, observações magnéticas e a primeira tentativa de evidência da teoria da relatividade de Albert Einstein (Barbosa; Barboza; Damasceno, 2012:3). Por conta do mau tempo e chuvas intensas, o evento não produziu resultados científicos esperados pela impossibilidade da captura e produção de registros pelo aparato tecnológico mobilizado para a ocasião.

Figura 21: Aspecto da Fazenda do Sobrado, propriedade de Roldolfo Hess, onde se instalaram as missões científicas brasileiras e estrangeiras para observarem o eclipse de 10 de outubro de 1912.



Fonte: Lembranças de Passa Quatro 1888–1988. São Paulo: Raízes, p. 161, 1987.

Após a tragédia da tromba d'água de 1956 que devastou parte das terras locais e dividiu a Fazenda do Sobrado em dois, a Prefeitura dragou o rio Passa Quatro, o recolocando em seu antigo leito, recuperando os terrenos e, ao mesmo tempo, desapropriou uma porção da propriedade para construir o *Estádio Municipal*. Para a sua inauguração em 1973, foi organizado um campeonato de futebol masculino de campo entre times da cidade, incluindo o Catanga, com público aberto e contando com a presença dos políticos locais e o Secretário de Educação de Minas Gerais.

Figura 22: anúncio do campeonato de inauguração do Parque Municipal.

15 DE AGOSTO **ÀS 14 HORAS**

Grande Tarde Esportiva

A's 14 hs. - Bênção do campo pelo Revmo. Padre Joaquim Soares Moreira;
A's 14,30 - Grande Torneio Futebolístico «**Cidade de Passa Quatro**». Ao vencedor será entregue o troféu «**Governador Rondon Pacheco**» pelo DD. Secretário de Educação de Minas Gerais, Dr. Agnelo Correia Viana.

Eis os quadros e a tabela:

1.o jogo - Pref. Municipal de Passa Quatro x Feirão
2.o jogo - Centro x Pinheirinhos
3.o jogo - Catanga x Pé do Morro
4.o jogo - Vencedor do 1.o x Vencedor do 2.o
5.o Jogo - Vencedor do 3.o x Vencedor do 4.o, quando será conhecido o campeão.

Os portões do Parque Municipal «Nosso Lar» estarão abertos para o povo, como uma homenagem dos Poderes Municipais aos desportistas passaquatroenses, ficando para outra oportunidade um torneio esportivo em benefício das obras do asilo de São Vicente de Paulo.

AGOSTO DE 1973

Fonte: Facebook de Fabio Mota.

Figura 23: Times perfilados no centro do campo de futebol.



Fonte: Facebook de Fabio Mota²²

²²Disponível em <https://m.facebook.com/photo?fbid=972228356186986&set=a.1292483970828088&_rdr>. Acesso em 15/10/20.

Durante o processo de urbanização da cidade, a prefeitura traçou diversos loteamentos, dividindo porções de terra em lotes e garantindo a infraestrutura ao redor. Assim, ruas, estradas, escolas e residências foram surgindo. Esse processo fez com que campos de futebol espalhados pela cidade fossem dando lugar a outras edificações. Os campos de futebol do Passa Quatro Futebol Clube, localizados no bairro Nossa Senhora de Copacabana e o campo do seu rival Comercial Futebol Clube, tiveram seus terrenos comprados pela Prefeitura e doados ao Estado, dando lugar às Escolas Estaduais Arthur Tibúrcio Ribeiro e Professora Lourdes Castilho. Atualmente, poucos bairros no município contam com seus próprios campos de futebol para treinar e promover jogos, desse modo, o Estádio Municipal se constituiu como a principal arena esportiva da cidade e um espaço “neutro” que acolhe os diferentes times da cidade. Não por acaso, o local é chamado pelos catanguenses como “*Estádio*” justamente por se mostrar um local ambíguo, onde o “dono” daquele espaço passa pelo imponderável de cada partida a partir de títulos e vitórias.

3.2.2. A "casa" do Catanga

O bairro do Catanga nunca teve um campo de futebol, com isso o time não tinha um local específico para treinar e não o podia fazer-lo no *Estádio* porque “se abrir essa possibilidade para um time da cidade, vai ter que abrir para todos”. A referência muda quando o local é identificado como pertencente a algum time especificamente, quando aquele espaço tem um “dono” reconhecido, como é o caso do bairro Pinheirinhos, quando os jogos são marcados por lá, o jogo é “no campo do Pinheirinhos”. Portanto, o Estádio Municipal era um local de intensa negociação e disputa, enquanto que a arquibancada era considerada a extensão do pedaço do Catanga, um espaço territorial marcado por fronteiras com os demais torcedores onde não se admitia a manifestação de torcida e incentivo para os times adversários. Os torcedores adversários ficavam próximos ao ginásio poliesportivo, fazendo de uma pequena escadaria de acesso aos vestiários como assentos durante as partidas.

Figura 24: Contraste entre os locais de cada torcida no Estádio Municipal de Passa Quatro.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Instagram²³

Ao chegarem na entrada do Estádio, a torcida catanguense se enfileirava para passar pela roleta, onde era cobrado um valor de ingresso que alternava entre um e dois reais, dependendo da competição. Este marcava o primeiro momento de dispersão dos torcedores, onde não se tinha a possibilidade de entrarem todos juntos simultaneamente. A arquibancada onde se posicionavam ficava em uma das extremidades, sendo preciso passar por todos os outros torcedores presentes no estádio. Nesse momento, aproveitavam para cumprimentar e brincar com conhecidos de outros bairros, porém, sem conversas muito extensas para não perderem a saudação ao time durante o aquecimento, minutos antes da partida se iniciar. O Estádio da cidade é constituído por uma pista de “skate” cimentada, um pequeno campo de areia e o ginásio poliesportivo coberto. Ao seu lado fica o campo gramado cercado por grades de proteção, de maneira centralizada, e no outro extremo uma única arquibancada coberta para os espectadores das competições de futebol de campo. Nos seus limites ocorrem os principais campeonatos de futebol, mesmo sendo a principal arena esportiva da cidade, recebendo jogos dos mais diversos times da cidade, nos dias de jogos do Catanga, a arquibancada era domínio deles.

²³ Disponível em < <https://www.instagram.com/p/B1JaMKdD4Ea/>>. Acesso em: 02/04/2021.

Figura 25: Imagem do Estádio Municipal de Passa Quatro durante a final do Campeonato Municipal de Futebol Amador de 2016 entre os times do Catanga e Papo Seco.



Fonte: Foto recortada do vídeo no Youtube²⁴.

No Estádio, o primeiro ato da torcida era de colocar a faixa na grade de proteção que envolve uma das dimensões do campo, demarcando o espaço a ser ocupado pelos torcedores do Catanga na arquibancada. Nos primeiros degraus ficavam a bateria, estabelecendo a cadência e ritmo das manifestações na arquibancada. O instrumento sonoro era manuseado por membros mais antigos e regulares nas atividades do Catanga. Junto a eles, se posicionavam torcedores mais jovens, muitos deles jogadores do Catanguinha que manuseavam as bandeiras. Completando a primeira fileira, não menos importantes, ficavam os torcedores que se revezavam na condição de “puxadores” com Fabinho, seguidos dos demais torcedores que completavam os degraus restantes à espera do momento em que outros protagonistas do dia iriam entrar em campo.

Assim que os jogadores pisam no gramado, executam outro gesto feito em todas as partidas, colocam-se em posição de sentido em linha, perfilados e de mãos dadas se dirigem a torcida para saudá-los com um gesto de peça de teatro, abaixando o tronco em direção ao solo como uma reverência ao público presente e finalizam retribuindo as palmas da arquibancada. Após a saudação, inicia-se o aquecimento em campo com pequenos tiros de corrida, toques na bola, alongamentos e chutes ao gol.

²⁴ Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=mWK47dFonV8&ab_channel=AntonioCouto>. Acesso em: 16/09/2020.

A saudação era um dos momentos que inflamavam a torcida e isso era percebido por Fabinho que, enquanto puxador, aproveitava a animação do momento para iniciar as canções e gritos de guerra, recebendo o suporte da bateria que comandava o ritmo das vozes e do balanço das bandeiras. O desempenho do puxador enquanto um maestro depende, em grande medida, da sua sensibilidade de cantar ou xingar nos momentos certos de acordo com as circunstâncias apresentadas no jogo (TOLEDO, 1996:78). Essa iniciativa e posicionamento na arquibancada, à frente da torcida, permitia um certo controle dos puxadores que cobravam empenho dos “desanimados”, aqueles que não cantavam, não batiam palmas ou não balançavam as bandeiras corretamente. A cobrança vinha de repreensões diretamente a um membro da torcida ou em forma de música: “Quem ficar parado vai tomar um tá ligado, quem ficar parado vai tomar um tá ligado! ”.

Embora a torcida do Catanga fosse dominante numericamente, não era a única a frequentar a arquibancada. No entanto, ela só aceitava dividi-la com torcedores “neutros” que não demonstrassem torcida para nenhum outro time. Estar no pedaço que não é o seu abre a possibilidade de conflitos e hostilidades, algo que não passava despercebido por parte dos torcedores do Catanga por Didi, Paula e Laura. Numa ocasião, eu estava assistindo o jogo ao lado das três torcedoras do Catanga. O campeonato municipal se aproximava das fases finais, quando a circulação de todos os tipos de torcedores, incluindo os ditos sem compromisso ou engajados à alguma torcida, aumentava significativamente. Esses torcedores não vestiam a camisa de nenhum time e se mostravam mais à vontade para comentar lances do jogo de maneira jocosa em relação ao desempenho dos jogadores. Quando tais comentários eram proferidos, a reação das torcedoras era de confronto imediato, como pretendo mostrar com mais detalhes no último capítulo.

No *Estádio*, o gol é um elemento importante de intensas manifestações com a potencialidade para produzir momentos de êxtase e tensão. Quando o Catanga sofria o revés, os ânimos se exaltavam, as canções e gritos de guerra cessavam por um tempo, à espera da reação do time em campo para reverter a situação. Na ausência dos torcedores dos times adversários, que nas pouquíssimas vezes que estiveram presentes, estavam em um número bastante reduzido, e performavam de outra forma, sem canções, bandeiras, faixas e disputas verbais, os embates eram direcionados aos juizes. Nos momentos em que o jogo estava empatado ou o Catanga se encontrava atrás no placar, a tensão se traduzia em irritação manifesta aos juizes, em especial para o juiz de linha que estava próximo à linha de escanteio, muito perto da torcida do Catanga. A maioria das partidas em Passa Quatro foram

apitadas pelo mesmo trio de arbitragem e os juízes de linha se tornaram figuras conhecidas da torcida.

A arquibancada enquanto território demarcado pela torcida ditava uma regra de convivência no *Estádio*. O desrespeito a essa regra gerava a condição de ser confrontado com palavrões em algum momento, mas a situação ganhava um agravante quando o transgressor em questão era reconhecido como pertencente a outro bairro vinculado a um time adversário. Uma manifestação da torcida em relação à ambiguidade se refere aos ex jogadores do Catanga que passaram a vestir a camisa de times adversários na cidade (irei abordar essa questão com mais detalhes em outro tópico mais à frente). Nesses casos, a torcida preparava canções com antecedência para expressar a sua insatisfação com a “traição” cometida, assim, esses jogadores “viravam música mesmo”.

3.2.3. De volta ao bar

Ao final da partida, parte da torcida se dispersava novamente para o retorno ao bairro. Não havia uma organização específica para a caminhada da volta, tal como ocorria durante na ida. Os deslocamentos entre bar, estádio e o retorno ao bar eram tão frequentes que acabavam se tornando uma extensão, uma continuidade do evento futebolístico mesmo com o fim da partida.

O bar marcava início e o fim do circuito, visto que os torcedores retornavam para o local ao final da partida para guardarem os adereços da torcida, muitas vezes interessados também nos resultados dos jogos da rodada de domingo do Campeonato Brasileiro e dispostos a tomar os últimos copos de bebida comemorando ou lamentando o resultado da partida do Catanga. Contudo, uma vez por ano esse circuito se expandia. Durante os desfiles dos blocos de carnaval, o trajeto até o estádio, comumente utilizado nos dias de jogo de futebol, se estendia até o centro da cidade, passando pela Igreja Matriz, a sede da prefeitura municipal e o bar do presidente do Catanga. Nessa ocasião, os torcedores se tornam também foliões.

Segundo Toledo (1996), a condição de torcedor possibilita experienciar determinadas vivências, tipos de sociabilidade e imagens que transcendem aquelas impostas pelo cotidiano (TOLEDO, 1996:41). O ato de torcer passa pelo engajamento do torcedor com a escolha do seu time de coração, firmando um vínculo que fundamenta a sua relação de pertencimento com o clube e identificação com o grupo de torcedores. Esse engajamento

é uma forma de envolvimento emocional que irá conduzir as atividades e ações permeadas por rituais tanto no estádio como em outros espaços na cidade. Os torcedores tinham a possibilidade de ocupar a arquibancada, avenidas e ruas, sua sede e o bloco de carnaval coletivamente, onde a dimensão espacial também era repensada. Desse modo, mobilizei o conceito de “pertencimento clubístico” para iniciar essa reflexão. Segundo Arlei Damo (2012), o termo “clubístico” é um neologismo para o substantivo clube, visando se referir a um agregado no entorno de objetivos comuns, vinculados a atividades do lazer e do entretenimento. E “pertencimento”, segundo o autor, consiste em uma modalidade de vínculo duradouro e exclusivo entre um indivíduo e uma coletividade, tendo o clube como mediador (DAMO, 2012, p.51–52).

Segundo Proni (2002), a proposta de Arlei Damo em pensar a participação em uma torcida como pertencer a uma “comunidade de sentimento” produz “[...] sentimento que se baseia numa escolha aparentemente fortuita, mas que reflete o desejo de partilhar com outros “iguais” certos códigos, valores e atitudes” (PRONI, 2002, p.131). Esse sentimento passa a ser uma característica que ao mesmo que identifica esses torcedores, também os diferencia. Desse modo, podemos também dizer que pertencer ao Catanga possibilitava criar vínculos e laços que ultrapassavam o jogo de futebol propriamente dito, a partir de um engajamento emocional onde torcer significava frequentar a sede do clube, o estádio e o bloco de carnaval. Era necessário viver ativamente o futebol cantando, xingando, jogando, batendo palmas, batucando, bebendo, chutando, provocando, brigando e circulando, aliado a toda uma dimensão estética a partir das camisas da torcida, bonés, canecas, bandeiras, faixas e cores.

As observações sobre o trajeto bar-estádio-bar da Torcida do Catanga me colocaram questões a respeito do fato do clube se tornar referência ao bairro e ao bloco de carnaval, a partir dos movimentos, celebrações e rituais coletivos. A identificação era peça central enquanto se reconheciam como pertencentes ao Catanga. Mas a identificação não se realiza sem se reafirmar certas diferenças. Analisando o futebol de bairro, Simoni Guedes (1998) afirma que diferenças são expressas na ocupação do espaço urbano. A cidade é demarcada espacialmente por seus clubes de futebol de bairro e essa relação projeta sobre seus espaços, complexas relações de percepção sobre cada localidade. Coloca-se em jogo diferenças sociais a partir de um mapeamento social e simbólico da cidade com conotações de cada bairro, “Nesta perspectiva, não é apenas metáfora e síntese da sociedade, mas arena onde valores são disputados” (GUEDES, 1998, p.112). Intensas negociações se

configuraram em conflitos violentos, onde a cada batalha, dentro e fora dos gramados, condensavam e recriavam a reputação dos bairros. Tudo isso descrito é orientado pelos símbolos que são as expressões concretas que comunicam essa rivalidade, ou seja, é por meio da mobilização desses símbolos enquanto ferramentas essenciais para falar sobre identidades e alteridades.

3.3 Marcas e Símbolos

As camisas do futebol e do bloco de carnaval, calções, bonés, bandeiras e faixas formam um conjunto de símbolos que identificam os torcedores e jogadores do Catanga a partir de uma estética definida coletivamente. Os adereços são escolhidos pelos próprios jogadores, torcedores e ex jogadores que ainda se envolvem com as atividades do clube, misturando cores e atributos que permeiam o imaginário social local.

A cor vermelha foi definida como central do bairro pela organização dos Jogos de Inverno e de Verão, se tornando uma marca de identificação. Até os dias de hoje, existe um esforço da diretoria em manter a cor pela força que se constituiu "na tradição". Nas reuniões onde os dirigentes pensam na confecção das camisas para as competições anuais, existe um esforço para manter a cor que é um dos símbolos do Catanga. Esse esforço passa pela gestão de auto imagem, a partir de narrativas onde se criticam o bairro rival, a Feira. Atualmente, o principal representante da Feira no futebol é o São Jorge Futebol Clube, mas o bairro já possuiu diversos outros times ao longo de sua história, como o Juventude, o São Mateus e a própria Feira, enquanto denominação do time foi substituída por São Jorge como homenagem ao ex técnico Jorge, após o seu falecimento. Todos esses times tiveram diferentes cores em seus uniformes, deixando de lado o tradicional azul dos jogos de Inverno e Verão de Passa Quatro. Nesse sentido, segundo Dário, o Catanga se orgulha de ter o mesmo nome desde a sua criação e de nunca ter abandonado suas "raízes", diferente do São Jorge que trocou o azul pelo laranja, atitude que representou, segundo Dário "uma grande falta de respeito com os torcedores da Feira que acompanham as competições a muitos anos". "Depois não sabem o porquê de não terem mais torcida [presente no estádio]".

Em relação ao Catanga, com o passar do tempo, o uniforme foi se modificando com a adição das cores branco e preto, além de distintivos e mascotes. Esses adereços são mais recentes no Catanga e surgiram a partir de iniciativa dos próprios torcedores que, inspirados

no futebol profissional, começaram a fazer bandeiras com Tecido Não Tecido (TNT)²⁵. Trata-se de um material mais fácil de ser encontrado, fácil de manusear e de um custo bem mais acessível, possibilitando a confecção de bandeiras a partir de uma brincadeira no bairro onde escreveram com giz e tinta. As bandeiras de TNT foram utilizadas até 2017. Em 2018, surgiu a ideia de fazer as faixas “oficiais” sendo utilizadas hoje em dia.

Figura 26: Foto do dia “onde tudo começou”, jogadores, dirigentes e torcedores se juntaram para fazer bandeiras de TNT.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Instagram.²⁶

Figura 27: Faixa feita pelos torcedores e jogadores do Catanga.



²⁵ Recebe esse nome por não passar pelo processo convencional de tecelagem e fiação, oriundo do polipropileno, suas fibras são fixadas pelo calor.

²⁶ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CGFfzdvdS8U/?hl=pt-br>>. Acesso em: 07/11/2020.

Fonte: Dário.

Junto com as Bandeiras e faixas oficiais, foi escolhido o “mascote” do Catanga, o Diabo ou Demônio da Tasmânia na figura do personagem Taz do desenho animado norte-americano dos *Looney Tunes*.

Figura 28: Bandeira utilizada pela torcida nos dias de jogo.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Facebook²⁷

Figura 29: Bandeira utilizada pela torcida nos dias de jogo.



Fonte: Dário.

²⁷ Disponível em < <https://www.facebook.com/Catanatico/photos/3330496580363364>>. Acesso em: 12/10/2020.

Por ser um animal que não é nativo do Brasil²⁸, o Diabo da Tasmânia seria dificilmente reconhecido. Mas com a transmissão do desenho animado dos Looney Tunes na televisão nacional, o animal ganhou visibilidade. No desenho, o personagem Taz tem como características a fome excessiva, se comunica por grunhidos, comportamento agressivo, devorando o que encontra pela frente com sua dentição afiada e bem aparente, além da capacidade de fazer tornados com o corpo.

Analisando os símbolos das Torcidas Organizadas no Brasil do futebol espetáculo como marcas distintivas de identificação, Toledo (1996) contribui para a reflexão de quais são as condições para a escolha dos mascotes:

Portanto, estes símbolos são descartados ou incorporados de modo variado e dinâmico, aparentemente não seguindo um único princípio rígido explicativo ou mais estrutural. Vimos que eles podem representar, enfatizando, origens sociais ou valores morais que permeiam a sociedade; podem remeter a localidades geográficas, ao ethos de um determinado lugar, às cores do time ou não, aos estereótipos sociais e étnicos de um determinado lugar, qualidades e virtudes atribuídas aos seres da natureza, animais santos etc. (TOLEDO, 1996, p.54).

O Diabo da Tasmânia foi escolhido por um torcedor do Catanga que comunicou a ideia aos membros da diretoria com a imagem do animal segurando um cigarro de maconha, com a frase “Baseado por um só sentimento”. A criação se utiliza de uma figura de linguagem, a paronomásia ou trocadilho, recurso consistindo em palavras de grafia e pronúncia semelhantes, mas com significados distintos. A proposta agradou por ser um personagem popular, associado ao cigarro de maconha utilizado por alguns membros da torcida na concentração e na arquibancada em determinados jogos. O “baseado” como adjetivo que se relaciona ao sentimento pelo time enquanto um fundamento, tem relação parônima ao enfatizar também o “baseado” enquanto gíria que se refere ao cigarro de maconha. Enquanto um fundamento, pode se aproximar também da concepção de regras, normas ou uma sistematização da ordem social que se torna ambígua na medida que também comunica transgressão e subversão da mesma. Desse modo, o símbolo escolhido pela

²⁸ O Diabo da Tasmânia é encontrado em uma ilha da Austrália e emite grunhidos e gritos que o levaram a ser nomeado como Diabo ou Demônio. É um mamífero marsupial carnívoro que se alimenta de diferentes espécies de pequeno porte como peixes, coelhos, cobras, larvas de insetos, ovos de pássaros e animais mortos. Seus dentes são afiados e tem uma mandíbula de muita força e amplitude, com dentes molares capazes de esmagar os ossos e rasgar a carne de suas presas. Tem a aparência superficial de um urso, com pelagem variando nos tons de marrom escuro e preto com poucas manchas brancas espalhadas pelo corpo, além de ser um animal raro e em risco de extinção.

torcida traz atributos de um animal que coaduna com a ideia do personagem Taz enquanto um animal imprevisível na medida que está sempre com fome e com semblante agressivo, transformando seu próprio corpo em tornado, um fenômeno meteorológico com formato de uma coluna de ar que gira de maneira violenta, representando um grande perigo principalmente por ser imprevisível, ou seja, sem conseguirmos antever com precisão em qual direção ou o que ele pode atingir.

Outro símbolo comumente utilizado nas camisas de futebol é o “distintivo” bordado no peito da camisa. No caso do Catanga, trata-se da águia federal alemã, presente no Brasão de Armas e em todos os prédios públicos do país europeu.

Figura 30: Distintivo do Catanga Futebol Clube.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Facebook.

A escolha desse símbolo no distintivo não parece ter outra motivação que não seja pela estética, como me relatou Dário. Na década de 90, em Passa Quatro, existia um time do bairro que já vinha utilizando o uniforme com referência ao país europeu. Atualmente, a própria camisa deste time foi replicada como uma opção dos seus modelos de camisa oficial e a águia foi escolhida como inspiração com essa convivência com as cores da Alemanha em uniformes de futebol na cidade.

Figura 31: Catanga Futebol Clube utilizando a mesma camisa do time do PACAN.



Fonte: Página do Catanga Futebol Clube no Instagram²⁹

Segundo Toledo (1996), os distintivos dos times de futebol se caracterizam por se configurarem sempre em formas geométricas, letras ou objetos inanimados que ao se combinarem com os mascotes, trazem atributos de animais que colocam uma ideia de movimento em contraste com a imobilidade dos distintivos. Assim, a imagem do Diabo da Tasmânia e da Águia Federal alemã trazem uma percepção apoiada em qualidades e abstrações capturadas a partir do imaginário social presente no Catanga. É através desses símbolos que os torcedores e jogadores do Catanga expressam seu pertencimento e afeto pelo time. Ao mesmo tempo, o conjunto simbólico “[...] demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios e mesmo dentro deles” (Toledo, 1996: 57).

A última marca distintiva da agremiação é a “faixa”. Assim como as demais descritas anteriormente, ela exhibe a identificação e o comprometimento com uma conduta e uma estética do grupo. O nome da torcida escrito por extenso com as suas cores e as frases de autoafirmação colocam no domínio público a delimitação do espaço na arquibancada e a sua extensão torna essa marca facilmente identificável no *Estádio*.

²⁹[um único time como representante por cidade. Todas as equipes pagam taxas de inscrição](#). Acesso em 02/04/2021.

Figura 32: Arquibancada da torcida do Catanga.



Fonte: Dário.

Figura 33: Arquibancada da torcida do Catanga.



Fonte: Dário.

Os bonés, a faixa, as bandeiras e as camisas também fazem referência, através de símbolos, ao bairro onde moram e pertencem os torcedores. Assim, os símbolos do Tasmânia e da Águia Federal Alemã, junto ao vermelho, preto e branco, traduzem um comportamento específico e uma estética que ao ser vista e mostrada pelos trajetos e na arquibancada, representam diretamente o Catanga.

Dialogando com essa perspectiva, Arlei Damo (2012) concorda que a diversidade de animais escolhidos pelos torcedores como símbolos dos times operam como marcas diacríticas (CARNEIRO apud TOLEDO, 1996:57). Por um lado, os símbolos de identificação nos adereços como bonés, bandeiras, faixas e camisas são fundamentais porque estabelecem distinções entre a comunidade do Catanga e outras comunidades. Por outro lado, tais elementos visuais operam também como mediação entre torcedores e clubes. Nesse sentido, é possível expandir essa reflexão para elementos não visuais como os cânticos e xingamentos, aproximando a performance dos jogadores com a dos torcedores, pois uma não faz sentido sem a outra (DAMO, 2012:57).

A performance dos jogadores não faz sentido fora do contexto do jogo, pois, no espectro do futebol de espetáculo, um jogo não é apenas o confronto de duas equipes, mas de comunidades de sentimento pontualmente representadas. Tais confrontos, pelo menos no presente, não se dão aleatoriamente, mas no interior de circuitos previamente articulados, chamados de campeonatos. Esses campeonatos são conformados por fronteiras — geográficas, econômicas etc. — e, o que é mais importante, parte do envolvimento do público tem a ver com dilemas, tensões, enfim, com os sentidos forjados no âmbito dessas fronteiras (DAMO, 2012, p.57).

A formação dessa comunidade em torno do futebol é fundamental para compreendermos a relação intensa entre futebol e comunidade em um sentido mais amplo e como isso tornou o evento futebolístico mais absorvente. As expectativas para o grande clássico entre Catanga e São Jorge, por exemplo, ajudam a elucidar bastante essa questão onde pessoas que não costumavam frequentar o bairro e o Estádio, eram atraídas pelo jogo “imperdível” entre às duas equipes porque o “*bicho pega*”, ou seja, onde a rivalidade se torna um grande atrativo. Por outro lado, os próprios membros da comunidade do Catanga estavam diante da dinâmica da sociabilidade agonística de identificação e diferenciação, trazendo a importância da partida em torno de tensões e a disjunção entre vencedores e perdedores.

3.4 Cânticos e Gritos de Guerra: elementos não visuais

A relação entre futebol e música faz referência às Charangas, muito comuns nos anos 1940, mas cujo modelo continua presente. Charanga era como uma banda musical que animava os jogos. Segundo Toledo (1996), charanga foi um termo muito comum para nomear as pequenas bandas que frequentavam os estádios no estado do Rio de Janeiro e nos estados do Nordeste do país. Em São Paulo, era comum o uso do termo bandas, como

sinônimos de charangas (TOLEDO, 19996, p.21). A música nunca mais abandonou os estádios e nem as torcidas.

Torcer para o Catanga implica, em grande medida, entoar canções e gritos de guerra pelas ruas, avenidas e na arquibancada da cidade. Os gritos e cantos operam simbolicamente reforçando e comunicando pertencimentos enquanto uma forma de reconhecimento coletivo, a produção do “nós”, e distinções em relação ao “outro” a partir da rivalidade, como veremos a seguir ao analisar as músicas.

1)

Por você torci a vida inteira
Eu te apoio não importa a maneira
Um sentimento que nunca acabará
Somos Catanga e não paramos de Cantar
Catangueô, da-lhe da-lhe ô
Catangueô, da-lhe da-lhe ô

Esse grito de guerra é o mais utilizado pelo Catanga, possibilitando a observação de que, inclusive, era um dos poucos no repertório conhecido por todos. Devido a sua popularidade, ganhou a posição de destaque como uma das músicas principais. A canção é uma adaptação do grito de guerra “Por você torci a vida inteira”, da Torcida Fúria Independente (TFI), torcida organizada do Paraná Clube. Ela chegou ao conhecimento da diretoria do Catanga após ter sido destaque nas arquibancadas do Campeonato Brasileiro da Série B de 2017, quando o clube paranaense, após dez anos, conseguiu o seu retorno a série A, principal divisão do futebol profissional nacional.

2)

Somos Catanga
Sempre apoiando
Nossa torcida continua aqui catando
Nossa torcida sempre invade
Somos Catanga, o maior dessa cidade!
Olê olê, olê olê, olê olê olê olê oleê
Olê olê, olê olê, olê olê olê olê oleê

A segunda canção também se encontra no grupo seleta das principais, uma das que mais agitam e incentivam o time durante a partida. A letra marca uma distinção importante na classificação entre torcedores de futebol porque reforça um torcedor que não para de

cantar e incentivar o seu time, um ímpeto bastante valorizado em todas as atividades do time. Esse êxtase contínuo, segundo Toledo (1996), evidência que a participação desses torcedores não se restringe somente as disputas verbais, existe também expressividade corporal que demanda um empenho contínuo que os difere daqueles que estão no *Estádio* apenas como espectadores (TOLEDO, 1996:60). São esses torcedores que se reúnem na sede para “invadir” o Estádio, local ambíguo que, a cada partida de futebol, precisa ser disputado e conquistado.

3)

Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Nós vamos pra cima

Não damos bobeira

Isso aqui é Catanga,

Isso aqui não é Feira

O senhor é do Catanga

Do Catanga eu também sou

No futebol, no carnaval

Catanga mata a pau

Até no carnaval

Ninguém segura a gente!

Quero ver a bateria tocar o “sai da frente”

Sai! Sai da frente!

Sai que o Catanga é chapa quente!

Explode coração, na maior felicidade

É lindo o meu Catanga

Contagiando e sacudindo essa cidade

(Adaptação do samba-enredo “Explode coração” da Escola de Samba Salgueiro).

Se você não é do Catanga

Trate logo de correr, correr, correr!

O Catanga e seus guerreiros dão porrada em qualquer

Mas que beleza! Que beleza! O Catanga não tem medo de morrer!

Olêê, Olálá, o Catanga vem aí e o bicho vai pegar

(Adaptação da torcida organizada Raça Rubro Negra, torcida organizada do Clube de Regatas Flamengo).

Quem manda nessa cidade sou eu

A Feira quando me viu, correu!

(Adaptação da música “O Canto da Cidade” de Daniela Mercury).

Foi interessante observar que as músicas que mencionam diretamente o rival, a Feira, eram cantadas com entusiasmo na arquibancada mesmo quando os adversários dentro do campo eram de outros municípios. De caráter provocativo e ao mesmo tempo de auto-afirmação, remetem à superioridade de um clube sobre o outro. A última canção em especial, é uma adaptação da música da cantora baiana Daniela Mercury intitulada “O canto da cidade” e o trecho recortado da canção se configurou em uma versão reduzida que remete uma ideia importante da torcida em relação ao conflito latente entre os dois times.

Originalmente, é uma música tradicional do carnaval nacional e não deixa de marcar presença no carnaval passaquatrense - e foi exatamente nesse período festivo onde consegui identificar interdições importantes entre os rivais. No dia em que o desfile é do Bloco da Feira, torcedores e jogadores do Catanga optam por não irem ao evento, sob o risco de serem “pegos” de surpresa pelo rival em menor número. O “perigo constante”, por outro lado, mostra que as provocações e as músicas, dentro e fora do Estádio, são ações essencialmente de grupo. Dificilmente um torcedor entoa essas falas torcedoras sozinho, principalmente porque pertencer a um time de futebol em Passa Quatro implica também em um saber torcer, de modo que *invadir* impõe o desejo de ter o maior número possível de torcedores e o *correr* como um alerta sobre o perigo latente nas disputas dentro da cidade. Como um torcedor me relatou: “Eu não gosto de ir na Feira, prefiro evitar. E mesmo quando estou no centro da cidade, se vejo alguém deles, fico de olho para não me pegarem distraído”.

Nas poucas partidas em que Catanga e São Jorge se enfrentaram no ano de 2019, vigorava um sentimento de “revanche”, de dar o “troco”. A razão é que os torcedores do Catanga tiveram que assistir o grande rival ser campeão municipal no ano anterior. A última partida entre os dois, durante as minhas observações em campo terminou, com a vitória do Catanga sobre grande rival. O feito se traduziu em música:

Ôôôôô
E o freguês voltou!
E o freguês voltou!
E o freguês voltou oooooô!

3.5 Quando os jogadores “viram música”

Observei também o caso dos jogadores que atuaram no Catanga e decidiram trocar de time por outro da cidade, rompendo uma regra importante de lealdade. Curiosamente, o inverso é entendido de outra maneira, onde é aceito que jogadores de outros times venham para o time principal do Catanga porque mesmo sendo alvo de suspeitas, prevalece a concepção de estarem enfraquecendo os adversários. Por outro lado, quando é um jogador do Catanga quem sai para outros clubes, a desconfiança vai além e os “traidores viram música mesmo”. Esse foi o caso de Almir, morador do bairro e atual meio campista titular do time principal do Catanga. A poucos anos atrás, durante o Campeonato Municipal, o jogador decidiu trocar a camisa vermelha, preta e branca pelo uniforme de outro bairro da cidade, o Papo Seco. Essa mudança repercutiu dentro do bairro e desagradou principalmente a torcida que esperou o confronto contra o time do seu ex jogador para manifestar o seu descontentamento na arquibancada. Durante o jogo entre os dois times, mesmo com a presença dos pais do jogador na arquibancada junto a torcida catanguense, entoaram por diversas vezes uma canção feita em especial para a ocasião em forma de protesto:

Almir, vai se fuder!
O meu Catanga não precisa de você!

As manifestações se estenderam até o bairro na volta para casa, após o fim da partida, onde Almir passou de carro em frente ao bar do Zeca e foi alvejado por copos de cerveja. Depois desse ocorrido, o jogador “reconheceu a merda que fez” e solicitou uma reunião com a diretoria do Catanga para se desculpar e pedir o seu retorno ao time.

Outro jogador que sentiu a ira da torcida nas arquibancadas foi Saturno. O atleta não morava no município de Passa Quatro e vinha para cidade especificamente para as competições de futebol. Jogou por anos seguidos pelo Catanga, sendo inclusive o artilheiro do Campeonato Municipal por mais de uma vez. Tinha prestígio com seus companheiros de time que “abriram mão da vaidade de fazer gols para dar assistências ao goleador do time”. Em 2019, antes de iniciar a competição municipal, aceitou o convite do São Jorge para jogar em troca de uma ajuda de custo em dinheiro, inspirando a música de autoria do presidente do Catanga:

Ai ai ai ai! o Saturno é foda

Joga por dinheiro eu sei!
Por grana ele dá o toba

A manifestação da torcida a partir da música remete uma heteronormatividade que coloca a homossexualidade enquanto algo ofensivo, além de uma submissão sexual que intensifica a desqualificação de Saturno enquanto jogador. O mesmo não ocorreu em relação ao movimento contrário feito por Miguel, atual atacante do time que, considerado como um dos jogadores mais habilidosos, tinha o histórico de já ter vestido a camisa do grande rival (São Jorge — time da Feira) no ano anterior. Sua transição se iniciou quando começou um relacionamento com a irmã de um dos membros da diretoria do Catanga. O jogador foi alvo de muita desconfiança por uma parcela da torcida, como me confidenciou Fabinho, presidente do Catanga: “não vou com a cara dele porque até pouco tempo atrás estava lá zoando a gente”.

Ainda assim, em pouco tempo, Miguel se tornaria não apenas jogador do time, como morador do bairro. Após o falecimento de sua mãe, foi convidado por Laura para dividir um “puxadinho” nos fundos do terreno de sua casa, dividindo as dependências com seu filho mais velho que também era atleta do clube. Quando fez do bairro o seu local de moradia, passou a combinar os vínculos que já dispunha enquanto jogador com relações mais duradouras de vizinhança e parentesco, constituindo assim uma identidade que se produzia no pedaço. Lentamente, Miguel foi se tornando uma referência concreta e estável, pois como regra, exige-se transparência e fidelidade, elementos importantes para o grupo de torcedores, enquanto cumpre uma função estabilizadora de garantir que o fluxo do torcer continue. Por conta disso, a ambivalência não é vista com bons olhos por colocar em desordem os princípios de identificação desses torcedores com o clube de futebol (DAMO, 2012, p.67).

[...] a fidelidade é um valor indissociável à noção de pertencimento na medida em que cumpre, no clubismo, uma função estabilizadora. Sem esta estabilidade dos vínculos entre torcedores e clubes, o sistema não se sustentaria. Ou ainda, se os torcedores pudessem trocar de clube toda vez que desejassem, não haveria como circular as emoções para além do espaço-tempo do jogo (DAMO, 2012, p.59).

No caso do Catanga, a fidelidade estabiliza o ato de torcer, ou seja, a maneira como se pensa e organiza a torcida em torno do time, visto que estamos falando de uma comunidade futebolística que também representa o bairro, transcendendo o jogo no

Estádio. Os códigos dessa forma de torcer, é importante destacar, não se tratam de uma simples devoção a violência, mas uma forma de comunicação enfática que traduz concepções de mundo e valores diversos a partir da ambivalência do insulto.

Segundo Teixeira (1998), ao observar a Torcida Organizada Torcida Jovem, do Botafogo de Futebol e Regatas, os cânticos e os gritos de guerra têm uma dupla funcionalidade, de incentivar o time do coração, idolatrar seus ídolos em campo e de confrontar os jogadores do time adversário e a sua torcida, constituindo verdadeiras batalhas verbais que comunicam: “Note-se que são enfatizados através desses cânticos, a virilidade, a honra, a coragem, especialmente através da desqualificação sexual do adversário, caracterizado como “cuzão”, “frouxo”, “viado”, “babaca”; ele é aquele que apanha, corre, sofre e “leva porrada” (TEIXEIRA, 1998, p.101)³⁰.

Para Toledo (1996), essas disputas se fundamentam e ajudam a evidenciar estereótipos presentes no imaginário social, porque abordam a ambivalência do insulto dentro e fora do Estádio. Utilizando, assim, palavrões de maneira mais sistemática, sem ser exclusivamente nos momentos de raiva, definindo aspectos de uma complexa lealdade dentro de um ambiente majoritariamente masculino.

Porém, esse imaginário passa também por distinções de estereótipos de classes sociais e valores morais, remetendo uma localidade a um ethos entendido como agressivo. Ao antagonizarem com seus rivais, através de músicas, faixas, mascote, uniformes, deslocamentos, brigas, discussões e invasões no gramado durante as partidas, como era o caso dos torcedores catanguenses, traziam a fama de “encrenqueiros” e “violentos” para a reputação do bairro, que se concretizava a partir de narrativas feitas pelos torcedores dos bairros rivais e os demais presentes no Estádio, ecoando por toda a cidade.

Nesse sentido, o trajeto é uma invasão ao centro da cidade e isso não é feito naturalmente, a invasão é uma ideia de luta e para isso são mobilizados símbolos agressivos, de briga, justamente porque passa pela lógica do futebol entre perder e ganhar. Forma-se um movimento da periferia conquistando o centro da cidade, é preciso brigar por isso em um trajeto de baixo para o alto. Essa inversão de hierarquia demonstra uma experiência coletiva e, em simultâneo, agonística para marcar posição e a invasão. Portanto, é a mobilização dos símbolos como o Tazmania, o baseado, músicas, gritos de guerra, faixas, a

³⁰ Nessa mesma perspectiva, Toledo afirmou: Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama virtual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em músicas e versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes (TOLEDO, 1996, p.65).

águia federal alemã que fazem o trajeto do futebol acontecer, onde passam de estigmatizados para ser a própria marca, assumindo sua posição enquanto favela, mas, por outro lado, como pretendo demonstrar no terceiro capítulo, reforçando o estigma.

4 O JOGO DE CINTURA E A BEBIDA: A QUESTÃO DO CONTROLE

Com o fim das competições, meu contato com meus interlocutores passou a ser através de algumas entrevistas esporádicas. Durante uma tarde, tive uma conversa com Dário em uma das praças da cidade. Interessado no tema sobre a marginalização do bairro por meio dos acontecimentos da torcida e do time de futebol, perguntei sobre a reputação do bairro ser violento devido aos seus torcedores “encrenqueiros”. Minha fala causou uma reação de surpresa principalmente por ser uma pessoa de fora da cidade que teve contato com essa má fama, disse Dário: “Caramba, até você tá sabendo”. Sua resposta demonstrou que a moralização do espaço e as narrativas em torno da reputação sobre eles eram conhecidas pelos catanguenses. Dizia ele: “aqui [em Passa Quatro] é todo mundo contra nós”.

Nesse capítulo, pretendo explorar os efeitos da autoconsciência dos torcedores do Catanga a respeito da reputação que o bairro possui na cidade: o de ser violento e perigoso, assim, se durante os jogos no estádio municipal, descritos no capítulo anterior, o estigma de bairro violento e “marginal” é mobilizado positivamente pelos torcedores no confronto com outros times e bairros da cidade, noutros momentos, jogadores e torcedores do catanga procuram limitar ou ressignificar a fama por meio de formas socialmente instituídas de autocontrole. Desse modo, o capítulo foi estruturado a partir da noção de operações de mapeamento, produção de famas e o controle.

A expressão “operações de mapeamento” (COMERFORD, 2003) evoca a elaboração de “mapas” das relações enquanto prática permanente de produção de referências que se configura em uma prática obrigatória e naturalizada para se situar no cotidiano. Ao abordar as dimensões da vida “na roça” da Zona da Mata de Minas Gerais, colocando a família como central e uma metáfora do sindicato, o autor observa nesse contexto que os moradores efetuavam um controle informal a respeito das ações e acontecimentos sobre os demais e demonstravam estarem conscientes que suas atitudes poderiam alimentar narrativas de vizinhos e parentes, estes que eram os espectadores e, ao mesmo tempo, autores dessas narrativas. Forma-se assim uma trama de interpretações e julgamentos sobre qualidades

morais dos atores e de suas famílias. Diante dessa dinâmica da sociabilidade agonística, ocorre uma fluência de relações entre cooperação, união, desentendimento e rompimento que revelam como as circunstâncias podem mudar rapidamente, filtrados sempre por interpretações e julgamentos mútuos dos atos e relatos, ganhando um caráter público ao circularem. Se tornar público implica diretamente na consolidação de reputação e fama a recair sobre as famílias enquanto coletividades a partir de determinadas condições internas para a política de reputações que são, conseqüentemente, condições de respeitabilidade que alimentam e fornecem conteúdo para a prática do mapeamento social.

Um ponto de partida possível para a análise dessa sociabilidade agonística, essa conflitividade permanente, sendo de certo a própria matéria do cotidiano dessas localidades, é abordar a sequência de atos e eventos qualificados especificamente, nos termos dos próprios atores, por um vocabulário referido ao conflito, designados por palavras como: *confusão, baderna, encrenca, briga, violência, morte* (COMERDFORD, 2002, p.67).

Em vista disso, o autor cita a deflagração de conflitos em situações públicas como na rua, bares e em jogos de futebol que conformam relações entre famílias e limites entre elas. Dessa forma, os conflitos se tornam pertinentes porque estabelecem referências sobre relações entre pessoas e entre familiares, constituindo critérios de avaliação e hierarquização, “Conflitos são bons para pensar — um pensamento “público”, expresso em narrativas, com efeitos sobre a modulação de fronteiras e relações entre unidades socialmente significativas nas configurações dos córregos da região e fazem parte do processo cotidiano de mapeamento” (COMERFORD, 2002, p.69).

Em seu trabalho etnográfico sobre as narrativas de pactos demoníacos nas regiões Norte e Noroeste de Minas Gerias, Luzimar Pereira (2012) se propõe a compreender as histórias dos pactos e dos pactários como pertencentes a um campo de disputa onde diversos atores se enfrentam em torno de reputações. Contados em locais mais restritos, o assunto é “delicado” e vincula acusações, reputações e tabus religiosos, difundindo assim “[...] um grande estoque de saberes relativos aos contatos com o diabo, colocando em jogo alguns dos conceitos centrais da vida musical, social e religiosa dos devotos e dos violeiros católicos do norte e noroeste mineiro” (PEREIRA, 2012, p.1048). Segundo o autor, são informações relevantes sobre ações observadas que ao serem narradas, funcionam como ferramentas sociais e culturas que inferem aspectos positivos e negativos nas reputações coletivas ou individuais. Os embates por reputação evidenciam uma noção importante, o conceito de fama que se refere a uma imagem pública a partir de um processo passível de

iluminar tanto aspectos positivos quanto negativos, organizando diversos personagens nestas narrativas sociais, “[...] a fama parece revelar uma espécie de consciência nativa de que a imagem pública de um tocador é antes de tudo construída e debatida socialmente num amplo campo de disputas sociais (PEREIRA, 2015, p.2012).

Trazendo uma análise sobre controle, em seu trabalho com os moradores da Terceira Margem, Grazielle Dainese (2014) deu atenção às falas, sua circulação e o que faz com que determinadas questões circulem como condição e termômetro para se relacionar. Estes têm o potencial tanto de criar vínculos, quanto de desestabilizá-los. Desse modo, a autora chama a atenção para um *controle*, onde seria possível administrar um desentendimento sem causar grandes rupturas, desentender-se é coisa comum entre os mais chegados, no entanto, é por bem da própria intimidade que, para tais acontecimentos, haja controle (DAINESE, 2014, p.234).

Esse controle se apresenta de diversas maneiras, como o silêncio circunstancial visando não agravar o desentendimento, desconversar sobre determinado assunto, comentar determinadas situações consideradas restritas a determinados ambientes, um constante se preocupar com a fala com o objetivo de não “dar o que falar”.

Muito piores são os atos de violência, recriminados, mas vivenciados por mulheres da localidade que perdem a cabeça e enfrentam sua possível adversária — não com palavras, mas com socos ou puxões de cabelo. As mulheres reconheciam: ao manter a conversa a sós, Nenha tinha —tido controle (DAINESE, 2014, p.241-242).

Esses momentos de tensão são tratados a partir da ideia de controle justamente para evitar uma possibilidade de ruptura da vida coletiva, visto que uma desestabilização radical possa ser considerada por qualquer morador como um desentendimento contínuo que possa causar um sofrimento para os envolvidos. Dessa forma, segundo Dainese (2014), o conflito é vivido pelos moradores da Terceira Margem através da necessidade de uma autodisciplina e pelo cuidado em se relacionar.

Porém, essa maneira de viver não implica em uma vida sem conflitos, porque “[...] mais importante do que evitar divisões e distanciamentos é o conhecimento que cada um aciona nessa vivência, de modo a evitar que as tensões se reproduzam continuamente” (DAINESE, 2014:239). A autora faz um paralelo com a política, onde este se configura em um momento onde forças como a paixões e o interesse são acionadas e podem gerar o desentendimento, principalmente porque vinculada à divisão, a política é feita de partidarismos que arriscam as relações de parentesco e amizade (DAINESE, 2014:240-241).

Ou seja, a política é um contexto social onde essas forças encontram grande potencialidade de se intensificarem. Assim, a paixão que se manifesta nas campanhas eleitorais municipais e a paixão que se expressa no dia a dia se assemelham na maneira como influenciam a vida pessoal e coletiva (DAINESE, 2014, p.245). Portanto, mesmo que os margeenses não sejam controlados o tempo todo, principalmente durante a política, isso não implica que seja um dispositivo esquecido. Pelo contrário, é um dispositivo que busca dar ordem diante de um desordenamento das relações porque evidencia e potencializa um saber viver diante do que se apresenta as suas existências.

4.1 O drible: o confronto dentro do campo

Para Dário, dirigente e jogador do Catanga, os julgamentos a que são submetidos os catanguenses na cidade de Passa Quatro advinha em partes de provocações que ele mesmo realizava dentro de campo, como observei durante a segunda partida semifinal do campeonato municipal, fase da competição que antecedia a grande final. Naquela ocasião, o Catanga venceu com certa tranquilidade o Pinheirinhos por 5 a 0. A vantagem em campo se tornou evidente com o desânimo dos atletas adversários nos minutos finais. Àquela altura da partida, os jogadores do Pinheirinhos já não corriam com o mesmo empenho, enquanto os jogadores catanguenses tocavam a bola sem muita objetividade, esperando apenas o tempo da partida passar. Como a vitória já estava garantida, sem a pressão, abriu-se a possibilidade para realizarem jogadas mais arriscadas, como dribles mais ousados. Os dribles podem ser entendidos como “jogadas de efeito”, demonstrações reconhecidas de habilidade com a bola, causando uma reação da torcida que voltava a gritar ainda mais alto em apoio e excitação. Junto com o drible, surgiram várias provocações como pegar a bola e correr para a linha do escanteio e esperar o tempo passar.

Em um determinado momento, Dário colocou as mãos nos joelhos e rebolou na frente de um marcador que já havia “aceitado” a derrota e não tomava a iniciativa de tentar tomar a bola. Como o próprio jogador do Catanga me relatou, “dentro de campo eu tiro sarro mesmo, não estou nem aí”. A fala veio acompanhada de um cuidado em ressaltar que esse tipo de provocação era do contexto do jogo e, na sua opinião, deveria permanecer lá, não extrapolando para fora daquele ambiente. O comportamento recorrente de Dário contribuiu para que ele ganhasse a fama de “*marrento*” em campo, como uma torcedora comentou durante o lance, apesar de ser “*super bonzinho*” fora do Estádio de futebol. As provocações não ocorreram quando o jogo se mostrava equilibrado, elas só foram realizadas com a vitória

do Catanga garantida, objetivando “rebaixar” o adversário já derrotado que, então, respondia com faltas violentas. A violência, contudo, não abalava o clima festivo, afinal a vaga para a grande final da competição se mostrava cada vez mais concreta.

No contexto do futebol profissional, Arlei Damo (2002) destaca que o drible é um dispositivo que envolve o domínio de técnicas corporais que possibilita múltiplas possibilidades na partida. Este dispositivo, segundo o autor, costuma ser apreciado pela torcida, contanto que seja eficiente. Caso contrário, o drible se torna alvo de protesto porque pode ocasionar a perda da posse de bola, deixando o time sujeito a levar um gol do adversário. Dispositivo usado de modo mais restrito, o drible parece sujeito ao compromisso com o resultado da partida. Nesse sentido, ele se opõe ao “passe”, mais acionado e reforça o jogo de futebol enquanto um esporte coletivo, reconhecido como meio mais eficaz de levar a bola próximo ao gol adversário.

A baixa quantidade de dribles no caso dos jogos profissionais não decorre, certamente, da debilidade técnica dos atletas, sobretudo quando comparados aos peladeiros, mas antes a uma restrição em relação ao uso deste dispositivo, tido como importante e mesmo necessário, porém apenas em dadas circunstâncias. O investimento dos profissionais é no passe; ocupa-se muito mais tempo aperfeiçoando-os, mais tempo do que é destinado aos dribles. Por quê? O passe é um dispositivo de ligação, o elo por intermédio do qual os indivíduos que compõem uma equipe são postos em relação e, vale acrescentar, o futebol é um jogo de equipe, logo necessita aperfeiçoar as relações visto que se pretende ser eficaz. É nesse ponto que entra em cena a economia do tempo e do espaço. Os atletas não trocam passes para agradar os torcedores, mas o fazem estrategicamente, para aproximarem-se da zona de arremate, por exemplo, pressupondo que a troca de passes, portanto, envolvendo vários elementos da equipe na consecução da ação desejada seja mais produtivo do que cada qual dos jogadores tentar fazê-lo por conta própria (DAMO, 2002, p.49).

A dimensão individualizante do drible é reforçada durante o período de formação dos jogadores. Em relação ao futebol praticado no âmbito amador, Enrico Spaggiari (2015) reservou um capítulo para descrever sobre a aprendizagem de jovens jogadores em escolinhas do subúrbio de São Paulo que desejavam se tornar profissionais no futuro. Em meio a treinamentos e conversas entre professores e jovens alunos, o futebol emerge enquanto um esporte que mescla fundamentos que priorizam o coletivo, mas que permitem momentos onde jogadas individuais possam vir a beneficiar a equipe, um “saber usar” que não deve se sobrepor ou prejudicar a organização coletiva do time durante a partida.

Embora seja essencialmente coletivo, o jogo também deve ter seus momentos de expressão individual. Ao mesmo tempo, em que exigem a

efetivação de uma atuação mais conjunta, os professores reafirmam a importância do drible, para eles atrelado à esperteza e malandragem do jogador brasileiro, também úteis para obter vantagens e superar adversidades na vida cotidiana: “No futebol de hoje tem que ter velocidade, força. Mas, ao mesmo tempo, tem que ter ousadia, malandragem”, pondera Garrincha. As jogadas individuais, portanto, não são um problema, desde que os fundamentos e objetivos do treino coletivo sejam mantidos (SPAGGIARI, 2015, p.221).

Nesse contexto, os jogadores se movem entre cobranças para mostrar um diferencial, ser alguém especial no meio de tantos outros com o mesmo objetivo, mas que, em simultâneo, precisam aprender a jogar também em equipe, usando a sua habilidade sem comprometer ou a favor do coletivo. Mesmo diante da possibilidade de constrangimento por parte da torcida presente e até mesmo retaliação dos jogadores adversários com uma possível falta mais violenta, os jogadores do Catanga têm uma certa liberdade para tentar um drible e uma jogada individual.

Considerando que no Catanga não existe um treinamento da equipe, os ajustes táticos e técnicos são feitos em conversas antes e durante a partida. Isso não se aplica somente ao drible, mas a demonstração de habilidade também passa pelo gol. Assim como o drible, o gol não precisa ser bonito. Existem situações onde o reconhecimento do grande rival passa pela dificuldade do confronto em campo. Quando Miguel fez dois gols contra o São Jorge durante a primeira fase do campeonato municipal, o reconhecimento de tal feito refletiu o tratamento diferente em relação aos demais jogadores naquela ocasião e no caminho de volta para a casa a parada na sede do clube teve como premiação cervejas para o jogador que poderia pegar a quantidade que quisesse sem pagar. Do mesmo que a “rebolada” de Dário e os dribles feitos ao final da partida não são apreciados e reconhecidos por si mesmos, mas pelo que eles comunicam, é a partir deles que é possível *tirar sarro*, ou seja, insultar o status dos seus adversários e mostrar uma superioridade enquanto “o maior campeão municipal”. Aquele que dribla se torna “habilidoso”, enquanto aquele que era driblado “fica sem graça”³¹.

³¹ria nos seis jogos que disputou pela primeira fase da Liga Desportiva Caxambuense e só se classificou para as quartas de finais devido à desistência do time da cidade de Varginha, o Registânea. A equipe não compareceu para uma das últimas partidas da 1ª fase e por conta do regulamento da competição, a ausência de qualquer agremiação resulta em desclassificação automática do torneio. Engana-se quem imagina que os dribles ditos desconcertantes – um termo bastante ilustrativo, por sinal – sejam apreciados em si mesmos. Eles o são porque humilham, subjulgam, desconcertam, enfim, porque são parte de uma troca hierarquizante entre o driblador e um driblado, e como tal prenes de significado” (DAMO, 2002, p.167).

O uso do drible como uma forma de se “tirar sarro” do adversário sem, contudo, extrapolar o âmbito do campo, revela não apenas o modo pelo qual os próprios atores refletem acerca da imagem que o bairro, o time e a torcida possuem em Passa Quatro, mas também estratégias individualizantes de enfrentamento, em que a violência cede lugar à “brincadeira”. Tal é o lugar do “drible” na fala de Dário: uma forma paradigmática de se confrontar o poder, sem, contudo, colocar em risco seus fundamentos, ao modo daquilo que Max Gluckman (2011) chamou de Rituais de Rebelião:

Mas seja qual for o objetivo ostensivo das cerimônias, a característica mais marcante de sua organização é a maneira como revelam tensões sociais: as mulheres têm que demonstrar licenciosidade e dominância, em contraste com sua subordinação formal aos homens; príncipes devem se comportar com relação ao rei como se ambicionassem o trono; súditos demonstram abertamente seu ressentimento contra a autoridade. Por isso, eu as chamo de rituais de rebelião (GLUCKMAN, 2011, p. 7)³².

Nessa perspectiva, a “vitória” obtida pelo drible, os moradores, torcedores e jogadores do Catanga entram em confronto com o “centro” da cidade, invertem o fluxo habitual em direção as “periferias”, mas não colocam em risco a ordem estabelecida. O movimento é de ir, mas, também, de voltar, no sentido de que se subverte as regras por um dado momento, até que todos voltem para casa e para o lugar ao qual pertencem com o apito final³³.

4.2. Lutando contra a fama fora de campo

Mesmo desejando que determinadas atitudes, como essa provocação durante o jogo, não extrapolem os conflitos para fora dele, existia a consciência por parte dos catanguenses de que era preciso gestar uma auto-imagem que se contraponha a fama negativa que recai sobre eles.

Consciente de que existe um “*todos*” fora do Catanga que está “*contra nós*”, alimentando e fazendo circular narrativas e falas sobre o Catanga, Dário argumentava que algumas ações da direção do clube seriam oportunidades para reelaborar a reputação do

³² Influenciado por algumas indagações feitas por Sir James Frazer em sua obra O Ramo de Ouro sobre “rebelião ritual” do rei sacerdote do bosque de Nemi na Itália, Gluckman (2011) se propõe a considerar os mesmos componentes sociais análogos as cerimônias dos Bantos do Sudeste, na Zululândia, Suazilândia e Moçambique. Segundo o autor, durante os rituais de rebelião, distribuições particulares de poder são questionadas sem que se coloque em questão a estrutura do sistema, pelo contrário, acaba resultando na renovação da unidade do sistema em questão, formando assim um protesto institucionalizado. Ou seja, o ritual de rebelião ocorre dentro de uma ordem social estabelecida que não é colocada em questão.

³³ Na segunda e decisiva partida, o time passaquatrense não conseguiu segurar a vantagem obtida no jogo anterior e perdeu por 3x1, eliminado do torneio por um agregado de 3x2, somando às duas partidas.

Catanga e do “Bairro do Catanga”. Como ele mesmo me relatou, a três anos atrás, a diretoria do clube fez uma campanha para doação de chocolates durante o período da páscoa (a diretoria usou parte do caixa do clube). Após o recolhimento dos chocolates, Dário, com outros membros da direção do Catanga, fez a distribuição do que foi arrecadado para as crianças da cidade, passando de carro por diferentes ruas e bairros, mesmo naqueles dos seus rivais em campo. Como destacou o capitão da equipe, essa campanha não significava que o faziam apenas para reverter a “má fama” da comunidade do Catanga. Porém, para eles, existia uma expectativa de que ao menos esse gesto fosse levado em consideração.

Contudo, esse evento da Páscoa “deu o que falar”, porque o número limitado de chocolates fez com que determinados locais não fossem contemplados pela doação. Alguns boatos surgiram, intensificando ainda mais a rivalidade entre o Catanga e os times das comunidades que se sentiram menosprezadas. Os comentários “incomodaram” porque, para a direção do Catanga, aquilo era um ato de benevolência, onde eles tentavam “fazer o certo”. O caso demonstra que uma tentativa de se modificar a reputação da comunidade do Catanga por meio do gesto “benevolente” da doação, pode ser capturado pela sociabilidade agonística que caracteriza a relação entre times e bairros da cidade. A dádiva que deveria produzir aliados se transforma em veneno que intensifica a guerra (MAUSS, 2003). O conflito não se restringe ao campo de jogo. A tentativa de se “separar” as coisas, aquilo que seria somente do futebol, daquilo que o extrapola, aquilo que se restringe ao estádio, daquilo que acontece no cotidiano, fracassou.

A distribuição dos chocolates no período da Páscoa se aproxima do drible como outra tentativa de se lidar com o conflito superando a violência que lhe é intrínseca. Como o drible também, a doação parece implicar outra inversão: o bairro “pobre”, “periférico”, se torna por um momento o doador, aquele que pode dispor de riquezas para “ajudar” os mais necessitados. Assim, como no drible, afirma-se que não se pode lutar o tempo todo. Em um conflito que nunca parece ter fim, trata-se de jogar dentro das regras que coagem os mais fracos, mas com “jogo de cintura”.

Quando me refiro ao Bairro do Catanga como lugar “fraco”, não se trata de uma afirmação minha. A imagem perpassa o discurso e a prática de jogadores, torcedores e moradores do bairro. Inclusive, sua ressignificação. É através do time de futebol que enalteciam o seu local de moradia que era classificada como “favela”. Demonstravam também fazer parte de uma comunidade que se sentia vitoriosa a cada conquista dentro do

gramado. Porém, essa comunidade participava ativamente das dinâmicas de classificação conectadas a preconceitos e estigmas, aspectos positivos e negativos.

Atentos a veiculação entre o seu bairro como local de pobreza e estigma na cidade, jogadores, dirigentes e torcedores passaram a classificar as vitórias sobre os rivais e as conquistas de títulos como o momento de “festa na favela”. O que se tornou uma expressão de comemoração do Catanga tem origem na canção “Sorte Grande” de Ivete Sangalo (o refrão "Poeira, poeira, poeira / Levantou poeira" entoado nas arquibancadas para o time Clube de Regatas Flamengo se tornou uma marca de incentivo). Em resposta as disputas verbais com torcidas rivais que entoavam gritos de guerra chamando a torcida rubro negra de “mulambos” e “favelados”, a canção foi adaptada para a versão “Festa na Favela”: "Favela, favela, favela / Festa na favela!". O título da música virou uma expressão de incentivo e da comemoração que estava por vir em caso de vitória em campo. Quando o Catanga ficou a apenas um jogo do título municipal de 2019, o dia da grande final já era referenciado como dia de “Festa na Favela”. Na concentração, horas antes da partida, e quando a conquista se concretizou, a música foi tocada e cantada diversas vezes, novamente em frente à sede do clube.

A operacionalização de estereótipos sociais durante as interações verbais entre torcidas é comum no futebol, como provocação e auto-identificação. Durante seu trabalho de campo com torcidas organizadas em São Paulo, Toledo (1996) descreve um exemplo semelhante:

Os corintianos, por exemplo, eram, com frequência, chamados de maloqueiros, cachorros e favelados por outras torcidas. Invertendo estes atributos, a princípio negativos, impostos pelos outros, passaram a assumir tais adjetivos e a se identificarem ainda mais com essa imagem de time do povo — corintiano, maloqueiro e sofredor graças a deus (TOLEDO, 1996, p.67).

O futebol se institui, portanto, em uma possibilidade de conceber uma diversidade de narrativas que vão muito além do jogo “jogado” no Estádio, passando pelos jogadores, torcedores, árbitros, dirigentes, espectadores, moradores de outros bairros da cidade, a partir de dribles, gols e do *tirar sarro*. Com isso, a partir de analogias simbólicas, através do futebol também se fala sobre vida do Catanga. É a partir do seu time de futebol que podemos coletar evidências sobre uma comunidade que também retrata o bairro em que vivem. É o reconhecimento de uma coletividade que participa ativamente de uma dinâmica que envolve operações de mapeamento, em que estes sujeitos mantêm-se sempre atentos às ações e

acontecimentos cercados por uma sociabilidade agonística, que reforça uma conflitividade latente por embates de reputação que orientam aspectos desses personagens em narrativas sociais. Nesse sentido, enquanto representantes de uma localidade marginalizada na cidade, o time de futebol se tornou fonte de respeitabilidade e uma oportunidade de demonstrar o valor daquele território, onde o bairro é ressignificado pelo futebol através dos conflitos da torcida.

4.3 A “Torcedora problema”

Os jogos e os dois campeonatos de futebol que acompanhei marcavam os domingos do Catanga e criavam um cenário de brigas e preocupações, embora não se resumisse a apenas isso. O Campeonato Municipal de Passa Quatro, especificamente, conta com muitos times de bairro que formam comunidades diversas, onde a base são laços familiares e de vizinhança. As partidas em que presenciei revelavam tensões mesmo sem a presença de embates físicos. Em uma ocasião, contudo, testemunhei como a briga entre dois jogadores pode se tornar um conflito coletivo muito rapidamente. Os episódios conforme ela foi avançando, quando o decreto-lei foi revogado (PISANI, 2020: 319). Segundo Pacheco (2020), a linguagem do futebol o número de espectadores também se tornou maior. A briga que presenciei, e irei descrever agora, ocorreu quando o Catanga já estava garantido como primeiro colocado do grupo da primeira divisão, contando, inclusive, com uma vitória masculina, isso implica nos termos e ressignificado pelo futebol através da socialização na infância dos homens, dificultando o contato das mulheres desde muito novas com esse mundo (PACHECO, 2020, p.645). Ideia esta reforçada por³⁴Moraes (2020) a partir de um relato da sua experiência. Quando adolescente, queria jogar profissionalmente. No entanto, ao me deparar com as dificuldades do cotidiano da maioria das jovens brasileiras que compartilham desse desejo, vivi a realidade nua e crua e precisei mudar a direção. Foi aí que o sonho de ser jogadora tornou-se uma simples brincadeira com os amigos aos finais de semana, tempo que restava entre os estudos e o trabalho. Posteriormente, encontrei na participação em torcida uma válvula de escape, uma alternativa para permanecer pr

Conforme Fabinho, Laura, Didi e Paula haviam me dito, aquele jogo era “tudo nosso”, no sentido de que o resultado não importava, mas sim o incentivo aos times (afinal, não haveria antagonismo entre times e torcedores). Desse modo, a expectativa era de um jogo

³⁴ É um sistema eliminatório que advém do inglês “playoff”, é uma fase da competição onde cada partida se torna eliminatória, ou seja, somente os vencedores avançam para a fase seguinte até dois times chegarem a final.

mais tranquilo, onde o resultado não comprometia a continuidade de nenhuma das duas equipes na busca pelo título municipal. A partida separava amigos, primos e conhecidos. Minhas interlocutoras ressaltaram que não estavam torcendo pela vitória de nenhum dos lados. Naquela partida, diziam “o coração estava dividido”. Inclusive, é importante destacar, Didi e Laura foram ao estádio pela primeira vez sem a camisa do time do Catanga, ausência de um símbolo importante, comunicando que não existia torcida para nenhum dos lados naquele dia. Somente Paula permaneceu com a camisa do Catanga. A própria Didi me confidenciou: “se eu tiver que escolher um dos lados, fico do lado do meu filho”.

Laura, como de costume, chegou junto de suas irmãs e outros torcedores organizados, foi até a arquibancada cumprimentar a todos e ainda antes do início do jogo, se deslocou para o espaço que adotou para assistir os jogos, se mantendo distante da arquibancada. Paula e Didi permaneceram ao lado da torcida organizada. A bateria pouco se manifestou no primeiro tempo, até que o Catanga abrisse o placar da partida. Didi e Paula comemoraram o gol e participaram das canções de incentivo ao time, da mesma maneira que fizeram nos demais jogos.

O panorama do jogo, contudo, mudou no segundo tempo com uma falta forte no filho Didi que estava em campo vestindo a camisa do Catania, resultando em sua queda no gramado segurando uma das pernas. A falta foi quase no meio de campo e o tio, zagueiro do time posicionado perto do gol durante o lance, correu até o jogador adversário que cometeu a falta e o empurrou, começando assim uma briga generalizada. Meu foco estava nos acontecimentos em campo até olhar novamente para a arquibancada e ver Didi pulando a grade de proteção e entrando no meio da confusão de corpos que se fazia no gramado. Tanto o jogador que cometeu a falta quanto o irmão de Didi receberam cartão vermelho e foram expulsos da partida. O filho de Didi tirou a mãe do meio da confusão, segurando em seus ombros, pedindo para que ela se retirasse do campo e “parasse de envergonhá-lo”. Quando ela caminhava em direção a saída do campo, seu marido também pulou a grade para acompanhá-la. Ela saiu onde normalmente ficam as torcidas adversárias, do outro lado do Estádio, contornou todo campo e voltou para a arquibancada aos prantos, bastante abalada com a fala do filho. Didi chegou até mim se dizendo bastante envergonhada e com medo de perder o *respeito* do filho, argumentando que o problema era o excesso de bebida nos dias de jogo. Foi a primeira vez que a vi a sem a camisa do Catanga, assistindo ao restante do jogo sentada. Durante os minutos finais do segundo tempo, Didi pedia desculpas repetidamente (“Me desculpa também Marcos, não quero perder a sua amizade”).

Com o final da partida, Didi se mostrou preocupada com seu irmão que havia saído da briga com bastante sangue no rosto por conta de um corte no supercílio e se retirou do estádio direto para o hospital da cidade. Desse modo, Didi me pediu que fosse até lá para ter notícias enquanto ela iria tentar conversar com o filho no caminho de volta para casa. Chegando ao hospital, a recepcionista disse que o jogador já fora atendido e liberado minutos antes da minha chegada, levando alguns pontos no supercílio. Antes do jogo do próximo domingo, já pelas quartas de finais da competição municipal, o secretário de esportes da cidade determinou as punições. Os dois jogadores envolvidos diretamente na briga foram suspensos até o fim da competição e Didi ficou impedida de frequentar o Estádio Municipal por um ano. Na partida seguinte, quando se iniciou a segunda fase do campeonato, diversos foram os comentários na arquibancada sobre o ocorrido: “aquela mulher é muito louca”, “bebe demais”, “baniram a torcedora problema”.

A reputação de “*encrenqueiros*” para os moradores do bairro se deve em grande medida as ações dos torcedores no estádio, quando estão comunicando o seu pertencimento por práticas e elementos simbólicos de grande potencial agonístico. Foi para tentar observar

o tema de perto que me aproximei de Didi, Paula e Laura, três irmãs moradoras do bairro, torcedoras³⁵, assim como mães, esposas, irmãs e tias de jogadores no campo.

O primeiro contato que tive com elas foi durante o jogo de estreia na LDC em 2019, onde o Catanga perdeu a partida por 2 a 1. Didi passou todo o segundo tempo, ou pendurada ou muito próxima da grade, no exato local que a árbitra do jogo estava posicionada. Foram diversos palavrões e provocações, visto que a torcedora estava convencida de que o corpo de arbitragem estava prejudicando o Catanga de maneira intencional. Com o final da partida, optei por ser um dos últimos a sair para não perder nenhum detalhe. Ao chegar próximo do portão, observei o grupo de mulheres sentado próximo de mim durante todo o jogo tomando cerveja. Entre elas estava Didi, a torcedora que havia confrontado a árbitra durante a maior parte do segundo tempo da partida. As mulheres estavam conversando em uma certa altura, combinando de irem até o vestiário para pegar os árbitros, um acerto de contas por considerarem o trio de arbitragem os verdadeiros responsáveis pela derrota naquela ocasião.

Busquei me aproximar comentando sobre o jogo dizendo que foi um infortúnio que o resultado não tenha sido o desejado e foi aí que elas passaram a interagir comigo, se

³⁵ Cláudia Kessler (2020) argumenta a importância de se perceber que a origem do termo “torcedor” aponta para uma questão de gênero que teria originado do feminino “torcedora”. Segundo a autora, torcedora se refere as mulheres da elite que, impossibilitadas de praticarem o esporte, ficavam restritas a posição de espectadoras e torciam seus lenços de renda de acordo com os lances que ocorriam dentro de campo. Esse cenário se modificou entre as décadas de 40 e 50, quando o futebol passou por mudanças estruturais quanto a atuação dos espectadores com o surgimento de torcidas organizadas que representavam uma outra forma de torcer. Nesse contexto, como ressalta Camargo (2020), mesmo com mulheres praticando futebol ao redor do país, predominava a ideia de que o corpo feminino era “incompatível” com a prática do futebol considerada oficial, e isso veio aliado a um projeto político como a lei n. 3.199 de abril de 1941 que proibia sua prática. Segundo o autor, historiadoras(es) e pesquisadoras(es) já mostraram o quanto isso foi sintomático de um momento em que corpos eram preparados para o trabalho (homens) e para a maternidade (mulheres), que as direcionava às práticas esportivas leves, como a ginástica e a dança, as quais eram “compostas de movimentos delicados, flexíveis e graciosos” (CAMARGO, 2020: 590). O decreto de lei proibia não somente o futebol para as mulheres mas também outras modalidades esportivas como atletismo e as lutas também estavam nesse pacote até o ano de 1979, quando o decreto-lei foi revogado (PISANI, 2020: 319). Segundo Pacheco (2020), a linguagem do futebol é masculina, isso implica nos termos e na socialização na infância dos homens, dificultando o contato das mulheres desde muito novas com esse mundo (PACHECO, 2020: 645). Ideia esta que é reforçada por Moraes (2020) a partir de um relato da sua experiência: Quando adolescente, queria jogar profissionalmente. No entanto, ao me deparar com as dificuldades do cotidiano da maioria das jovens brasileiras que compartilham desse desejo, vivi a realidade nua e crua e precisei mudar a direção. Foi aí que o sonho de ser jogadora tornou-se uma simples brincadeira com os amigos aos finais de semana, tempo que restava entre os estudos e o trabalho Posteriormente, encontrei na participação em torcida uma válvula de escape, uma alternativa para permanecer próxima ao esporte – momento que identifiquei, hoje, como um divisor de águas. Essa decisão despreziosa, feita na tentativa de nutrir, dentro dos limites que a vida impôs, o prazer que sentia ao jogar futebol, por fim tornou-se essencial na construção de minha trajetória profissional e acadêmica (MORAES, 2020: 99). Essa questão é importante para se pensar o contexto hegemônico masculino no âmbito esportivo e isso também refletia tanto na forma, como na composição da torcida de futebol. A composição da torcida nos estádios de futebol e o ato de torcer acompanharam essa historicidade e tanto no universo amador quanto profissional “[...] os(as) torcedores(as) aprenderam diferentes formas de expressar emoções e socializar com os sujeitos no entorno de um campo de futebol” (KESSLER, 2020:133), sem perder de vista que essas interações sociais dispõem das mais variadas motivações.

queixando bastante dos árbitros, argumentando que o jogo tinha sido “roubado” e que os árbitros mereciam apanhar por conta disso. No primeiro momento fizeram uma roda próxima ao portão de saída do Estádio onde proferiram falas exaltadas sobre a partida. Conforme o tempo ia passando e os árbitros não saíam pela porta do ginásio onde fica o vestiário, as torcedoras decidiram ir até o local bloqueando a saída, onde tiveram que ser contidas pela organização porque aquele comportamento poderia ocasionar em perda de pontos na competição. A ameaça surtiu efeito em Didi que passou a monitorar os demais torcedores durante a competição para que o time não fosse prejudicado em termos de pontuação e atrapalhasse o caminho para o título.

Houve outra situação, em outra partida, em que um torcedor presente na arquibancada arremessou uma latinha de cerveja no campo. No momento em que o árbitro paralisou o jogo para pegar objeto e mostrar para o árbitro de mesa com o intuito de registrar na súmula da partida o ocorrido, diversos torcedores do Catanga se manifestaram dizendo que o ato não teria sido feito por um deles. Diante da frustração da torcida, Didi alertou os demais que reconheceria o autor e incitado um acerto de contas na moradia do suspeito, investida que não se concretizou. A questão da latinha efetivamente gerou um problema, o Catanga foi penalizado em três pontos na classificação geral da competição e após a partida, o secretário de esportes resolveu se queixar com alguns jogadores do Catanga sobre o comportamento específico de Didi ao longo do campeonato. No outro domingo, ciente do sermão do secretário, logo no início da partida, Didi adotou uma postura diferente e caminhou em direção a árbitra que estava local onde costumava ocorrer as provocações, próximo à linha de escanteio e brincar com falas “hoje tá tudo bem”, “não quero confusão”.

Outro momento de tensionamento é pela disputa de espaço na arquibancada, uma ideia de gestão territorial. Embora o Catanga tivesse o seu espaço reservado, não só demarcando o seu pedaço como produzindo fronteiras com outros torcedores, o que implicava em assentos garantidos na área coberta com bancos de cimento que proporcionavam uma boa visão para o campo e certa proximidade dos árbitros da partida, vê-las sentadas assistindo os lances se mostrou algo bastante incomum. Didi passava grande parte do jogo pressionando o árbitro que estivesse cobrindo aquele lado do campo e como na maioria dos jogos foi escalado o mesmo trio de arbitragem, composto por dois homens e uma mulher, suas falas alternavam entre “urubizinha”, “velho viado”, além de outras ofensas acompanhadas de constantes ameaças de pular a grade de proteção que separava arquibancada e campo para confrontá-los fisicamente. Em momentos mais exaltados, Didi

se pendurava na grade e ameaçava pular no campo em direção aos árbitros, sem grandes represálias por parte dos demais presentes. Segundo torcedores do Catanga, esse comportamento também ocorreu nas competições de 2018 e já era algo esperado pelos demais presentes. Presenciei, inclusive, um momento onde Fabinho pediu para Didi ir até o arbitro para pressioná-lo e ela o fazia à sua maneira, voltando muitas vezes dessa pressão sobre os árbitros com o rosto vermelho e bastante ofegante.

Figura 34: Torcedores do Catanga pressionado um dos árbitros durante uma partida.



Fonte: Acervo do autor.

Paula, a irmã mais nova, apesar de estar sempre ao lado de Didi na arquibancada durante todos os jogos, gostava de ficar comentando os lances e discutir posicionamentos e táticas, além de também “puxar” canções e acompanhar as movimentações da bateria. Embora não se envolvesse em atritos no Estádio da mesma maneira que Didi, isso não significava que não estava vigilante em relação aos códigos do pedaço do Catanga e isso se mostrou mais evidente quando ela confrontou um torcedor que torcia para o time adversário na arquibancada, próximo da torcida organizada (o fato de ser alguém conhecido, não impediu uma troca de agressões verbais). Um rapaz, que não vestia a camisa de nenhum clube, estava sentando próximo à torcida do Catanga e reagia de maneira enérgica a cada lance do time adversário que possibilitava uma aproximação do grande objetivo de fazer o gol. Ao perceber essas reações, Paula mostrou sua irritação gritando em sua direção “cala boca seu filho da puta”, “seu bairro nem time tem”, e o rapaz respondeu comemorando minutos depois o gol contra o Catanga balançando a genital em sua direção. Extremamente

exaltada com a provocação, Paula chamou o torcedor para a briga: “Você só fala! Vem aqui resolver se for homem”. Nesse momento, Laura, que estava assistindo ao jogo um pouco mais distante da arquibancada, passou na frente da sua irmã e foi até o torcedor colocar o dedo na sua cara enquanto o ameaçava.

Como dito no relato sobre a discussão, Laura não costumava assistir aos jogos na arquibancada durante às duas competições que presenciei, ela se deslocava para outro espaço e assistia aos jogos atrás de um dos gols, rente a grade e cercada de outros familiares e amigos. Embora também demonstrasse descontentamento com as decisões dos árbitros em alguns momentos e contra torcedores que se manifestavam a favor do adversário do Catanga em campo, seu comportamento era mais contido e tinha os olhos sempre atentos ao seu filho mais velho, que ocupava a posição de lateral, e de seu filho “de consideração”, Miguel, atacante do Catanga. Apesar de estar a uma certa distância de suas irmãs que estavam juntas da torcida organizada na arquibancada, caso percebesse qualquer início de confusão que envolvesse uma delas, sua postura se modificava e como ela mesmo me disse: “Se precisar brigar, eu brigo”. Esse afastamento inicial na hora de assistir ao jogo reflete um incômodo e uma tentativa de evitar confrontos com conhecidos e até mesmo com suas irmãs. Como também observou Kessler (2020) em sua etnografia sobre futebol de mulheres na capital gaúcha, alguns torcedores mudavam de lugares para evitar possíveis confrontos ou incômodos na tentativa de estabelecer uma ordem relativa caso alguém “passasse do limite” (KESSLER, 2020, p.136). Esse limite era tensionado em relação aos outros torcedores do Catanga, pertencentes àquele pedaço onde a torcida se posicionava no estádio. A esses que Laura considerava se afastar para evitar um conflito, mas o mesmo não ocorria com outros torcedores, visto que estes tencionavam fronteiras e o conflito se dava por uma questão de gestão territorial.

John Comerford (2003) fala sobre uma forma de sociabilidade marcada por um caráter agonístico em diferentes espaços, citando inclusive o futebol, onde existe a possibilidade de provocar e ser provocado a partir de um entendimento nativo em que a provocação pode ser jocosa ou séria, com a possibilidade de ser entendida também enquanto desrespeito, insulto e até mesmo ofensa. Nesse sentido, o autor argumenta que a provocação tem uma dupla operação de interpretação, tanto daquele que provoca e brinca, quanto daquele que é ou se sente provocado (COMERFORD, 2003, p.84–85). Forma-se um conjunto de operações que envolvem não somente aqueles que estão interagindo diretamente, mas também as

interpretações do público presente, demonstrando ser essa dimensão agonística que compõe as formas de sociabilidade.

Assim, um segmento de ações agonísticas é re-presentado em outros contextos, por narrativas, que podem estar elas mesmas inseridas em um contexto de provocação. E tais narrativas também podem se tornar parte de ainda outras narrativas, e assim por diante. O desafio, a *provocação*, é, portanto, sempre um mecanismo complexo, campo para muitas sutilezas. Ao ser observado por um público, esse fluxo de ações e interpretações vai se inserir no fluxo de narrativas da comunidade, passando a estar sujeito a ainda outras interpretações (COMERFORD, 2003, p.85).

É a partir desse “saber-viver” que podemos falar também de um “saber torcer”, onde implicações morais entre provocações e respeitabilidade são geridas por esses torcedores em proporções desiguais. Um caso é o da evitação amigável por parte de Laura, que se “isolava” dos demais torcedores no Estádio. Outro caso é o da transgressão da boa regra de convivência pelo torcedor que ocupou o espaço da arquibancada entendido como “pedaço do Catanga”, com o agravante de comemorar um gol do time adversário provocando não apenas uma de suas torcedoras (Paula), como toda a comunidade do Catanga, dado que o time é também uma fonte de narrativas de respeitabilidade para o bairro em que moravam. Como dito anteriormente, não era somente o bairro, mas a torcida de futebol também tinha a reputação de ser “encrenqueira”, formando aquilo que denominei como Comunidade Futebolística do Catanga, e essa comunidade era famosa pelas brigas e discussões dentro e fora do Estádio.

Esse clima de tensão e apreensão se tornava também um ingrediente para jogos específicos onde o Catanga enfrentaria seus maiores rivais em campo, como era o caso do time da Feira, onde ouvi diversos relatos de pessoas que não costumavam frequentar o Estádio, mas considerariam assistir ao jogo que classificavam como “tão aguardado”.

É importante ter em mente que diante dos diferentes critérios sobre o que é considerado provocação ou brincadeira, existe aquilo que Kessler (2020) destaca como lógicas e estratégias sobre o entendimento do papel esperado de cada personagem naquele ambiente do futebol. Os confrontos de Didi para pressionar os árbitros durante todo jogo era algo esperado e até mesmo incitado por membros da torcida do Catanga, algo visto como necessário para a equipe não ser prejudicada a partir de um jogo de intimidação que em alguns momentos era preciso ser controlado.

Na verdade, como busquei demonstrar com as narrativas desse capítulo, Paula, Laura e até mesmo Didi não são o "problema". Pelo contrário, podemos dizer serem modelos, protótipos de torcedoras que representam o Catanga justamente porque o vínculo delas com o clube iam além do pertencimento, mas também passavam pelo parentesco, amizade e vizinhança (elas estavam sempre atentas aos seus filhos, irmão e sobrinhos). Porém, principalmente Didi acaba se colocando na posição de "problema" por exceder certos limites. Sendo assim, ela simboliza o oposto daquilo que Dário pretendia ser, o modelo paradigmático de se lidar com a má fama e a reputação do bairro. Ao contrário "drible", aquilo que concretiza um "jogo de cintura" para se lidar com as adversidades, Didi encarna a radicalização da luta. Se retornamos para a descrição do jogo onde ela invadiu o campo, a própria Didi sente que extrapolou ao pedir desculpas repetidamente para mim e para o seu filho, colocando a bebida enquanto uma justificativa. Assim, a bebida simboliza o "passar do limite" e o contrário do "jogo de cintura", enquanto expressa justamente o desequilíbrio. Se a partir da fala de Dário foi possível compreender que driblar seria uma estratégia inteligente no sentido de se achar o caminho para se inverter a fama, sem, no entanto, aboli-la completamente, a bebida seria o contraponto por meio do qual a torcedora é levada pelas emoções.

Didi estava posicionada nos limites entre a torcedora modelo e a torcedora problema. Nem totalmente uma, ou totalmente outra. Ela parece simbolizar o limite do próprio futebol, expressando conflitos que nunca encontram solução. Por mais que se busque o controle (como o próprio Dário tentou com a distribuição dos chocolates durante a Páscoa), na prática, é diferente e as coisas saem do controle. Assim sendo, a relação agonística gera problema dentro do campo e também de reputação do bairro fora.

4.4 Produzindo a diferença: o caráter dissociativo do futebol

Por coincidência, o domingo seguinte, no dia 11 de novembro, dia da grande final, dia de "festa na favela", foi uma reedição do jogo em que ocorreu a briga dentro de campo, semanas antes. Porém, dessa vez, o clima era diferente. Não houve ocorrência de violência física. A organização do evento decidiu aumentar a segurança, contratando dois seguranças e pedindo apoio da polícia que deixou um carro estacionado próximo ao portão de saída. Novamente o jogo causava um "aperto no peito" e a preocupação maior era que nenhum jogador saísse machucado.

Para Fabinho, o resultado não importava. A partir de uma fala que priorizava o “bem maior” do bairro, já que ambos os times representavam o bairro do Catanga, ele dizia: “Independente de quem ganhar, é tudo nosso”. No decorrer do jogo, porém, quando o Catanga abriu a vantagem de 1 a 0, em uma fala mais reservada, seu posicionamento mudou: “Catania é o caralho, quem tem que ganhar é o Catanga!”, contrastando uma fala pública que se opõe a um sentimento privado (algo que também pode ser compreendido como uma tentativa de controle).

O Catanga ganhou a partida por 4 a 2 e se tornou campeão municipal de 2019. Mesmo proibida por um ano de frequentar o Estádio Municipal, a punição não impediu Didi, novamente sem a camisa de nenhum dos dois times, de entrar no gramado durante a premiação para comemorar o título, além de tirar foto com o time e com a medalha de prata dos seus filhos. Seu filho, o mesmo que a retirou do gramado durante a confusão e disse estar envergonhado na ocasião, colocou a medalha de campeão no peito de sua mãe como forma de homenagem.

Figura 35: Entrega de medalhas e troféus para os dois times da final com a presença de torcedores e organizadores do evento.



Fonte: acervo do autor.

É importante destacar o caráter dissociativo do futebol através de um ímpeto agonístico. Novamente dois times do bairro, Catanga e Catania, se enfrentaram pelo título de campeão da cidade e naquela ocasião parecia não haver a menor possibilidade de ocorrer alguma briga. Laura, por exemplo, decidiu comparecer novamente ao Estádio sem a sua camisa habitual do Catanga, deixando de lado um símbolo importante para evitar o conflito.

No entanto, a despeito das tentativas de se mascarar as diferenças, elas emergem outra vez, mais uma vez o futebol lembrava a todos que não era “tudo nosso”. Com a ocorrência do gol, o conflito se mostrava inerente ao jogo. Mesmo sem os símbolos, no caso a camisa, o futebol produzia a diferença.

Observaram-se diferentes formas de expressar emoções e sociabilidades durante as partidas de futebol nas duas competições que acompanhei no decorrer da dissertação. No caso específico das torcedoras Didi, Paula e Laura, seus envolvimento com o time do Catanga também passavam por outro componente estruturante além do pertencimento, pois possuíam também um vínculo de parentesco. Acompanhar as partidas também era entendido como uma atividade familiar. Enquanto apoiavam o time, estavam sempre vigilantes em relação aos seus filhos e sobrinhos, e quando considerassem que eles precisavam de ajuda, não hesitavam em pressionar e até mesmo confrontar os árbitros da partida, e, se necessário, pular em campo para protegê-los, além de vigiar os demais torcedores para não prejudicarem o time em questão de pontuação. Como ressalta Kessler (2020), a assistência familiar na prática esportiva ocorria a partir de uma via de mão dupla, fornecendo uma segurança física e emocional, colocando muitas vezes o resultado da partida em segundo plano, mas verem aqueles pelo que tanto zelam saírem de campo sem nenhum machucado (KESSLER, 2020, p.142). E a importância dessa participação foi reconhecida pelo próprio filho de Didi ao colocar a medalha de vice campeão municipal no pescoço da mãe, que dançava emocionada, afinal, naquele dia, a conquista também era sua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender a relação entre um time de futebol amador e a vida no bairro, vínculo este que era constantemente negociado. Os times de futebol amador em Passa Quatro eram organizados através dos bairros e o pertencimento ao Catanga reforçava também um pertencimento à localidade, relacionando clubes e moradores através da prática esportiva. A articulação entre pertencimento clubístico e o bairro fazia com que as práticas e relações em torno dos espaços do futebol amador se tornassem, assim, dimensões importantes de identidades territoriais.

Apesar de estar localizado no bairro Rio das Pedras, Catanga denominava o time de futebol, o bloco de carnaval e o próprio bairro, o que era reforçado durante toda a pesquisa

de campo, em que ouvia sempre como referência o “bairro do Catanga”. Era no Catanga e pelo Catanga que a prática esportiva e o ato de torcer ampliavam a dinâmica social e, para compreendermos isso, lançamos um olhar para os trajetos por campos de futebol, bares e avenidas, observando também modos distintos de interação e práticas específicas.

O reconhecimento do Catanga era, desse modo, o reconhecimento de todo bairro, uma identificação que combinava vínculos familiares e de vizinhança com a participação em eventos do futebol. Nesse sentido, jogar e torcer extrapolavam o jogo de futebol em si, enquanto se negociava valores e ideias em torno da reputação do bairro onde moravam. A cidade se tornava, também, espacialmente demarcada pelos seus clubes de futebol, condensando e recriando conotações ideológicas ligadas aos bairros, conotações estas que circulavam com seus torcedores, negociando o ambiente que habitavam e constituindo narrativas de maneira ativa, ao participarem dos trajetos do futebol.

No primeiro capítulo buscamos destacar a pluralidade de práticas em torno do futebol, bem como suas diferenciações passavam pela ordem do simbólico, a partir de um diálogo com o universo profissional, integrando aspectos de organização com sede, presidente, torcidas organizadas, diretoria e patrocinadores, time principal e time de base, além de mesclagem entre regras “oficiais” e adaptações da mesma com diferentes interpretações. Nesse contexto, mesmo tendo a oportunidade de jogar uma competição intermunicipal como a LDC, o importante era ser campeão municipal sobre rivais tradicionais. Ou seja, elucidando um reconhecimento social deste universo que passa por critérios bem definidos.

Já no segundo capítulo nosso objetivo foi descrever de maneira mais detalhada sobre essa relação entre futebol e bairro pela perspectiva do pertencimento clubístico, ou seja, uma atividade do âmbito do lazer e entretenimento consistindo em um pertencimento permanente e específico, que tem o Catanga Futebol Clube como mediador. Formula-se assim, uma comunidade a partir do compartilhamento de códigos, valores e atitudes. Desse modo, pertencer ao Catanga possibilitava criar vínculos e laços que ultrapassavam o jogo de futebol propriamente dito, a partir de um engajamento, em que torcer significava frequentar a sede do clube, o estádio e o bloco de carnaval, cantando, xingando, jogando, batendo palmas, batucando, bebendo, provocando, brigando e circulando, uma dinâmica aliada a dimensão estética que se manifestava através do uso de camisas, bonés, canecas, bandeiras, faixas e cores. Era constituído uma maneira coletiva de circular pela cidade expandindo a narrativa desses torcedores, dinamizando não só a relação entre os pedaços, mas iluminando um

futebol que também está em movimento, que demanda circulação, jogado dentro e fora do gramado, colocando em jogo diferenças sociais.

Nesse contexto, existiam regras de convivência e um saber torcer muito bem definidos pela comunidade do Catanga, regras prescritas sobre o que era permitido e o que não era permitido. A briga e a provocação era recorrente e até mesmo esperados, por outro lado, trocar a camisa do Catanga por outro time da cidade implicava em uma transgressão de uma norma contextual estabelecida dentro daquela comunidade, nesse caso, a traição não se remetia somente à relação no gramado, mas também ao bairro onde residiam. Esse foi o caso Almir que decidiu jogar pelo Papo Seco, outro time da cidade, e a partir disso passou a participar de uma outra dinâmica, se tornando uma figura ambígua e sendo confrontado não só nas arquibancadas como também dentro do bairro do Catanga.

O movimento contrário, a mudança de um jogador do time rival para o Catanga, era aceito, mas com desconfiança. Mesmo representando e jogando pelo Catanga, o jogador em questão ainda permanecia no plano da ambiguidade, como foi o caso de Miguel. Contudo, no momento em que passou a integrar a dinâmica da comunidade tanto como jogador quanto morador do bairro, tornou-se uma figura mais estável. Dessa forma, buscamos analisar essas questões através de um olhar etnográfico, destacando o que estava sendo colocado em questão por aqueles que se relacionavam pelo futebol e pelo local onde moravam.

Por último, discutimos que não se tratava de um trabalho de campo sobre o bairro do Catanga, mas do vínculo entre time de futebol e a localidade onde residiam que, através do mapeamento social, participavam ativamente da produção de narrativas que colocavam em jogo a reputação do Catanga enquanto uma comunidade futebolística. Pensando o Catanga enquanto uma comunidade, foi possível refletir sobre os jogadores, torcedores, moradores do bairro e dirigentes, suas narrativas e disputas sobre o bairro do Catanga a partir do futebol. Tais narrativas constituíam, assim, ferramentas sociais e culturais que impunham aspectos positivos e negativos ao Catanga, através de embates que revelam uma imagem pública. Nesse sentido, era o reconhecimento de uma coletividade que participava ativamente de uma dinâmica de operações de mapeamento, em que estes sujeitos se mantinham sempre atentos às ações e acontecimentos cercados por uma sociabilidade conflitiva.

Essa sociabilidade conflitiva passava pela forma como essas ações e acontecimentos eram interpretados publicamente, sem perder de vista as mais variadas motivações. Podemos falar, portanto, de uma sociabilidade agonística que envolvia eventuais

provoações, atravessadas pela compreensão nativa de que estas atitudes poderiam ser entendidas como jocosas ou, até mesmo, como desrespeito, insulto e ofensa. Assim, se constituía um conjunto de operações que não envolvem somente aqueles que participam diretamente, mas também o público presente que assiste ao ocorrido. Nesse contexto, era colocado em disputa interpretações sobre estratégias acerca do papel a ser desempenhado em relação a cada personagem inserido naquele ambiente do futebol. Como busquei demonstrar através do caso de Didi, era esperado que ela pressionasse os árbitros da partida, que apoiasse seu filho em campo e, mesmo impedida de frequentar o Estádio Municipal, sua participação era aguardada durante a cerimônia de premiação, afinal, se trata de uma torcedora de extrema importância não somente para o Catanga, mas também mas a dinâmica do futebol.

Referência Bibliográfica:

BAULER, Silvia Regina Godinho. **O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) — Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

BRASIL. **IBGE.** Censo Demográfico, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/passa-quatro.html?>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

BRITTO, Carlos. **Passa Quatro: 75 anos de futebol.** 1997.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dimensões de gênero e os múltiplos futebolis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil.** Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

COMERFORD, J. **Como uma família: sociabilidades, territórios de parentesco e sindicalismo rural.** Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UERJ, 2003.

DAINESE, Grazielle. Chegar à Terceira Margem: um caso de prosa, paixões e maldade. **Anuário Antropológico/2014,** Brasília, unb, 2015, v. 40, n. 1: 233–255.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. **Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol.** História: Questões & Debates. N. 57: 45–72, 2012.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Antropologia. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

DURKHEIM, Émile. As formas **elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ENNY, Vieira Moraes. Menina, você parece um macho-feme jogando bola! Relatos de mulheres jogadoras de futebol na Bahia (Jequié, anos 1970). In: Kessler, Cláudia Samuel; Costa, Leda Maria da; Pisani, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

FRANCISCHINI, Sandro. A difícil nacionalização do futebol: a era Havelange. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos E. (org.). **Visão de Jogo**: antropologia das práticas. São Paulo, Terceiro Nome, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol** – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: estudo antropológico sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói, RJ: EDEFF, 1998.

KESSLER, Cláudia Samuel. “**Torcedor joga na palavra**”: uma etnografia em jogos de equipes de futebol de mulheres de Porto Alegre/RS. In: Kessler, Cláudia Samuel; Costa, Leda Maria da; Pisani, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

MAUSS, M. **O ensaio sobre a dádiva**. Cosac & Naify, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: pedaços & trajetos. Revista de Antropologia. V. 35: 191–203, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O circuito**: proposta de delimitação da categoria. Ponto Urbe (USP), v. 15, p. 7-14, 2014.

MOSSRI, Pedro. **Curiosidades Históricas do Passa Quatro**. 2000.

MOSSRI, Pedro. **Apostila Passa Quatro**. 1995.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

PACHECO, Leonardo Tuchi. A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo W. (org.). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

PEREIRA, LUZIMAR P. **AS VICISSITUDES DA FAMA: OS DONS DIVINOS E OS PACTOS DEMONÍACOS ENTRE OS TOCADORES DE VIOLA DE DEZ CORDAS DO NORTE E NOROESTE MINEIRO**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2012, V. 55, Nº2.

PISANI, Mariane da Silva. Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística. In: Kessler, Cláudia Samuel; Costa, Leda Maria da; Pisani, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

POZZI, Luís Fernando. Futebol Empresa. In: COSTA, Márcia Regia da. Et al. **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A Metamorfose do futebol**. Campinas: UNICAMP, 2000.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana**. Tese de Doutorado, Antropologia Social, USP, 2015.

SPAGGIARI, Enrico. Futebol e Antropologia, um jogo etnográfico “de categoria”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo W. (org.). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

SALES, José Roberto. **A tromba-d’água de 1956 em Passa Quatro - MG: perfil socioeconômico das vítimas fatais**. Varginha, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 40–49, 1994.

TURNER, VICTOR. **A floresta de símbolos: aspectos do ritual ndembu**. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.